

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**ISABELLE MURARO GONÇALVES**

**VOZES DA MIGRAÇÃO MINEIRA EM SIQUEIRA CAMPOS/PR:  
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS (1940-1960)**

**PONTA GROSSA**

**2022**

**ISABELLE MURARO GONÇALVES**

**VOZES DA MIGRAÇÃO MINEIRA EM SIQUEIRA CAMPOS/PR:  
MEMÓRIAS E HISTÓRIAS (1940-1960)**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), como requisito para obtenção do título de mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Robson Laverdi

**PONTA GROSSA**

**2022**

G635            Gonçalves, Isabelle Muraro  
                  Vozes da migração mineira em Siqueira Campos/PR:  
                  memórias e histórias (1940-1960) / Isabelle Muraro Gonçalves. Ponta Grossa,  
                  2022.  
                  153 f.

                  Dissertação (Mestrado em História - Área de Concentração: História, cultura e  
                  identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

                  Orientador: Prof. Dr. Robson Laverdi.

                  1. Migração. 2. Memórias. 3. História oral. 4. História do Paraná. I. Laverdi,  
                  Robson. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. História, cultura e  
                  identidades. III.T.

                  CDD: 981.62



## TERMO DE APROVAÇÃO

**Isabelle Muraro Gonçalves**

**Vozes da migração mineira em Siqueira Campos/PR: memórias e histórias (1940-1960)**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História- Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 30 de novembro de 2022, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Robson Laverdi (Orientadora)

Profª. Drª. Méri Frotscher Kramer (UNIOESTE/UNICENTRO)

Prof. Dr. Alessandra Izabel de Carvalho (UEPG)

Prof. Dr. Ilton Cesar Martins (UEPG)

## Ata nº 11/2022

Ata de Defesa de Dissertação de Mestrado apresentada pela mestranda Isabelle Muraro Gonçalves na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Aos 30 dias do mês de novembro de 2022, às 9 horas, em sessão pública no Auditório do Museu Campos Gerais sob a presidência do Prof. Robson Laverdi, reuniu-se a Banca Examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado da pós-graduanda **Isabelle Muraro Gonçalves**. A banca, constituída pelos professores Doutores: Méri Frotscher Kramer (UNIOESTE/UNICENTRO), Alessandra Izabel de Carvalho (UEPG) e Ilton Cesar Martins (UEPG), foi indicada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Iniciados os trabalhos, a Presidência deu conhecimento aos membros da Banca e à candidata acerca das normas que regem a Defesa e definiu a ordem das arguições a ser adotada pelos examinadores. Na sequência, a candidata passou à defesa de sua Dissertação intitulada **Vozes da migração mineira em Siqueira Campos/PR: memórias e histórias (1940-1960)**. Encerrada a defesa, procedeu-se o julgamento, e a candidata foi aprovada. A Presidência ressaltou que a obtenção dos créditos de Dissertação e a outorga do Título de Mestre em História está condicionado ao cumprimento das exigências da Banca e o depósito da versão definitiva da Dissertação em arquivo na linguagem PDF, no prazo sessenta dias. A não entrega neste prazo anulará toda possibilidade de outorga definitiva do Título e, portanto, o recebimento da Certidão e outros documentos. A solicitação do diploma está condicionada ao cumprimento das exigências acima mencionadas.

Observações da banca: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Mudança de título ( ) não ( ) Sim: Novo título: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

  
Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)

  
Profª. Drª Méri Frotscher Kramer (UNIOESTE/UNICENTRO)

  
Profª. Drª Alessandra Izabel de Carvalho (UEPG)

  
Prof. Dr. Ilton Cesar Martins (UEPG)

“Prepare o seu coração  
Pras coisas que eu vou contar  
Eu venho lá do sertão  
Eu venho lá do sertão  
Eu venho lá do sertão  
E posso não lhe agradar”.  
 (“Disparada”, Jair Rodrigues)

## RESUMO

Ampliar o conhecimento sobre o (re)povoamento da área que corresponde ao Norte Pioneiro do Paraná, envolvida por uma historiografia tradicional, aliada a um memorialismo que exalta um suposto protagonismo de migrantes mineiros, requer um esforço por trazer os migrantes para narrarem suas histórias e, a partir daí, adentrar nesse universo. Isso mostrou-se possível pelo uso da história oral como metodologia de trabalho. Por ela, encontrou-se uma dinâmica muito mais complexa, forjada por diferentes trajetórias, famílias, redes, tempos e conflitos, que permitiram inscrever outras memórias e histórias de migrantes mineiros que chegaram à região entre os anos de 1940 e 1960, atraídos pelo cultivo do café. Dessas vozes, extraem-se os sentidos comuns das narrativas desses sujeitos no tempo e no espaço. A partir delas, é possível conhecer os modos de viver e de fazer, as sociabilidades e as subjetividades ambientais de quem viu o campo e suas práticas se modificarem desde então, bem como mobilizar uma memória única sobre a ocupação dessa região e sobre os sujeitos que participaram desse processo.

**Palavras-chave:** Migração. Memórias. História oral. História do Paraná.

## **ABSTRACT**

The (re)population of the region known as Pioneer North of Paraná is enmeshed in traditional historiography that is allied with a memorialist perspective exalting the supposed protagonist role of migrants from Minas Gerais. Developing a more in-depth understanding of the region requires an effort to consider the narratives and stories of migrants and, from there, begin to comprehend this context. This proved possible through the methodology of oral history. Through oral histories, a more complex dynamic was encountered, forged by different trajectories, families, networks, times, and conflicts, which permitted the consideration of other memories and stories of migrants from Minas who arrived in the region between the 1940s and 1960s, attracted by coffee cultivation. From these voices, the common threads of the narratives in time and space are examined. As such, it is possible to gain an understanding of ways of life and daily practices, as well as the sociabilities and environmental subjectivities of those who have seen the countryside and its practices change, as well as bring to light a unique memory about the occupation of this region and about the subjects that participated in this process.

**Keywords:** Migration. Memory. Oral history. History of Paraná.



## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b> – Localização da mesorregião Norte Pioneiro.....	13
<b>FIGURA 2</b> – Região Geográfica Intermediária (IBGE).....	14
<b>FIGURA 3</b> – Região Geográfica Imediata (IBGE).....	15
<b>FIGURA 4</b> – Panfleto publicitário da Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP) veiculado em 1941.....	38
<b>FIGURA 5</b> – Capa da obra Minha Terra & Minha Gente: história do Município de Colônia Mineira e de Siqueira Campos.....	40
<b>FIGURA 6</b> – Capa da obra Norte Pioneiro Norte Velho: Siqueira Campos no cenário do norte do Paraná.....	41
<b>FIGURA 7</b> – Inauguração da estação ferroviária da Colônia Mineira em 1915.....	60
<b>FIGURA 8</b> – Foto de 2021 mostra onde se localizava o campo do Ribeirão Bonito.....	97

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1 – NORTE PIONEIRO DO PARANÁ: CONSTRUÇÃO E IDEALIZAÇÃO.....</b>	<b>26</b>
1.1 OS MITOS DA OCUPAÇÃO E DO VAZIO DEMOGRÁFICO.....	26
1.2 HISTORIOGRAFIA E MEMORIALISMO DA MIGRAÇÃO MINEIRA.....	32
1.3 QUE MEMÓRIA É ESSA?.....	49
<b>CAPÍTULO 2 – OS MÚLTIPLOS SENTIDOS DAS VOZES DA MIGRAÇÃO.....</b>	<b>59</b>
2.1 DEIXANDO MINAS GERAIS.....	59
2.2 A CENTRALIDADE DA VIDA DO TRABALHO.....	71
2.3 O TEMPO DO NÃO TRABALHO: RELIGIOSIDADE.....	85
2.4 OUTRAS SOCIABILIDADE E LAZERES.....	93
2.5 NÃO HAVIA SÓ MINEIROS.....	98
<b>CAPÍTULO 3 – OS SUJEITOS EM TRÂNSITO E O CAMPO EM TRANSFORMAÇÃO.....</b>	<b>103</b>
3.1 SUBJETIVIDADES AMBIENTAIS E MEMÓRIA.....	103
3.2 TRAJETÓRIAS E ITINERÂNCIAS: SUJEITOS EM TRÂNSITO.....	110
3.3 LUGAR DE FARTURA.....	120
3.4 O CAMPO NÃO É O MESMO.....	127
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>138</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>141</b>
<b>APÊNDICE A – FONTES.....</b>	<b>149</b>

## APRESENTAÇÃO

Desde criança ouvi meu avô paterno contar suas histórias sobre Minas Gerais, lembrando os tempos de Minas, Cafundó, Grotão, Pé do Tira-fogo, Ibitiúra, e assim por diante. Falava que fulano era mineiro como ele, que tinha vindo de Andradas; que tal costume ou tal comida era de mineiro; etc. Esse era um traço muito marcado em sua personalidade, e é também o ponto de partida do interesse no tema: como e por que esses mineiros vieram parar aqui? Que histórias eles têm para contar? Meu avô, que migrou de Andradas/MG até Quatiguá/PR na primeira década de sua vida, nos primeiros anos de 1950, partiu sem que eu nunca tivesse lhe pedido detalhes a respeito, e as histórias da mineiridade ficaram vagando em minhas memórias.

Por outro lado, a memória de migrantes que era mais fortemente lembrada e debatida na minha família se ligava àqueles que cruzaram o Atlântico. Isso porque era comum crescer com a ideia de que éramos filhos e netos de imigrantes europeus – espanhóis e principalmente italianos –, e a migração que os ascendentes realizaram dentro do Brasil quase passava despercebida. Aqui reside, portanto, um segundo foco de interesse: por que tanto se fala dos imigrantes se a população brasileira teve uma densa movimentação interna? A região do Norte Pioneiro do Paraná é constituída de imigrantes europeus, migrantes internos, ou ambos? Quem são e de onde vieram esses migrantes? Como a historiografia trata dos deslocamentos internos?

Aliado a isso, com minha mudança de Quatiguá para Siqueira Campos/PR, aos sete anos de idade, passei a ter contato com a história desta última através da escola: visitas ao Museu Histórico de Siqueira Campos, trabalhos sobre a história do município, a letra do hino municipal, todos uníssonos para informar que Siqueira Campos era antiga colônia de mineiros, como seu antigo nome mesmo informava: Colônia Mineira.

Soma-se a tais elementos a percepção de que o passado mineiro de Siqueira Campos/PR sempre ressoa entre os munícipes e seus vizinhos, que fazem referência a ele. É difícil precisar exatamente a ocasião em que essa referência surge, pois ela se apresenta espontânea e distraidamente numa conversa, por exemplo, ao se retomar a origem mineira da parentela dos envolvidos, ou então no vocabulário, na alusão à presença de itens da gastronomia mineira – a receita do pastel de polvilho é notadamente patrimônio cultural do município –, etc. Em outras palavras, trata-se de uma referência que paira no ar e se exhibe sempre que há uma oportunidade. É o caso

dos nomes de estabelecimentos que retomam e reafirmam o passado pioneiro/mineiro: “Posto Pioneiro”, “Café Norte Velho”, “Restaurante Mineirinho”, “Barraca do Mineiro”; ou o caso de um tradicional hotel do município, que, embora não faça referência em seu nome, “Hotel Queiroz”, o faz no *hall* de entrada, cuja proposta é que o hóspede encontre, através de quadros e pinturas nas paredes, um pouco desse passado; ou em times de futebol, que levam o nome “Colônia Mineira”, entre outros. A partir de tantas referências, surge a proposição: por que Siqueira Campos enfatiza esse passado mineiro? O que há de tão mineiro nesse passado?

Mais tarde, tomei conhecimento de duas obras, ambas de autoria de Joaquim Vicente de Souza, *Minha Terra & Minha Gente: história do Município de Colônia Mineira e de Siqueira Campos*<sup>1</sup> e *Norte Pioneiro Norte Velho: Siqueira Campos no cenário do norte do Paraná*<sup>2</sup>. Publicadas por iniciativa do estado do Paraná através de solicitação do município de Siqueira Campos, nelas se constata todo esse caldo de mineiridade: há a retomada, pelo autor, da antiga Colônia Mineira, como Siqueira Campos se chamou desde 1899 até 1930, e transparecem memórias comemorativas, genealógicas, identitaristas, que quase institucionalizam o passado mineiro, aquele mesmo passado presente nos discursos, nos nomes de estabelecimentos, entre outros. O próprio Museu Histórico de Siqueira Campos a certa altura levou o nome do autor, Joaquim Vicente de Souza, que também assina a letra do hino municipal<sup>3</sup>, a qual é mais um elemento ufanista dos “heróis” mineiros nesses registros todos.

Essa gama de elementos fez com que emergisse um interesse sobre a migração interna no Norte Pioneiro do Paraná, mais particularmente a de mineiros. Esse interesse, somado a tais constatações, redundou em uma análise da historiografia sobre o norte do Paraná, com destaque para as obras mais tradicionais, como: *História do Paraná*<sup>4</sup> e *Norte Velho, Norte Pioneiro*<sup>5</sup>, ambas de Rui C. Wachowicz; *História do Paraná: do século XVI à década de 1950*<sup>6</sup>, de Lucineia C.

---

<sup>1</sup> SOUZA, Joaquim Vicente de. **Minha Terra & Minha Gente**: história do município da Colônia Mineira e de Siqueira Campos. Curitiba: SEEC, 1988.

<sup>2</sup> SOUZA, Joaquim Vicente de. **Norte Pioneiro Norte Velho**: Siqueira Campos no cenário do norte do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial, 2007.

<sup>3</sup> EL-KHATIB, Faissal. **Municípios do Paraná**: História do Paraná. Curitiba: Grafipar, 1969.

<sup>4</sup> WACHOWICZ, Rui Christovam. **História do Paraná**. Ponta Grossa: Ed. da UEPG, 2010.

<sup>5</sup> WACHOWICZ, Rui Christovam. **Norte Velho, Norte Pioneiro**. Curitiba: Vicentina, 1987.

<sup>6</sup> STECA, Lucineia C.; FLORES, Marileia D. **História do Paraná**: do século XVI à década de 1950. Londrina: Ed. da UEL, 2002.

Steca e Marileia D. Flores; *Paraná: ocupação do território, população e migrações*<sup>7</sup>, de Sergio Odilon Nadalin; *História do Paraná*<sup>8</sup>, de Balhana, Machado e Westphalen; e *O Paraná e seus municípios*<sup>9</sup>, de João Carlos Vicente Ferreira. Destacam-se também outras mais recentes, como *Índios: um silêncio ao Norte do Paraná*, de Ramos e Alves; *Historiografia Norte Paranaense: alguns apontamentos*, de Sonia Adum; *'Norte Pioneiro' e Salto do Itararé: história regional e local em sala de aula*, de Paulo José de Paiva; *Ocupação humana da bacia do Rio das Cinzas: uma história de povos sem história*, de Aluizio Alfredo Carsten; e também *'Norte do Paraná': história e fantasmagorias*, de Nelson Dacio Tomazi.

As primeiras tratam da formação de núcleos populacionais na região chamada de Norte Pioneiro do Paraná, no século XIX, outrora Norte Velho, e colocam-se, geralmente, em consonância com o “mito do vazio demográfico” e a prevalência de narrativas sobre heróis desbravadores que teriam levado civilização e progresso para o “sertão”, concepções sobre as quais o trabalho dedicar-se-á. Nelas, de forma geral, o migrante mineiro e o paulista, cada um à sua medida, a depender do município, apresentam-se como os “fundadores”, já que abordam a ocupação e a urbanização da região, situando-as no contexto da (re)ocupação do estado e dos deslocamentos populacionais no Brasil, dentro de uma perspectiva econômico-produtiva do século XIX.

As últimas, por sua vez, tratam criticamente da postura do discurso sobre pioneiros e das estratégias de poder que se encontram impregnadas nele, bem como demonstram aqueles discursos que não subsistem a uma análise mais apurada da região, notadamente por se constatar não só a presença indígena, mas também a tensão entre esses e aqueles.

Tais aspectos propuseram uma ampliação do que se sabe sobre a migração mineira para o Norte Pioneiro do Paraná e a problematização, inclusive, de sua nomenclatura, já que “pioneiro” remete ao primeiro, ao fundador, ao passo que, muito antes do processo de formação de núcleos habitacionais, as terras eram habitadas por indígenas, o que propõe a exploração, pela pesquisa, sobre o silenciamento que as narrativas de “pioneirismo” e “vazio demográfico” evocam.

---

<sup>7</sup> NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná: ocupação do território, população e migrações**. Curitiba: SEED, 2001. (Coleção História do Paraná: textos introdutórios).

<sup>8</sup> BALHANA, Altiva Pilatti; MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Cecília Maria. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969.

<sup>9</sup> FERREIRA, João Carlos Vicente. **O Paraná e seus municípios**. Cuiabá: J.C.V. Ferreira, 1999.

O trabalho dedicar-se-á a compreender a memória da migração mineira e discutir seus significados e os silenciamentos que provoca acerca de outros sujeitos que integram esse passado, mas não se enquadram nas perspectivas enfatizadas de fundadores, heróis, pioneiros, proprietários e homens, ou seja, encontram-se à margem da historiografia. Mais do que uma história sobre a migração, o interesse recai sobre a história dos migrantes, esses sujeitos em trânsito, e suas próprias vozes. É sob esse horizonte que o trabalho analisa as trajetórias de mineiros migrantes para o Norte Pioneiro do Paraná, buscando aterrjá-las nas suas relações com o espaço: o deixado, o percorrido, o idealizado e o vivido, para historicizá-lo nessas diferentes ambiências e temporalidades.

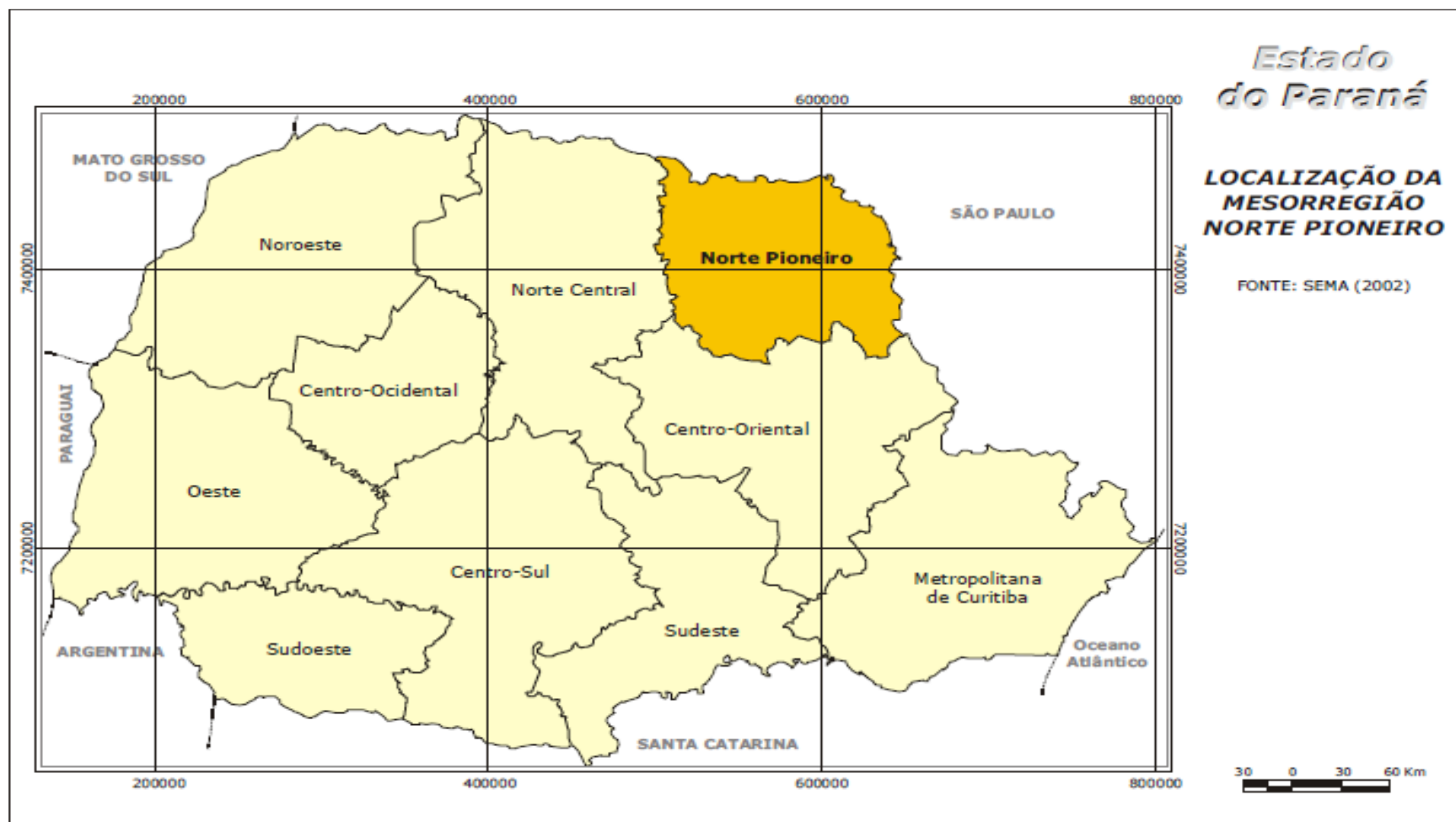
O recorte temporal da pesquisa é o do trânsito dos entrevistados, que tem como referência as décadas de 1940-1960, embora não se prenda totalmente a elas, pois contempla múltiplas temporalidades: as tratadas na historiografia, mais dedicada ao século XIX, bem como a dos migrantes entrevistados em 2021, cuja trajetória de vida abrange suas primeiras memórias, no século antecedente, até o presente.

Quanto ao recorte espacial, da mesma forma, o município de Siqueira Campos/PR constitui o centro de referência, o que se justifica por ser o município a partir do qual transparece essa memória social da migração mineira, mas igualmente não se limita a ele, envolvendo entrevistados de mais três municípios: Tomazina/PR, Quatiguá/PR e Salto do Itararé/PR. Tais municípios integram o chamado Norte Pioneiro<sup>10</sup>, nome que foi dado à mesorregião paranaense e que esteve em vigor até 2017, quando o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) propôs uma regionalização segundo regiões geográficas intermediárias e imediatas. Por ela, essa área corresponde à Região Geográfica Intermediária de Londrina (5) e Região Geográfica Imediata de Santo Antonio da Platina (RGI-22), conforme mapas a seguir (Figuras 1 a 3), elaborados pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES).

---

<sup>10</sup> Uma das dez mesorregiões geográficas do Paraná segundo o IBGE e de acordo com a Lei Estadual n.º 15.825/2008.

Figura 1 – Localização da mesorregião Norte Pioneiro



Fonte: IPARDES. **Leituras regionais:** Mesorregião Geográfica Norte Pioneiro Paranaense. Curitiba: BRDE, 2004. Disponível em: [http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/leituras\\_reg\\_meso\\_norte\\_pioneiro.pdf](http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/leituras_reg_meso_norte_pioneiro.pdf). Acesso em: 11 dez. 2021.

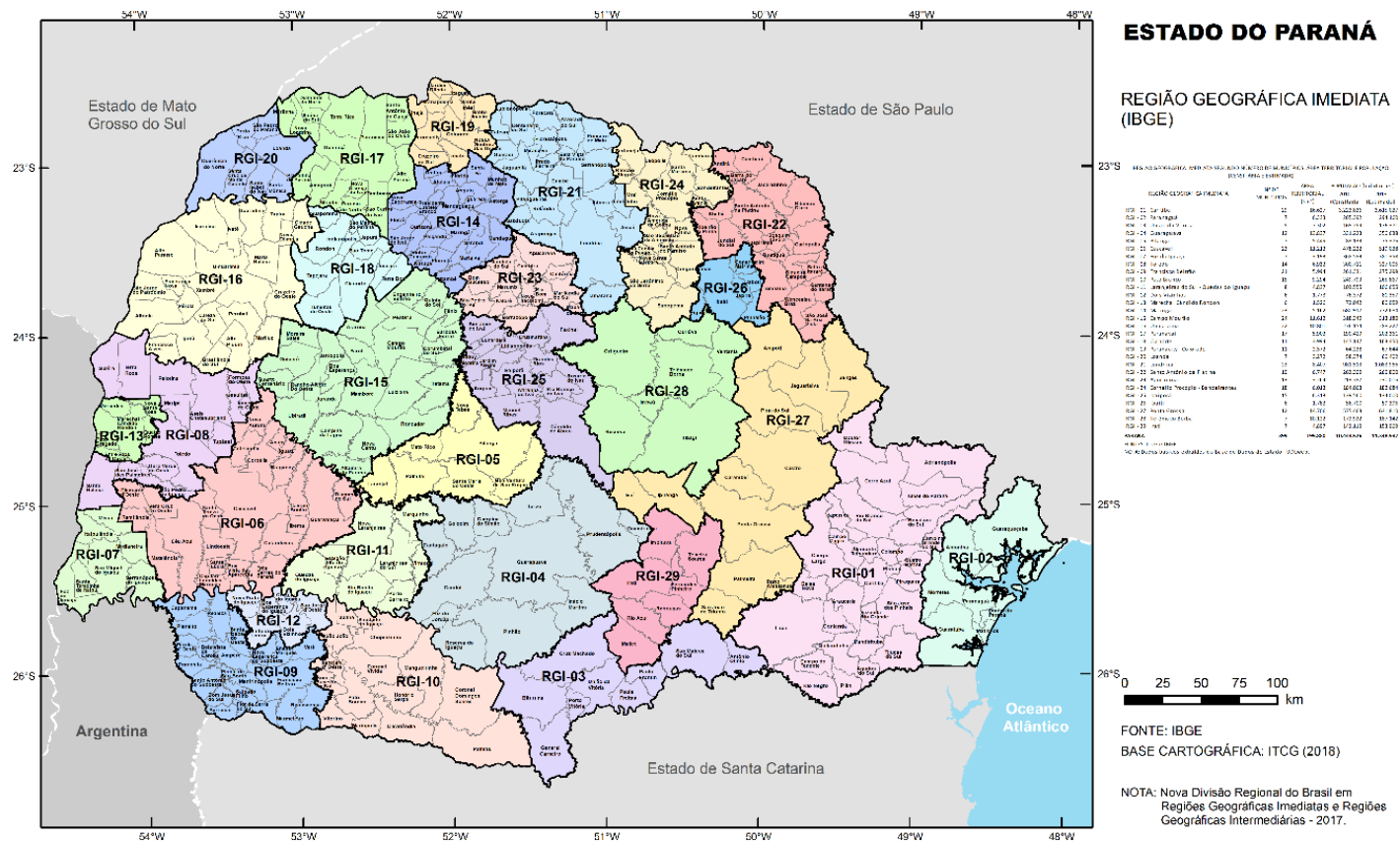
Figura 2 – Região Geográfica Intermediária (IBGE)



Fonte: IBGE. Base cartográfica: ITGC (2018). Disponível em: [http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base\\_fisica/regiao\\_intermediaria\\_2017.png](http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/regiao_intermediaria_2017.png). Acesso em: 31 jul. 2022.



Figura 3 – Região Geográfica Imediata (IBGE)



Fonte: IBGE. Base cartográfica: ITGC (2018). Disponível em: [http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base\\_fisica/regiao\\_imediata\\_2017.png](http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/regiao_imediata_2017.png). Acesso em 31 jul. 2022.

A opção de partir da análise sobre a memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR, mas não se limitar ao município, justifica-se pois, para se descortinar a memória social sobre a qual se envolve um município, mostra-se necessário conhecer as histórias que orbitam em torno desse espaço e que, em diferentes medidas, relacionam-se a ele, sobretudo porque a atual divisão geográfica dos municípios do Norte Pioneiro é relativamente recente, datando do século XX.

Nesse sentido, o município de Tomazina/PR, situado a menos de 20 km de distância de Siqueira Campos, mostrou relevância para a investigação na medida em que Siqueira Campos/PR emancipou-se daquele em 1920, de modo que as memórias da migração mineira nesses municípios se relacionam, pelo que seria anacrônico falar sobre Siqueira Campos/PR sem articulá-la ao espaço de que recentemente se desmembrara.

De modo diverso, o município de Quatiguá/PR, também situado a menos de 20 km de distância de Siqueira Campos, mostrou-se relevante na medida em que apresenta uma quantidade significativa de migrantes mineiros da segunda metade do século XX, o que contribui para desessencializar uma dada memória eminentemente siqueirense sobre a migração mineira, mas também porque esta apareceu relacionada às narrativas dos entrevistados, seja com lembranças de seu espaço, seja como ponto de destino, em seguida deslocado para Siqueira Campos/PR.

Por fim, à cidade vizinha Salto do Itararé/PR se chegou em virtude de entrevistados do distrito rural Alecrim, cujos moradores acabam se identificando mais com o espaço de Siqueira Campos, em razão da maior proximidade com este do que com o município que realmente integra.

Nesse aspecto, problematiza-se como a produção de histórias locais pode ter contribuído para a formação dos próprios municípios, pelo sentido de “origem” que confere. Vale dizer: alguns aspectos, como a migração mineira, embora transcendam os espaços municipais, ganharam maior repercussão em determinado município, a ponto de poderem ter influenciado, inclusive, a sua formação, ao servirem como um elemento definidor de fronteiras.<sup>11</sup>

Embora haja o recorte espacial sobre a Região Geográfica Imediata de Santo Antonio da Platina, é necessário pontuar que a divisão geográfica oficial não é capaz

---

<sup>11</sup> HASS JUNIOR, Arnaldo. **Horizontes da escrita**: historiografia, uma ideia de região e a monumentalização do passado. Alto Vale do Itajaí – SC (1985-2007), 2009. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

de dar conta da construção histórica, da dinâmica entre os ambientes e os sujeitos, e requer que se pense para além de seus limites. Um convite a se pensar a respeito é o fato de Siqueira Campos ter se apresentado, tanto na antiga denominação quanto na memória social, como “Colônia Mineira”, não obstante os indícios de outros núcleos terem contado com tais migrantes não só no início da sua formação, mas também posteriormente. Assim, delimitar político-administrativamente Siqueira Campos como correspondente a uma “Colônia Mineira” é ignorar o quão abrangente e dinâmico, no espaço e no tempo, o processo de migração de mineiros pode ter sido.

Quanto ao migrante mineiro como foco da pesquisa, tal escolha justifica-se em função de sua constante presença nas fontes e na historiografia, o que leva à preocupação de se conhecer quem são eles, em que medida dialogam com a produção historiográfica, no que se aproximam ou se distanciam da memória social da migração mineira, como se veem nesse processo, ou seja, trata-se de um modo de ampliar esse conhecimento rígido sobre o assunto e proporcionar o conhecimento de outras histórias.

Dado o interesse por esses sujeitos desconhecidos, buscaram-se migrantes mineiros nos municípios de Siqueira Campos, Tomazina, Quatiguá e no bairro rural do Alecrim, pertencente ao Salto do Itararé, o que se justifica pelo sentido de área comum que tinha o espaço rural a que então se destinaram, entre as décadas de 1940 e 1950, bem como pela configuração territorial oficial ser relativamente recente entre tais municípios.

A fim de se conhecer os migrantes mineiros que residem nessas áreas, optou-se pela história oral como metodologia. Por ela, foi possível encontrar muitas outras histórias, memórias, esquecimentos, silenciamentos, percepções e subjetividades sobre esses sujeitos que compõem os municípios e que não ganharam visibilidade na historiografia, mas com o cuidado de não reforçar uma pretensa identidade mineira nem de tomá-los os únicos ou os principais sujeitos.

A opção pela história oral como metodologia se mostrou relevante em razão de ser uma forma singular de conhecer o que se pesquisa, em que o sujeito ativo do processo histórico exprime sua experiência pelo seu testemunho pessoal, de onde é possível se identificar os sentidos comuns atribuídos à trajetória de vida e seus significados.

Cada entrevistado tem uma história ímpar, e das suas narrativas emergem sentidos comuns, entre os quais se podem mencionar: o sentido de migrar, as expectativas e frustrações da migração, a centralidade e organização do trabalho, a compreensão do papel da família e da vizinhança para as relações, a noção sobre o tempo e espaço de lazer, o significado do sagrado, as percepções ambientais etc.

Para mergulhar nessas subjetividades, a história oral foi o instrumento pelo qual transpareceram as memórias dos migrantes mineiros que não se compreendem nem se definem sob os moldes de uma memória social da migração mineira, arejando essa memória única. Ela é capaz de “[...] abrir caminhos para historicizar os significados e as dinâmicas sociais narradas pelos próprios protagonistas, até então obscurecidas pela historiografia e ausentes da memória hegemônica regional e local”<sup>12</sup>.

Essa abordagem também alerta sobre o problema da rotulação do migrante, pois os sujeitos podem não se identificar ou inclusive trabalhar para não se enquadrar em um modelo de referência, já que a migração pode não ser o dado mais relevante sobre suas vidas<sup>13</sup>, e tão pouco eles devem se compreender nesses termos. Nesse sentido, a história oral confere amplitude ao sujeito entrevistado, ao reconhecer a complexidade das relações havidas entre a migração e as comunidades formadas por migrantes.<sup>14</sup>

Embora se considere que, ao fim, as migrações tenham em seu eixo a busca por uma vida melhor e que o fator econômico soe com alguma preponderância nessa iniciativa, “o testemunho pessoal revela o complexo entrelaçamento de fatores e influências que contribuem para a migração e para os processos de troca de informações e negociação no interior das famílias e das redes sociais”.<sup>15</sup> A complexidade e os desdobramentos desse movimento e de tudo que ele mobiliza demandam uma metodologia aberta para captar essa abrangência.

Nesse ponto, importou a percepção registrada por Paul Thompson ao analisar as propostas e desafios da história oral na contemporaneidade, para quem há quatro temas que evidenciam a força e as potencialidades das pesquisas que envolvem tal metodologia: as vozes ocultas, dos marginalizados da sociedade; as esferas ocultas,

---

<sup>12</sup> LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas**: trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo-oeste do Paraná. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005, p. 5.

<sup>13</sup> THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002.

<sup>14</sup> *Ibid.*

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 345.

que abordam aspectos que normalmente não são tratados pela História, como a família, o cotidiano, as itinerâncias etc.; a esfera dos mitos e das tradições orais, que correspondem às crenças, aos comportamentos, às tradições, ao imaginário; e as conexões através da vida, que dizem respeito às redes, aos cruzamentos sociais havidos no processo migratório.<sup>16</sup>

No que se refere às vozes ocultas, não é correto pensar a história oral como sendo mais democrática do que outras metodologias por supostamente dar atenção aos “de baixo”, devendo-se entendê-la como uma metodologia que tem seu campo de interesse ampliado. Assim, não se trata de um instrumento para “dar voz” aos oprimidos, pois essa concepção reforçaria um caráter de diferenciação social que não é o escopo da metodologia.<sup>17</sup> No entanto, é possível reconhecer que, através da história oral, *vozes ocultas*, outrora não consideradas como fontes de interesse, assumem importância.

A mesma importância frisou Alessandro Portelli, atribuindo à história oral a função de situar forças entre aqueles que tiveram ou não o poder sobre a documentação escrita, ao admitir que “são condição necessária (não suficiente) para a história das classes não hegemônicas, elas são menos necessárias para a história das classes dominantes, que têm tido controle sobre a escrita e deixaram atrás de si um registro escrito muito mais abundante”.<sup>18</sup> Assim, pretende-se ampliar as vozes da migração mineira, juntando outras àquelas já conhecidas, o que não significa que elas necessariamente se contraponham, mas que podem se expandir.

Como articulou Portelli, a origem simples do entrevistado e o conteúdo de sua vida não são dedicação exclusiva desta metodologia, pois documentos escritos também podem revelar tais aspectos.<sup>19</sup> Porém, na história oral, o exercício interpretativo se movimenta entre entrevistador e entrevistado para produzir a própria fonte, relação que faz emergir informações que podem revelar não o passado em si, mas significados sobre ele. Estes sobrevivem em função de ser a memória constituída por processos que criam significados de forma ativa.<sup>20</sup>

---

<sup>16</sup> THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002.

<sup>17</sup> ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

<sup>18</sup> PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, v. 14, fev. 1997. p. 37.

<sup>19</sup> *Ibid.*

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 33.

Ao se trabalhar com um contexto de uma memória socialmente compartilhada, mobilizam-se os sentidos únicos da História, na medida em que se ampliam as possibilidades de os sujeitos que experienciaram o passado em questão falarem sobre o objeto da pesquisa: não porque sejam capazes de “revelar” objetivamente esse passado, mas pela narrativa subjetiva, construída histórica e coletivamente, de múltiplas e dinâmicas percepções sobre ele.

A singularidade de cada história de vida e cada entrevista advém da força presente na história oral, capaz de fazer rasgos na tessitura social que prende uma memória “enquadrada”, consoante compreendeu Pollak,<sup>21</sup> ou seja, organizada, como é o caso que ora se estuda.

Não se pode dizer que as narrativas deem conta, sozinhas, de representar a categoria de que tratam, mas são possibilidades<sup>22</sup> de representação, conforme esclarece Portelli, para quem há dois planos de possibilidades para as fontes orais: o textual, que amplia as possibilidades expressivas, e o de conteúdos, que abre a esfera da subjetividade do entrevistado.<sup>23</sup> Quando se diz sobre essa subjetividade socialmente compartilhada, aberta por esse horizonte ampliado da história oral, cuida-se de encontrar os sentidos comuns presentes nos entrevistados.

Os entrevistados desta pesquisa são 22<sup>24</sup>, dos quais dois foram abordados a fim de informarem sobre a produção das obras de Joaquim Vicente de Souza: Antonio Barbosa do Amaral, ex-prefeito de Siqueira Campos, que teve por iniciativa a publicação da primeira obra, em 1988; e Maria da Graça Montanha César, responsável pelo Museu Histórico de Siqueira Campos à época da publicação da segunda obra (2007), que contou com seu empenho para tanto.

Os demais entrevistados são sujeitos que apresentam alguma relação pessoal, direta ou indireta, com a migração mineira, tenha sido realizada por si ou pela família. Com o conhecimento, por mim, dessa ligação, foram selecionados, além dos que iam sendo indicados pelos próprios entrevistados à medida que a pesquisa se desenvolvia.

---

<sup>21</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro. CPDOC/FGV: CPDOC/FGV, v 2, n. 3, p. 3-15, 1989, p. 9.

<sup>22</sup> PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro: UFF, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996, p. 59-72.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 65.

<sup>24</sup> As entrevistas foram gravadas em vídeo MP4 e armazenadas em nuvem.

Será possível perceber que os entrevistados são pessoas idosas, que tinham entre 67 e 83 anos quando participaram da entrevista. Aqueles que participaram diretamente do processo de migração o fizeram na infância, com exceção de dona Noemia, dona Maura e dona Tereza, que migraram na vida adulta. Assim, a maior parte migrou entre as décadas de 1940 e 1950 principalmente, mas também na década de 1960.

As entrevistas desenvolveram-se sob um roteiro semidiretivo estruturado sobre os seguintes eixos:

- Autobiografia, em que o entrevistado é convidado a contar espontaneamente sua história pessoal e familiar;
- Narrativas da migração, quando o entrevistado é convidado a contar como se vê no processo da migração;
- Narrativas da permanência, em que o entrevistado é convidado a contar como se deu o processo de fixação no território;
- Narrativas de identificação, quando o entrevistado é convidado a contar como se vê no processo histórico local e em relação à história contada;
- Narrativas de processos correlatos à migração, tais como trabalho, educação, sociabilidades, interações, conflitos, tensões, percepções e subjetividades ambientais; e
- Outras histórias, quando o sujeito é convidado a contar coisas que acha importantes que não foram perguntadas.

No desenvolvimento das entrevistas, observou-se a disposição dos entrevistados em contar a sua vida – com a exceção de uma única recusa –, o que sempre se acompanhava da surpresa ao saber que suas trajetórias de dificuldades e muito trabalho – vidas “comuns” – poderiam ser objeto de interesse.

O contexto da pandemia de covid-19 impôs um desafio a mais para a realização das entrevistas. Foi necessário adotar cuidados sanitários na aproximação entre entrevistados e entrevistadora, como a realização das entrevistas com máscaras, distanciamento mínimo entre ambos, uso de microfone de lapela, entre outros,<sup>25</sup> além dos pressupostos éticos próprios da pesquisa com seres humanos,

---

<sup>25</sup> Tais procedimentos receberam o aval do Comitê de Ética da instituição de ensino através da Plataforma Brasil, a que se submeteu o projeto de pesquisa.

registrados nos Termo de consentimento livre e esclarecido<sup>26</sup> e Termo de cessão de direitos autorais e autorização de incorporação ao acervo,<sup>27</sup> a que os entrevistados optaram por anuir antes da realização das entrevistas.

Os entrevistados foram os seguintes:

- Antonio Leite dos Santos, 81 anos, morador do bairro rural de Barbosas, em Siqueira Campos/PR. Nascido no Paraná, é o filho caçula do casal que migrou de Jacutinga/MG para Tomazina/PR;
- Antonio Ramos da Silva Junior, 77 anos, morador de Siqueira Campos/PR, é filho de pais migrantes de Minas Gerais. A mãe era de Ipuíuna de Caldas/MG, enquanto o pai era de Andradas;
- Aparecida da Paixão Valle, 84 anos, moradora de Quatiguá/PR, migrante aos 12 anos, em 1948, de Ibitiura de Caldas/MG para Quatiguá/PR;
- Benedito Aparecido de Freitas, 72 anos, morador de Tomazina/PR desde que migrou de Monte Sião/MG, aos 14 anos, em 1963;
- Centilina Gonçalves Barbosa, 73 anos, moradora do bairro Ribeirão Bonito, em Quatiguá/PR, migrou para esta localidade em 1952, quando devia ter quatro anos;
- Edinir Aparecida Garagnani, 83 anos, moradora do bairro Alecrim, zona rural de Salto do Itararé/PR. Migrou de Andradas/MG em 1947, com nove anos, em direção a Quatiguá/PR;
- Genir Salvi Gonçalves, 77 anos, moradora de Quatiguá/PR, é filha de pais migrantes de Poços de Caldas/MG entre as décadas de 1930-1940;
- Guiomar Aparecida Delcol de Souza, 78 anos, moradora do bairro Alecrim, zona rural de Salto do Itararé/PR. Migrou de Andradas/MG aos dois anos, por volta de 1945;

---

<sup>26</sup> Por ele, o entrevistado toma ciência das nuances relacionadas à pesquisa, sua forma de participação, os riscos e benefícios envolvidos, o acesso ao pesquisador e à instituição de ensino, ao protocolo de segurança contra a covid-19, tal como o uso de microfone de lapela, uso de máscara, manutenção do distanciamento entre entrevistadora e entrevistado, higienização das mãos, não compartilhamento de objetos, entre outros.

<sup>27</sup> Nele, consente-se ou não sobre a possível divulgação da entrevista ou a sua permanência como depoimento fechado junto à instituição de ensino.



- José Domingos da Paixão, 81 anos, morador de Quatiguá/PR. Nascido em Ibitiura de Caldas/MG, migrou para Quatiguá/PR aos oito anos, em 1948;
- José Pitarelo, 70 anos, morador do bairro Ribeirão Bonito, zona rural de Quatiguá/PR. Migrou aos dois anos de Andradas/MG, em 1952;
- José Salvador de Souza Filho, 78 anos, morador do bairro Alecrim, zona rural de Salto do Itararé/PR, bisneto de migrantes mineiros;
- Leia Goulart Teixeira, 78 anos, moradora de Tomazina/PR, migrou de Ouro Fino/MG aos sete anos, em 1949;
- Luis Toniette, 82 anos, morador de Quatiguá/PR, nascido em Andradas/MG. Migrou aos dois anos para o estado de São Paulo, passando por várias cidades paulistas até chegar em Quatiguá/PR, no final da década de 1940;
- Maria das Dores da Silva Bonardi, 68 anos, nascida em Andradas/MG, migrou aos nove anos para Quatiguá/PR, em 1962;
- Maura Martins Mario, 76 anos, moradora de Quatiguá/PR, migrou de Andradas/MG por duas vezes, todas na vida adulta, na década de 1960;
- Maurílio Pitarelo, 68 anos, morador de Quatiguá/PR. Único filho nascido nesta cidade entre os filhos do casal de migrantes Julia Rissato Pitarelo e Orlando Oreste Pitarelo, vindos de Andradas/MG em 1952;
- Noemia Angelo Miguel, 76 anos, moradora do bairro Grama, município de Salto do Itararé/PR. Migrou de Andradas/MG em duas ocasiões, ambas na vida adulta, na década de 1960;
- Sebastião Gonçalves Filho, 67 anos, morador do bairro Água da Pedreira, zona rural de Siqueira Campos/PR, migrou de Cambuquira/MG aos cinco anos, no final da década de 1950;
- Tereza Isaura de Lima, 81 anos, moradora de Quatiguá/PR, nascida em Ouro Fino/MG, migrou de Andradas/MG aos 22 anos, em 1962; e
- Waldemar Pitarelo, 69 anos, morador do bairro Ribeirão Bonito, zona rural de Quatiguá/PR, migrou de Andradas/MG aos nove anos, possivelmente nos primeiros anos da década de 1960.

Buscou-se compreender os migrantes para além dessa insígnia, porque suas vidas são múltiplas e complexas e não podem se resumir a um episódio, e para não simplificar suas trajetórias de itinerâncias.

Por meio da pesquisa, pretendeu-se alcançar os seguintes objetivos:

1. Conhecer e problematizar a memória social sobre a migração mineira no Norte Pioneiro;
2. Analisar a historiografia e as obras memorialísticas, ampliando-as com a inserção de outros sujeitos no passado da região: a presença indígena, os entrevistados e suas memórias sobre a migração;
3. Historicizar a construção da identidade mineira no novo espaço ocupado e inscrever outras memórias e histórias ao processo social de povoamento e formação social de Siqueira Campos e cidades circunvizinhas; e
4. Conhecer as subjetividades constitutivas dessa memória social articulada aos diferentes espaços da inserção social na região.

Tais discussões foram organizadas em três capítulos. No primeiro, intitulado “Norte Pioneiro do Paraná: construção e idealização”, observar-se-á o discurso envolvido na denominação “Norte Pioneiro” e nas ideias de ocupação desse espaço, aliadas a um suposto vazio demográfico na região, além de se observar que tais concepções não se sustentam numa análise mais apurada da História. Também se problematizará a memória social sobre a migração mineira, em que pilares ela se sustenta e como ela repercute, inclusive nas entrevistas.

A fim de ampliar o que se define como a migração mineira no Norte Pioneiro dentro dessa memória social, as memórias da migração colhidas nas entrevistas aparecerão em dois subcapítulos: um sobre a saída de Minas Gerais e outro sobre as itinerâncias dos migrantes. Com isso, pretende-se historicizar as memórias da migração e conhecer os diferentes significados e interpretações que os entrevistados dão, no presente, ao processo migratório passado.

O segundo capítulo, “Os múltiplos sentidos das vozes da migração”, pretende inscrever os sentidos que os entrevistados atribuem à migração sua ou de sua família e investiga sentidos comuns sobre o seu cotidiano, que se constitui ao redor das memórias do trabalho – o que demonstra a importância que atribuem ao tema. Em função disso, investigar-se-á em que consistia esse trabalho, sua rotina, divisão entre gênero, idade, condições em que o trabalho acontecia etc. A partir disso, analisa-se

também no que consistia o espaço de não trabalho: o tempo da religião e o tempo de lazer serão investigados em dois subcapítulos, com as memórias do exercício da religiosidade e dos locais e momentos de sociabilidade.

Ainda no segundo capítulo, explorar-se-á quem, além dos migrantes mineiros, compunha o mesmo espaço que eles. No intuito de problematizar uma memória essencialmente mineira, demonstra-se que os entrevistados lembram-se do espaço permeado por diversas origens.

Por fim, no capítulo 3, intitulado “Os sujeitos em trânsito e o campo em transformação”, serão abordadas as percepções ambientais que emergiram da memória nas entrevistas. Partindo-se da concepção de Guattari sobre subjetividades, dos estudos de Yi-Fu Tuan sobre percepção ambiental e de Chris Tilley a respeito da conexão havida entre o ambiente e o sujeito, investigar-se-á a espacialização da memória, de modo a compreender como ela transparece a partir de certos espaços significados pelos sujeitos.

O foco desse capítulo também recai sobre os lugares na memória da migração, como a casa e o quintal, por exemplo, e como ela é compreendida e narrada pelos entrevistados, assim como os locais lembrados como sendo “de fartura”, associados à abundância de água e comidas e à memória alimentar. Ao final, observar-se-á como os entrevistados perceberam as mudanças nos ambientes, como isso afetou o trabalho, a qualidade de vida, e quais os impactos ambientais dessas mudanças.

## CAPÍTULO 1 – NORTE PIONEIRO DO PARANÁ: CONSTRUÇÃO E IDEALIZAÇÃO

### 1.1 OS MITOS DA OCUPAÇÃO E DO VAZIO DEMOGRÁFICO

“Norte Pioneiro” é como se chama oficialmente essa mesorregião do Paraná, cuja denominação, no entanto, não é trivial, pois carrega consigo um discurso sobre o processo de reocupação do Paraná disfarçado de ocupação. Nelson Dacio Tomazi cuidou de trazer à cena a problematização envolvida no nome, ao defender que deve haver uma separação entre aquele e o discurso nele envolvido.<sup>28</sup> De antemão, portanto, esclarece-se que este trabalho usará essa denominação, mas sem aderir ao seu discurso. O uso se dará em razão, primeiro, do seu caráter formal, e também porque é a denominação que produz sentido para quem habita a região.

O termo “Norte Pioneiro” seria pretensioso, arbitrário e hegemônico, na medida em que busca assinalar uma identidade, uma comunhão de interesses de classe aterradas na demarcação do espaço pela sua (re)ocupação (leia-se: ocupação não indígena) para fins econômicos associados à economia cafeeira.<sup>29</sup> Assim, exclui e silencia o indígena, pois se refere a uma ocupação sem antecedentes, aquela que aconteceu primeiro.<sup>30</sup> Ao conferir relevância ao que “primeiro ocupou” a região, o termo guarda incoerências por querer demarcar uma origem única e dar sustentação a uma identidade advinda dessa suposta origem. Há também uma pretensão em se demonstrar planejamento, linearidade e coordenação do processo: o que vem primeiro e o que vem depois, bem como as lutas de meritocracia de quem chegou primeiro.

A respeito dessa identidade cujo nome pretende demarcar, Michael Pollak elenca três elementos sobre os quais ela se constitui: o limite físico, a continuidade no tempo e o sentimento de coerência,<sup>31</sup> no caso, respectivamente, os contornos que dão espacialidade à mesorregião, sua colonização por paulistas e mineiros no século XIX

---

<sup>28</sup> TOMAZI, Nelson Dacio. “Norte do Paraná”: história e fantasmagorias. 1997. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

<sup>29</sup> *Ibid.*

<sup>30</sup> *Ibid.*

<sup>31</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992, p. 200-212.

e a dilatação e permanência, no tempo, das práticas trazidas com o processo, e, por fim, a coesão da coletividade que se sente parte dessa colonização.

Nesse sentido, mais do que uma regionalização do espaço geográfico, que é histórico, tal identidade pode ser entendida como a construção de um discurso de poder capaz de despertar um conjunto de ideias e imagens sobre si, a respeito do que teria sido a “ocupação” desse espaço sob a perspectiva da exploração do capital, entre os anos 1930 e 1950, invocando ideias como “progresso, civilização, modernidade, colonização racional, ocupação planejada e pacífica, riqueza, cafeicultura, pequena propriedade, terra onde se trabalha, pioneirismo, terra roxa”.<sup>32</sup>

Como o discurso produz sentido, como afeta o sujeito, como tem uma ideologia dando-lhe sustentação são elementos que permitem compreender sua lógica de funcionamento. Compreendê-lo é entender a lógica pela qual o discurso produz sentido.<sup>33</sup> Assim, Norte Pioneiro invoca uma série de elementos que remetem a um passado cujo protagonista é essencialmente o branco, o colonizador, o explorador e o masculino.

Essa essencialização da região se apresenta, por exemplo, quando Wachowicz introduz sua obra intitulada *Norte Velho, Norte Pioneiro*, em que a descreve como uma região diferenciada,<sup>34</sup> que, “[...] nas décadas de 1930 a 50, transformou-se num grande polo de atração dos migrantes brasileiros. Tornou-se a *Terra da Promissão, o El Dourado, o Paraíso da Terra Roxa*”.<sup>35</sup>

O mesmo autor justifica a denominação ao levar em conta as três fases de ocupação do norte do estado, daí que haveria Norte Velho, Norte Novo e Norte Novíssimo, que corresponderiam, respectivamente, ao nordeste, centro-norte e noroeste paranaenses,<sup>36</sup> dando correspondência às três “fases” do processo de “ocupação”. Essa compreensão também é adotada por Nadir Aparecida Cancian, que a explicita:

A primeira, no Norte Velho, desde a divisa com São Paulo até o Rio Tibagi, a partir do final do século XIX e início do século XX, culminando com a crise de 1929. 2. No Norte Novo, do Rio Tibagi, passando por Londrina, até as

<sup>32</sup> TOMAZI, Nelson Dacio. “**Norte do Paraná**”: história e fantasmagorias. 1997. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997, p. 12.

<sup>33</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n. 61, p. 53-59, jan./mar. 1994, p. 58.

<sup>34</sup> WACHOWICZ, R.C. **Norte Velho, Norte Pioneiro**. Curitiba: Vicentina, 1987.

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 5, grifo nosso.

<sup>36</sup> WACHOWICZ, *op. cit.*

margens do Ivaí, a partir de 1930, de forma lenta até o final da Segunda Guerra Mundial, acelerando posteriormente. Nessa fase, a agricultura do Norte Pioneiro sofreu transformações profundas. 3. Do Rio Ivaí ao Piquiri, no Norte Novíssimo, e deste último até o Rio Iguaçu, no Extremo Oeste Paranaense, entre as décadas de 1940 a 1960, quando encerrou o expansionismo da cafeicultura paranaense.<sup>37</sup>

Tais denominações teriam sido amplamente utilizadas no século XIX, embora o IBGE, a partir de 1990, tenha oficializado os espaços como mesorregiões e as nominado como Norte Pioneiro, Norte Central e Noroeste do Paraná.<sup>38</sup>

O problema da denominação é um convite para se pensar a respeito de um suposto vazio demográfico sobre a área, bem como os silenciamentos que essas ideias pressupõem. Para Tomazi, há uma concepção da história que a associa ao estabelecimento do modo de vida civilizador/burguês e despreza tudo o que for anterior a ele, salvo se com ele se relacionar por algum traço pressuposto ou elemento fundador. Tudo o mais se traduziria em obstáculo e atraso, o que dá força à relação “civilização-progresso”. É como se a presença da história coincidissem com a presença do capital.<sup>39</sup>

Essa concepção se apresenta na entrevista com o Sr. Antonio Ramos da Silva Junior, filho de migrantes mineiros, para quem “surgiu a oportunidade de vir para o sertão, e ele [seu pai] fez parte dessa turma”,<sup>40</sup> bem como para o Sr. Benedito,<sup>41</sup> para quem, igualmente, o Paraná representava o sertão:

Lá em Minas, era um lugar meio selvagem, e que aqui no Paraná seria pior porque era... porque lá não se falava que ia pro Paraná, ninguém falava o Paraná. Nós ia pro sertão, você perguntava pros nossos colegas eles falavam: ‘ah, fui pro sertão, eu moro no sertão’, ninguém morava no Paraná.<sup>42</sup>

Esse termo vem expressar os locais em que o capital não havia se consolidado, pois, conforme Gilmar Arruda, dizia respeito ao acesso ao interior do país e vinculava-se à ideia de modernização do Brasil como Estado-nação, além de invocar

<sup>37</sup> CANCIAN, Nadir Aparecida. **Cafeicultura paranaense: 1900/1970**. Curitiba: Grafipar, 1981, p. 52.

<sup>38</sup> TOMAZI, Nelson Dacio. **“Norte do Paraná”**: história e fantasmagorias. 1997. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

<sup>39</sup> *Ibid.*

<sup>40</sup> SILVA JUNIOR, Antonio Ramos da Silva. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 23 jul. 2021, vídeo MP4, 48min31s.

<sup>41</sup> FREITAS, Benedito Aparecido de. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Tomazina, PR, 5 ago. 2021, vídeo MP4, 63min24s.

<sup>42</sup> FREITAS, Benedito Aparecido de.

o elemento natural por sugerir um interior selvagem, misterioso, de matas intocadas.<sup>43</sup> Adélia Aparecida de Souza Haracenko pondera que se supõe uma “[...] externalidade da natureza em relação à sociedade, como se a natureza estivesse ali esperando para ser desbravada, e também num discurso comum no período da colonização, em que o progresso da sociedade se fazia com a derrubada da mata”,<sup>44</sup> representando também a ideia de separação e sobreposição do homem com relação à natureza que por ele é desbravada.

Os excertos extraídos dos entrevistados demonstram qual era, para eles, a representação simbólica dessa região, separando o que está dentro e fora do sertão, delimitando a este o que é atrasado, caipira, não moderno, de modo que é essa representação – material e imaterial – que repercute em suas memórias e as constitui.<sup>45</sup>

Trata-se também de uma ideia contraposta à de civilização, que, por isso, justificaria projetos de “(re)ocupação” dos territórios interiores do país. Essa “civilização” ou “progresso”, por outro lado, liga-se com um processo que, linearmente, segue para frente, ou parte do nada, do insignificante, para se tornar relevante, evidentemente atrelado ao desenvolvimento do capital na sociedade ocidental.

Ao trabalhar com discursos fundadores com enfoque na formação da identidade nacional, Eni Pulcinelli Orlandi explicita como tais discursos criam referências no imaginário e se estabilizam na construção da memória, fazem eco, produzem e se reproduzem cotidianamente, nas relações sociais e na compreensão da identidade.<sup>46</sup> Tanto o discurso fundador como o discurso do vazio demográfico do Norte Pioneiro se movimentam entre o passado e o futuro, pois são criativos de uma tradição, atribuem significado ao passado e dão azo à produção da memória.<sup>47</sup>

Pode-se considerar, portanto, que é o próprio discurso que desenvolve essa memória e a faz repercutir ao organizar sentidos, significados e interpretações a partir

---

<sup>43</sup> ARRUDA, Gilmar. Cidades e sertões: o historiador entre a História e a memória. **Projeto História**, São Paulo, v. 19, p. 121-143, nov. 1999, p. 122.

<sup>44</sup> HARACENKO, Adélia Aparecida de Souza. **O processo de transformação do território no noroeste do Paraná e a construção das novas territorialidades camponesas**. 2007. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2007, p. 86.

<sup>45</sup> *Ibid.*, p. 123.

<sup>46</sup> ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.). **Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. Campinas: Pontes, 2001, p. 12.

<sup>47</sup> *Ibid.*, p. 13.

dele. Com base nesses discursos, são construídos “[...] espaços da identidade histórica: é memória temporalizada, que se apresenta como institucional, legítima”.<sup>48</sup>

Assim, o discurso fundador constitui a ideia de vazio demográfico ao construir um dado passado protagonizado por homens que enfrentaram o “sertão”, sobre o qual se projetam as memórias e se criam identificações, diante do que se impõe ao historiador uma ampliação que avance para além dessa memória única, enquadrada.

O discurso do vazio demográfico do Norte Pioneiro não dá conta, portanto, da complexidade de historicizar a mesorregião. Contudo, ao visitar uma historiografia mais tradicional, ela parece se conformar ao entendimento levado a efeito por ele.

O interesse que teria culminado na (re)ocupação do Norte Pioneiro, segundo Cancian, citando Monbeig, deveu-se tanto à Guerra do Paraguai quanto ao declínio da mineração do ouro.<sup>49</sup> Lucineia Cunha Steza e Marileia Dias Flores afirmam que o empenho remonta ao século XVIII, pela pretensão do Império em consolidar as fronteiras com o Uruguai e Argentina.<sup>50</sup> Rui Wachowicz, por sua vez, atribui o interesse na área a dois fatores, na década de 1840: a intenção de ligar o litoral à Província de Mato Grosso e o desejo dos tropeiros e dos latifundiários mineiros em avançar por terras novas e férteis próximas ao registro do Itararé,<sup>51</sup> mesma hipótese abraçada por Sergio Odilon Nadalin.<sup>52</sup>

Essa mesma historiografia sobre o Norte Pioneiro segue a trajetória do capital: sua expansão pelo território deu-se através das atividades econômicas e da imposição de um modo de vida em cuja base ele se situa. É a história daqueles que foram pioneiros no estabelecimento de atividades econômicas no espaço, emudecida sobre os povos que já habitavam a região, mas não se dirigiam sob esse rumo.

Tal discurso não encontra eco nas evidências que dão conta da presença de povos originários no Norte Pioneiro. Atualmente os indígenas se dividem em 3 áreas na região: Pinhalzinho, no município de Tomazina; Laranjinha, em Santa Amélia; e São Jerônimo, no município de São Jerônimo da Serra. Segundo os dados da

---

<sup>48</sup> ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.). **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 2001, p. 13.

<sup>49</sup> MONBEIG, Pierre *apud* CANCIAN Nadir Aparecida. **Cafeicultura paranaense**: 1900/1970. Curitiba: Grafipar, 1981, p. 53.

<sup>50</sup> STECA, Lucineia Cunha; FLORES, Marileia Dias. **História do Paraná**: do século XVI à década de 1950. Londrina: Ed. da UEL, 2002.

<sup>51</sup> WACHOWICZ, R.C. **História do Paraná**. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2010, p. 295.

<sup>52</sup> NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná**: ocupação do território, população e migrações. Curitiba: SEED, 2001, p. 86.



Secretaria do Meio Ambiente do Estado (SEMA), essas áreas abrigariam por volta de 400 pessoas.<sup>53</sup> O constrangedor reduzido número de indígenas na região guarda consonância com a história de (re)ocupação do sertão, que buscou eliminar o que o caracterizava como tal, já que se buscava dissipar o elemento selvagem, por representar um obstáculo à marcha para o progresso e para o mundo civilizado.<sup>54</sup>

Nos estudos assumidos por Lúcio Tadeu Mota,<sup>55</sup> há um apanhado sobre a presença de diferentes povos indígenas na região. O pesquisador registra os Guarani, que teriam chegado da Amazônia ao Sul do Brasil há 2.500 anos, pelo território que corresponde hoje ao Mato Grosso do Sul<sup>56</sup>; os Jê (Kaingang e Xokleng), que teriam migrado da região central do Brasil em direção aos rios Tietê a Paranapanema, em seguida alcançando os Campos Gerais paranaenses;<sup>57</sup> os Kaingang, que, nas décadas de 1930 e 1950, “já estavam aldeados em São Jerônimo da Serra e Apucarantina, circulavam pelas matas existentes caçando, coletando e pescando nos rios Tibagi, Pirapó, Ivaí, Piquiri e seus afluentes”;<sup>58</sup> e os Guarani-Kaiowá, que teriam reocupado a região a leste do Rio Paraná, após terem sido vítimas da destruição de Reduções Jesuítas nos vales dos rios Paranapanema, Pirapó, Tibagi, Ivaí e Piquiri, pelos bandeirantes paulistas, nas primeiras décadas do século XVII.<sup>59</sup>

Embora não se proponha, nesta pesquisa, dar conta dos diversos povos indígenas que habitavam o Norte do Paraná, suas trajetórias e lutas, pretende-se ao menos chamar a atenção para a sua presença e contrapô-la à tese de ocupação do território e ao discurso do “vazio demográfico”, que tem por pretensão a retirada do indígena da História paranaense, que é sobretudo uma história de resistência a essa frente “pioneira”. Esse silêncio ajuda a pensar como a chamada migração mineira também funcionaria numa perspectiva de superposição.

Esse pioneirismo, como se viu, ganhou corporeidade na historiografia e em parte das fontes que serão analisadas, uma vez que o migrante mineiro se apresenta

---

<sup>53</sup> IPARDES. **Diagnóstico socioeconômico do Território Norte Pioneiro**: 1.ª fase: caracterização global. Curitiba: IPARDES, 2007.

<sup>54</sup> SMITH *apud* TOMAZI, Nelson Dacio. “**Norte do Paraná**”: história e fantasmagorias. 1997. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997, p. 68.

<sup>55</sup> MOTA, Lúcio Tadeu. As populações indígenas Kaiowá, Kaingang e as populações brasileiras na bacia dos rios Paranapanema/Tibagi no século XIX: conquista e relações interculturais. **Fronteiras**, [S. l.], v. 9, n. 16, p. 47-72, nov. 2007.

<sup>56</sup> *Ibid.*

<sup>57</sup> *Ibid.*

<sup>58</sup> *Ibid.*, p. 15.

<sup>59</sup> *Ibid.*

como um dos elementos constitutivos do contexto. Wachowicz mostra-se adepto a uma proeminência mineira quando sustenta que “desde os tempos imperiais o elemento mineiro vai se caracterizar na região como grande proprietário, detentor de capitais, orientador da política local”.<sup>60</sup> É sobre esse sujeito mineiro capaz de “orientar” a política local, e como esse entendimento vai se consolidando na memória social, que se tratará a seguir.

## 1.2 HISTORIOGRAFIA E MEMORIALISMO DA MIGRAÇÃO MINEIRA

A memória é uma atualização ou representação do passado, não sendo capaz de reproduzi-lo.<sup>61</sup> Assim, a memória não é o próprio passado, estático, dado, realizado, mas é fluida, conflitiva, conforme seja revista no presente, em consonância com todas as experiências, entendimentos e apagamentos que o sujeito ressignificou sobre situações passadas. Daí que Pierre Nora a tenha concebido como “[...] em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações”.<sup>62</sup>

Nesse sentido, a memória, que é seletiva, está em constante disputa: a que é silenciada, a que aparece, sobrepõe-se, afirma-se. Esses movimentos de memória envolvem disputas de poder e não é por acaso, mas porque a memória é um elemento criativo da identidade.<sup>63</sup> Essa identidade, segundo Nora, é a imagem de si, que funciona tanto para servir de referência a si próprio como para se referenciar perante os outros. É por essa imagem que o indivíduo se compreende e quer ser compreendido socialmente.<sup>64</sup> O mesmo autor conclui que é a memória que constitui essa identidade, pois alimenta o pertencimento e a coerência do grupo.<sup>65</sup>

É daí que vem o caráter excludente da identidade e da memória: ela se firma com referência ao outro, àquele que não se enquadra, não pertence. Por isso, pode-se afirmar que a memória é pretensiosa: quer dizer, quer calar, quer sobrepor, quer

---

<sup>60</sup> WACHOWICZ, Rui Christovam. **História do Paraná**. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2010, p. 7.

<sup>61</sup> LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2003, p. 419.

<sup>62</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Houry. **Prof. História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993, p. 9.

<sup>63</sup> *Ibid.*

<sup>64</sup> *Ibid.*

<sup>65</sup> *Ibid.*

criar e recriar significados. Nora advertiu para isso ao afirmar que, conscientemente ou não, ela se constrói e se organiza.<sup>66</sup>

No que se refere à identidade, ela pode ser facilmente compreendida em se tratando de indivíduos, mas, ao ser aplicada a grupos, seu uso acaba parecendo impróprio, dada a individualidade que a palavra invoca.<sup>67</sup> Para fazê-lo, Joël Candau orienta que se tome a identidade no sentido de *representação*. Ao citar Benedict Anderson, propõe que, “[...] de maneira constantemente renovada, os indivíduos percebem-se – imaginam-se – membros de um grupo e produzem diversas representações quanto à origem, história e natureza desse grupo [...]”.<sup>68</sup>

Essa percepção e imaginação encontra substrato na memória. Daí que, a nível cultural, ela pode ser verificada nos “[...] discursos veiculados por coletividades territoriais [...]. O objeto patrimonial que é preciso conservar, restaurar ou ‘valorizar’ é sempre descrito como um marco, dentre outros, da identidade representada de um grupo: os bretões, os franceses, os nuers, ‘nossos ancestrais’, etc.”<sup>69</sup>

Essa característica advém do caráter social da memória, que, segundo supôs Nora,<sup>70</sup> já havia sido entendido por Halbwachs, entre os anos 1920 e 1930, como um fenômeno coletivo, social, dado a mudanças constantes.

Admitindo-se a movimentação e fluidez da memória enquanto elemento criativo da identidade, percebe-se como se trata de um campo em disputa de poder: por ela determinados grupos podem prevalecer ou ser silenciados. Nesse caminho, e no caso da pesquisa, a historiografia sobre a (re)ocupação de Siqueira Campos/PR revela um traço da memória que chama a atenção: a essencialização do migrante mineiro como o colonizador-conquistador, que é uma memória escolhida para representá-lo, embora, ao fim, não possa ser definida historicamente apenas por esse elemento.

Há, portanto, um propósito na difusão de uma versão única sobre um passado essencialmente mineiro, que é sintomático de uma manifestação de poder, na medida em que silencia outros sujeitos com diferentes significações sobre o passado.

---

<sup>66</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Prof. História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

<sup>67</sup> CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2019.

<sup>68</sup> BENEDICT ANDERSEN *apud* CANDAU, *Ibid.*, p. 25-26.

<sup>69</sup> *Ibid.*, p. 26.

<sup>70</sup> NORA, *op. cit.*, p. 2.

Ao se constatar o destaque para o migrante mineiro, propõe-se uma breve análise sobre a historiografia do povoamento do Norte Pioneiro no Paraná, desde a mais tradicional até a mais recente. Importa observar o tratamento dado pela historiografia e pelas fontes porque elas constituem lugares de memória tanto quanto os locais dedicados exclusivamente para guardá-las, como praças, museus e monumentos, por exemplo.<sup>71</sup> A indagação que funda esta investigação, portanto, é sobre qual a intenção em se privilegiar o migrante mineiro.

O processo de ocupação e povoamento do Norte Pioneiro do Paraná, geralmente, é situado no contexto da (re)ocupação do Estado dentro de uma perspectiva econômico-produtiva do século XIX, que inclui o deslocamento de imigrantes e migrantes para a área, com uma ênfase, no caso objeto de estudo, ao elemento mineiro. Trata-se da reprodução do discurso do pioneirismo e do vazio demográfico.

Na obra *História do Paraná*, Ruy Christovam Wachowicz reconhece um protagonismo mineiro ao apresentar o povoamento do *valuto*, como eram denominadas as terras desabitadas à margem esquerda do rio Paranapanema, ao afirmar que:

No início da década de 1840, muitos fazendeiros mineiros estavam em decadência. Suas terras, malcuidadas, produziam menos. Muitos desses fazendeiros, para tentar manter seus ganhos, passaram a dedicar-se à condução de tropas do Rio Grande do Sul. Obrigatoriamente tinham que passar pelo registro do Itararé, localizado onde é hoje a divisa entre Paraná e São Paulo. Tomaram então conhecimento de que, pouco mais ao norte, havia extensões de terras férteis e devolutas.<sup>72</sup>

A partir desse dado, apresenta em sua obra narrativas sobre famílias mineiras, que, sob o comando da figura de um fazendeiro, homem de posses e desbravador, vão formar núcleos urbanos. Veja-se: “Devido ao seu poder aquisitivo, o elemento mineiro vai se caracterizar como proprietário de terras”.<sup>73</sup>

É o que prevalece também em Altiva Pilatti Balhana, Brasil Pinheiro Machado e Cecília Maria Westphalen, para quem “era a frente pioneira constituída por fazendeiros, grandes proprietários isolados que empreendiam a empresa, com suas

---

<sup>71</sup> NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Prof. História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993, p. 13.

<sup>72</sup> WACHOWICZ, Rui Christovam. **História do Paraná**. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2010, p. 299.

<sup>73</sup> *Ibid.*, p. 300.

famílias e empregados, espontaneamente, procurando as terras do Norte do Paraná [...]”.<sup>74</sup> Esses mineiros são indicados, nessas obras, por um caráter classista que os reconhece pelas suas propriedades.

Exemplo dessa colonização mineira é a narrativa sobre a formação do núcleo São José do Cristianismo (cujo fim especula-se que tenha se dado por uma epidemia de malária), que teria sido supostamente posseado por Dominiano Corrêa Machado, mineiro que teria “[vindo] para o Norte Pioneiro com toda a sua família. Faziam parte da comitiva filhos, parentes, escravos, noras, genros”,<sup>75</sup> como escreveu Wachowicz.

Partindo dessa mesma perspectiva está a formação do núcleo denominado Colônia Mineira, atual Siqueira Campos. Segundo o mesmo autor, “em 1843, no divisor de águas entre os rios Itararé e Cinzas, surgiu a posse de Joaquim José de Sene, que a vendeu cinco anos depois por uma espingarda de carregar pela boca [...]. Essa posse deu origem ao núcleo denominado Colônia Mineira [...]”.<sup>76</sup>

A dissertação de René Mussalan trata de um povoamento quase que exclusivamente mineiro, cuja primeira penetração data de 1843,<sup>77</sup> ao abordar a Colônia Mineira, atual Siqueira Campos. Steca e Flores atribuem a esse núcleo um passado idêntico, ao sustentar que, “em 1843, Joaquim José de Leme [sic] conseguiu obter uma posse, que ‘vendeu’ em 1848 por uma ‘espingarda de carregar pela boca’. Essa propriedade foi revendida por 700\$00 e deu origem à *Colônia Mineira* (hoje Siqueira Campos)”.<sup>78</sup>

Todas as versões sustentam a proeminência do colonizador mineiro em terras inexploradas. Sob o mesmo entendimento, de um considerado patriarca conquistador mineiro, teria se formado o núcleo de Tomazina, como apontou a obra de João Carlos Vicente Ferreira, segundo o qual, “no inverno de 1867, o major Thomaz Pereira da Silva deixou sua tranquilidade na Vila de Itajubá, no Estado de Minas Gerais, com destino ao Norte do Paraná, onde assentou praça em 1882”.<sup>79</sup>

---

<sup>74</sup> BALHANA, Altiva Pilatti; MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Cecília Maria. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969, p. 213.

<sup>75</sup> WACHOWICZ, Rui Christovam. **História do Paraná**. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2010, p. 299.

<sup>76</sup> *Ibid.*

<sup>77</sup> MUSSALAN, René. **Norte pioneiro do Paraná: formação e crescimento através dos censos**. 1974. 176 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1974.

<sup>78</sup> STECA, Lucineia Cunha; FLORES, Marileia Dias. **História do Paraná: do século XVI à década de 1950**. Londrina: Ed. da UEL, 2002, p. 299 (grifos do autor).

<sup>79</sup> FERREIRA, João Carlos Vicente. **O Paraná e seus municípios**. Cuiabá: J.C.V. Ferreira, 1999, p. 74.

Assim também teria se constituído a cidade de Santana do Itararé, a princípio Passo dos Barbosas, cuja localização, entre São Paulo e Paraná, era estratégica para funcionar como estação arrecadadora, com a ressalva, destoante da narrativa predominante, de que tal núcleo teria se empreendido por uma mulher mineira descendente de indígenas: Maria Ferreira.

Próximo à confluência do rio Itararé no Paranapanema, fixou-se uma mulher com sua família. Era Maria Ferreira, descendente de índios de Minas Gerais. Sua morada na margem paranaense ficou conhecida como Porto Maria Ferreira. A antiguidade de sua presença na região faz crer que essa mulher foi das primeiras pessoas a se fixarem no Norte Pioneiro.<sup>80</sup>

Uma marca de relativa heterogeneidade com a inserção da presença paulista no Norte do Paraná vai aparecer na obra de Balhana, Machado e Westphalen, para quem “a partir da década de 1860, penetrando pelos cursos superior e médio do Itararé, fazendeiros *paulistas* e mineiros iniciaram plantações de café e a formação de fazendas no Norte paranaense”.<sup>81</sup>

A historiografia recente faz questão de apontar as incoerências desse tipo de abordagem, muito delimitada, que Aluizio Alfredo Carsten, em sua dissertação, resume em duas formas de escrita histórica tradicional sobre a história regional do Norte Pioneiro, seja relativizando sua singularidade ao associá-la apenas a um contexto mais amplo, da história do Paraná, seja compreendendo sua ocupação como empreendida pelos “pioneiros”, em ambos os casos ofuscando seus processos complexos.<sup>82</sup>

Ao analisar uma bibliografia tradicional semelhante à apresentada neste trabalho, Carsten conclui que ela toma por base a passagem dos tropeiros por Itararé sem levar em conta a população indígena local, tanto confirmando quanto construindo um discurso dominante.<sup>83</sup> Embora não se possa concluir se essa tendência se ligue a questões metodológicas ou políticas, é possível afirmar que:

[...] consideraram apenas a história dos grandes fazendeiros ou pessoas de posses, auferindo-lhes o título de primeiros povoadores do território hoje

<sup>80</sup> WACHOWICZ, R.C. **História do Paraná**. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2010, p. 301.

<sup>81</sup> BALHANA, Altiva Pilatti; MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Cecília Maria. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969, p. 211 (grifo nosso).

<sup>82</sup> CARSTEN, Aluizio Alfredo. **Ocupação Humana da Bacia do Rio das Cinzas**: uma história de povos sem história. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012, p. 32.

<sup>83</sup> *Ibid.*

chamado Norte Pioneiro do Paraná. Esses autores não se ocuparam de escrever uma história das populações indígenas que habitaram a região antes da chegada do homem branco, ou se restringiram apenas a escrever sobre as relações entre as duas culturas, a partir do momento da chegada dos conquistadores. Nossos antecessores acreditaram na fidelidade e na importância dos documentos oficiais que tinham disponíveis para a escrita da história porque são produtos do meio social e de seu tempo histórico.<sup>84</sup>

A mesma constatação foi observada por Paiva, que registrou, em seu estudo, a existência de lacunas sobre os que ficaram de fora da historiografia, que relaciona a história da região com a chegada dos “pioneiros”, mineiros e paulistas.<sup>85</sup> Sonia Adum, por sua vez, ao escrever sobre o povoamento de Londrina, afirma haver um “discurso de felicidade” na historiografia ou em textos confundidos com historiografia, produzidos entre 1930 e 1970, que ela qualifica como de “exaltação”, que em muito se assemelha ao discurso relativo ao Norte Pioneiro. Para a pesquisadora:

Na perspectiva dessas obras, o norte do Paraná é a Terra da Promissão, o Eldorado, a nova Canaã, o paraíso prometido da fertilidade, da produção agrícola abundante, das oportunidades iguais de enriquecimento para todos aqueles que quisessem trabalhar e prosperar. Essas análises, não raro, trazem no bojo a ideia de uma ocupação e construção pacíficas do território, onde o capital e seus agentes foram, naturalmente, preenchendo os espaços, como se estes estivessem esperando ansiosamente por aqueles.<sup>86</sup>

A autora também atribui o fomento a esse tipo de representação sobre a região à influência das publicações realizadas pela Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP), depois Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná, empresa colonizadora de parte do norte do estado.<sup>87</sup>

No panfleto que pode ser observado na Figura 4, o ideal de alegria e prosperidade é colocado como resultado da aquisição das terras no norte do Paraná, apontado como local fértil, de águas puras e com infraestrutura adequada, invocando a mesma perspectiva romântica sobre a exploração desse espaço.

---

<sup>84</sup> CARSTEN, Aluizio Alfredo. **Ocupação Humana da Bacia do Rio das Cinzas**: uma história de povos sem história. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012, p. 49.

<sup>85</sup> PAIVA, Paulo José de. **Norte Pioneiro e Salto do Itararé**: história regional e local em sala de aula. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2022.

<sup>86</sup> ADUM, Sonia Maria Sperandio Lopes. Historiografia Norte Paranaense: alguns apontamentos. *In*: ALEGRO, Regina Célia; MOLINA, Ana Heloísa; CUNHA Maria de Fátima da; SILVA, Lúcia Helena Oliveira (org.). **Temas e questões para o ensino de História do Paraná**. Londrina: Eduel, 2008, p. 3-26, p. 4-5.

<sup>87</sup> *Ibid.*

Figura 4 – Panfleto publicitário da Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP) veiculado em 1941

214



*Vista parcial da cidade de LONDRINA*

## SINTA A ALEGRIA DE VIVER E PROSPERE NO NORTE DO PARANÁ

PARA que se possa bem ajuizar das possibilidades incomensuráveis do Norte do Paraná, á presente data (Agosto, 1941) é preciso "vêr para crer" ou, então, ter conhecido outras terras e confronta-las. Na realidade terras tão produtivas, dificilmente se encontram. Daí o êxito da Companhia de Terras Norte do Paraná, a maior empresa colonisadora da America do Sul, cujas vendas, atingiram 76.000 alqueires! Proprietaria de uma área de 500.000 alqueires (1.200.000 hectares) de terras fertilíssimas, adequadas para qualquer cultura, situadas nas bacias dos rios Paranapanema, Tibagi, Pirapó e Ivai, no Norte do Estado do Paraná, judicialmente divididas e todas adquiridas diretamente do Estado do Paraná, a Companhia de Terras Norte do Paraná oferece, por todas as razões, as melhores vantagens, tais como:

- 1.º TITULOS DE DOMINIO ABSOLUTAMENTE SEGUROS;
- 2.º FERTILIDADE E SALUBRIDADE;
- 3.º ESTRADA DE FERRO E BOAS ESTRADAS DE RODAGEM;
- 4.º AGUA DE UMA PUREZA INVULGAR.

O testemunho insuspeito e entusiasta dos ditos compradores de nossas terras, constituem a comprovação incontestavel das nossas afirmações.

---

### Cia. de Terras Norte do Paraná

Sociedade Anonima, com sede em LONDRINA, Estado do Paraná, Brasil.  
Capital realizado Rs. 18.500.000\$000.

Solicitem informações no seu escritorio em São Paulo á  
RUA SÃO BENTO N.º 329 — 8.º andar — Caixa Postal 2771.

Note-Nenhum agente de vendas está autorizado a receber dinheiro em nome da Cia.

Fonte: O Norte do Paraná. Companhia de Terras Norte do Paraná. Panfleto Publicitário. Londrina: [194-]

Fonte: SANTOS, Cristina Ribeiro; MOLINA, Ana Heloisa. **"Terra fértil, ouro verde"**: os folhetos de propaganda da CTNP. Londrina — 1930-1950. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/sepech/sepech08/arqtxt/resumos-anais/CristinaRSantos.pdf>. Acesso em: 27 set. 2022.

Igor Guedes Ramos e Samira Ignacio Alves propõem uma reflexão crítica que exponha as contradições e os silenciamentos que o discurso do pioneirismo invocava, apontando, ao mesmo tempo, que a ideia de um local pacífico, promissor e ausente de indígenas era atrativa aos imigrantes, estes sim interessados em povoá-la:<sup>88</sup>

<sup>88</sup> RAMOS, Igor Guedes; ALVES, Samira Ignacio. **Índios**: um silêncio ao Norte do Paraná. In: ALEGRO, Regina Célia; MOLINA, Ana Heloisa; CUNHA, Maria de Fátima da; SILVA, Lúcia Helena Oliveira (Org.). **Temas e questões para o ensino de história do Paraná**. 2. ed. Londrina: Eduel, 2013. v. 1, p. 173-196.



A imagem forjada de um paraíso terrestre, representada pela “Terra da Promissão”, intencionava convencer imigrantes de diversas etnias e classes sociais a colonizar e a investir em uma terra que, na realidade, pouco tinha de hospitaleira e aprazível. Concomitantemente, diversos agentes (“pioneiros”, CTNP, etc.) encobriam a violência que surgia da oposição entre os indígenas e os colonizadores. Esses conflitos, portanto, opunham-se frontalmente à ideia de promessa divulgada pela CTNP e comprometiam o bom andamento da comercialização dos lotes de terra.<sup>89</sup>

Quando abordou o Norte do Paraná em sua dissertação, Tomazi cuidou também de separar o termo e o discurso. Este, segundo ele, é uma construção que se alinha com os que detinham o poder na região e pretendiam passar a ideia de uma comunidade de interesses econômicos e políticos congregados desde a (re)ocupação da área. Um exemplo dessa pretensão é a alcunha “pés vermelhos”, termo que remete à ligação com a terra roxa. Ademais, há um conjunto de imagens e ideias sobre a região que se apresentam no imaginário como se a realidade se reduzisse a essa representação, a ponto de caracterizar o discurso como “fantasmagórico”, pois se baseia em noções que não guardam correspondência na realidade, bem mais ampla.<sup>90</sup>

Assim, a historiografia tem se esforçado para olhar mais criticamente para essas imagens consolidadas sobre o mito da ocupação da área, e este trabalho é mais uma pretensão de contribuir nesse sentido.

O discurso do Norte Pioneiro, analisado sob a ótica de Verena Alberti, constitui o sentido, dá significado a determinado acontecimento, e se expressa por meio da linguagem, a qual cristaliza as imagens que remetem a dada situação narrada e as ressignifica no momento em que se realiza.<sup>91</sup>

Pode-se dizer que as narrativas que constituem esse lugar de memória são expressões que foram se consolidando sobre a ocupação do Norte Pioneiro do Paraná, sem perder de vista que elas se valem de outras semelhantes para lhe conferir validade e constituir racionalidades: “conhecimento e ideias tornam-se

<sup>89</sup> RAMOS, Igor Guedes; ALVES, Samira Ignacio. **Índios**: um silêncio ao Norte do Paraná. In: ALEGRO, Regina Célia; MOLINA, Ana Heloísa; CUNHA, Maria de Fátima da; SILVA, Lúcia Helena Oliveira (Org.). **Temas e questões para o ensino de história do Paraná**. 2. ed. Londrina: Eduel, 2013. v. 1, p. 173-196, p. 189.

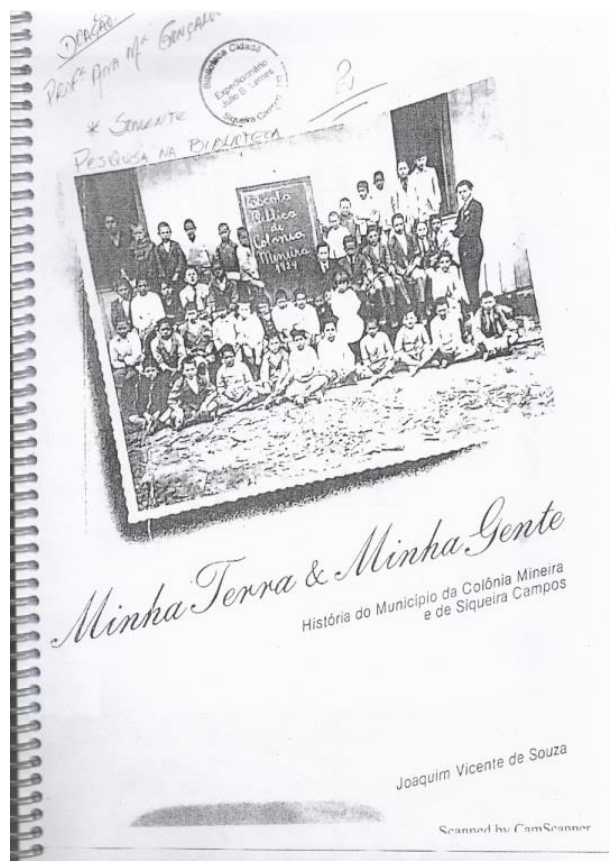
<sup>90</sup> TOMAZI, Nelson Dacio. “**Norte do Paraná**”: história e fantasmagorias. 1997. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

<sup>91</sup> ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., João Pessoa, PB. **Anais eletrônicos** [...]. João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003.

realidade à medida que, e porque, se fala. O sentido se constrói na própria narrativa; por isso se diz que ela constitui (no sentido de produzir) racionalidades”.<sup>92</sup>

No âmbito dessa memória social da migração mineira no norte do Paraná, chama a atenção, particularmente, a meticulosa organização da memória de Siqueira Campos/PR, elaborada pelo trabalho de Joaquim Vicente de Souza, autor de duas obras: *Minha Terra & Minha Gente: história do Município de Colônia Mineira e de Siqueira Campos*, de 1988 (Figura 5), e *Norte Pioneiro Norte Velho: Siqueira Campos no cenário do norte do Paraná*, de 2007 (Figura 6).

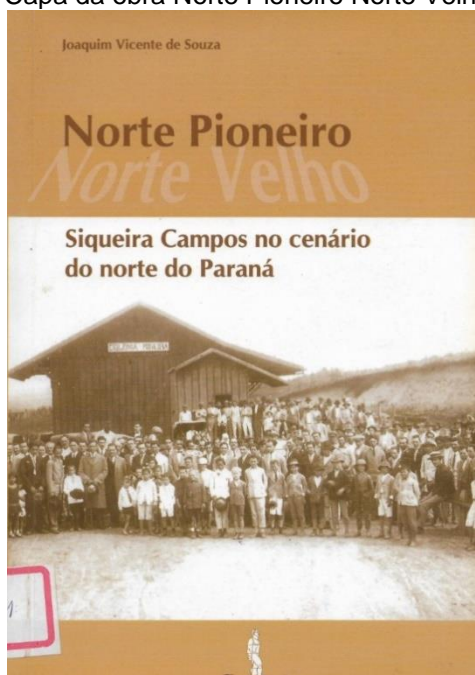
Figura 5 – Capa da obra *Minha Terra & Minha Gente: história do Município de Colônia Mineira e de Siqueira Campos*



Fonte: Acervo pessoal

<sup>92</sup> ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., João Pessoa, PB. **Anais eletrônicos** [...]. João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003, p. 1.

Figura 6 – Capa da obra Norte Pioneiro Norte Velho: Siqueira Campos no cenário do norte do Paraná



Fonte: acervo pessoal.

Sobre o contexto de publicação desses textos, foram realizadas duas entrevistas: com Antonio Barbosa do Amaral e com Maria da Graça Montanha César. O primeiro foi prefeito de Siqueira Campos quando foi publicada a primeira obra, em 1988, e a segunda era a responsável pelo Museu Histórico de Siqueira Campos quando da publicação da outra, em 2007.

A biblioteca do município não contava com nenhum exemplar da obra publicada em 1988, mas apenas uma cópia que a própria servidora se encarregou de fazer, pois todas as obras que foram emprestadas não foram devolvidas. Ela anotou na capa a advertência “Somente pesquisa na biblioteca” e também registrou à caneta que a cópia se cuidava de uma doação sua. Apesar da advertência, não houve dificuldade em retirar o livro da biblioteca para realizar uma nova cópia.

Em pesquisa sobre sua disponibilidade para compra, é possível encontrar um exemplar usado por um valor quase simbólico e outro disponível num *site* de leilão, em que se pode dar lances para adquiri-lo.

O livro é dividido em oito eixos principais: situação geográfica, retrospecto da colonização do município, patrimônio da Colônia Mineira, Poder Judiciário, religião, educação e cultura, alfabetização e ensino público, e, por fim, o papel da mulher na conquista do “sertão”, antes de uma sequência de fotografias que se relacionam a alguns dos momentos tratados na obra e uma foto do autor.

Na apresentação, o autor revela que pretende “lançar as bases duma história dos nossos gloriosos antepassados” e se posiciona como não historiador, mas como um “contador de ‘causos’, de conversas ouvidas ‘ao pé do fogo’”<sup>93</sup>, com o que trata de se esquivar das imprecisões que essas conversas podem significar, assinalando desde logo que o passado é glorioso, e é por isso que pretende ser o primeiro a registrá-lo.

Ao fazer o retrospecto da fundação do município, trabalha em dez páginas com informações que se baseiam em artigos paroquiais do próprio município, mas também de Itaporanga/SP, São José da Boa Vista/PR e Tomazina/PR, somados aos testemunhos ouvidos a respeito, além de trazer genealogias com infindáveis nomes de componentes de famílias que teriam chegado à Colônia Mineira em ordem cronológica. Essa genealogia demonstra um esforço do autor por registrar toda família que teria chegado ao município, como se pudesse catalogá-las. Desse esforço surge a hipótese sobre a real possibilidade de fazê-lo e como o autor teria chegado a tais nomes sem que incorresse em um processo de exclusão – o que parece impossível.

O autor ressalta a iniciativa mineira no deslocamento para o norte do Paraná: “foi uma viagem heroica a que empreenderam da longínqua Minas Gerais, levando três meses para entrar no bruto sertão da nova Província do Paraná”.<sup>94</sup> A menção ao “bruto” qualifica e reforça a narrativa heroica: só os valentes podem enfrentar um sertão desses! Expressa-se a intencionalidade de registrar uma certa “origem”, de um passado glorioso, de um lugar desbravado por homens valentes.

A obra relata os processos pelos quais foram legitimadas as terras do patrimônio da Colônia Mineira e a instalação de instituições como o Distrito Policial e o Distrito Judiciário. O autor também elabora um inventário cronológico de prefeitos e vereadores até o mandato de 1982, passando pela sua própria administração, de 1955, como se temesse que essas informações se dissipassem com o tempo.

É relatada a legitimação da área municipal no ano de 1900 através de consulta que o autor teria realizado ao Livro Tombo da Paróquia de Tomazina, a quem o *patrimônio* pertencia. Segundo relata, havia uma tensão entre a então Colônia Mineira e o vizinho município de Tomazina. Em suas palavras: “éramos malquistos e injustiçados pelos mandões dali. Muitos ‘causos’ contados por antigos, isto

---

<sup>93</sup> SOUZA, Joaquim Vicente de. **Minha Terra & Minha Gente**: história do município da Colônia Mineira e de Siqueira Campos. Curitiba: SEEC, 1988, p. 15.

<sup>94</sup> *Ibid.*, p. 21.

denunciava. Para eles, nós éramos os ‘rosca-doce’, gente caipira e atrasada. Não era possível continuar assim!”<sup>95</sup> a partir do que descreve a saga para a emancipação do município em 1920.

Também há um compêndio acerca das “conquistas” religiosas do município, como a construção da igreja, do Seminário Nossa Senhora de Fátima e do Santuário Senhor Bom Jesus da Cana Verde, destacando a influência de freis italianos, a atuação de freis com os indígenas, a influência e atuação dos freis capuchinhos, além da menção a uma série de padres e às capelas onde atendiam. Novamente parece que o autor teme que essas informações e esses nomes se percam, cuidando de sistematizá-las.

Empenha-se ainda a relatar a instalação da Escola Pública da Colônia Mineira, do Primeiro Grupo de Escoteiros e do clube Pindorama, mencionando vários professores com atuação no município. Ao fim, dedica um item às mulheres, em que afirma ser uma injustiça os historiadores mencionarem exclusivamente os homens como sendo os fundadores do município. Apesar da ressalva, acaba relegando às mulheres o papel de “companheiras inseparáveis que, [...] junto com os maridos e as filhas, compartilham das lutas e sofrimentos, como é comum nestes desbravamentos”.<sup>96</sup>

Afirma ser inadequado “querer citar-se alguém ou quando muito uma meia dúzia de pessoas como fundadores, ignorando-se que um povoado começaria, como começou a Colônia Mineira, com o concurso de diversas famílias”.<sup>97</sup> O autor pode ter caído na própria armadilha ao fazer referida advertência, já que, embora se possa concordar que os fundadores não são poucos (caso se pudesse falar em uma “fundação”), ao compendiá-los não se garante ter abrangido a todos os envolvidos, sobretudo ao desconsiderar-se a população originária.

Sobre o autor, a obra conta com um prefácio assinado pelo seu filho, João Vicente de Souza, que apresenta uma sucinta biografia do pai, segundo a qual ele nascera em 1914, no município de Siqueira Campos, e seria “neto e bisneto dos fundadores da Colônia Mineira”.<sup>98</sup> Ao frisar esse aspecto, pretende tornar nítida a

---

<sup>95</sup> SOUZA, Joaquim Vicente de. **Minha Terra & Minha Gente**: história do município da Colônia Mineira e de Siqueira Campos. Curitiba: SEEC, 1988, p. 39.

<sup>96</sup> *Ibid.*, p. 21.

<sup>97</sup> *Ibid.*, p. 2.

<sup>98</sup> *Ibid.*, p. 13.

relação familiar entre ele e aqueles que teriam participado de tão glorioso passado registrado pelo pai, daí ter demarcado esse diferencial.

João também atribui ao pai, Joaquim Vicente de Souza, o empreendimento de ter escrito “[...] a história da Colônia Mineira e Siqueira Campos em 170 páginas de almanaque, que ficou datilografada e da qual tirou o presente resumo *Minha Terra e Minha Gente*”.<sup>99</sup>

O preâmbulo da obra é assinado pelo então prefeito municipal de Siqueira Campos e entrevistado neste trabalho, Antonio Barbosa do Amaral, para quem ela significa “o resgate de nossas origens, num trabalho que conta do povo e da terra da Colônia Mineira e de Siqueira Campos”. Para o ex-prefeito, “é importante documentar os feitos dos desbravadores, para oferecê-los às novas gerações”.<sup>100</sup>

A fala de Antônio Barbosa do Amaral é cheia de significados a serem problematizados segundo a perspectiva que este trabalho adota: “resgate” remete à preponderância da história contada, como se ela necessitasse dessa providência para subsistir; “origem” indica um ponto único de surgimento de algo, e não vários; e “desbravadores” reproduz a ideia de uma natureza ávida por ser explorada por alguns homens com coragem para fazê-lo. Transparece a insegurança de quem quer enquadrar a história, pois de outro modo ela poderia não se manter.

Na entrevista com o Sr. Antonio Barbosa do Amaral, ele apanhara álbuns de fotografias e a obra *Minha Terra & Minha Gente*, que estavam acomodados na mesa de centro da sua sala. Os álbuns estavam organizados com os eventos de que ele participou enquanto prefeito e com a identificação da situação e a data escritos à máquina. Entre as fotos, apresentou uma do evento que foi realizado para lançamento do livro, em 25 de junho de 1988, em que compareceu o autor, já idoso. Também mostrou a foto da ocasião em que o Sr. Joaquim Vicente recebeu de suas mãos o título de cidadão honorário de Siqueira Campos, em 23 de setembro do mesmo ano, ao que se pôde perceber um vínculo significativo entre eles.

Amaral relatou que o autor foi seu amigo e seu secretário por dois anos quando esteve presidente da Câmara de Vereadores de Siqueira Campos. Informou também que, embora Vicente tenha sido prefeito, ingressou no cargo como um

---

<sup>99</sup> SOUZA, Joaquim Vicente de. **Minha Terra & Minha Gente**: história do município da Colônia Mineira e de Siqueira Campos. Curitiba: SEEC, 1988, p. 13-14.

<sup>100</sup> AMARAL *apud* SOUZA, Joaquim Vicente de. **Minha Terra & Minha Gente**: história do município da Colônia Mineira e de Siqueira Campos. Curitiba: SEEC, 1988, p. 12.

*outsider* do poder político, ainda que contasse com o apoio da Igreja Católica: “ele era... o coitado era simples, né? Um homem pobre”.<sup>101</sup>

À época em que o Sr. Joaquim Vicente fora prefeito, o Paraná era governado por Moisés Lupion, que, conforme contou Amaral, alinhava-se politicamente a uma família de Siqueira Campos, cujo nome preferiu omitir: “muito grande, então na época eles que mandavam. Eles tinham o governo na mão, e eles mandavam aqui. E daí o coitado [Joaquim Vicente] sofreu na unha deles. Ele ia pra lá [Curitiba], eles ligavam pra não atender ele, daí quem perdia era o município né?”<sup>102</sup> E completa:

Aqui a história ela funcionava assim: a igreja que elegia o prefeito, entendeu? Do lado que a igreja ia, o padre ia, “pá”, ganhava mesmo. E daí ele como era da igreja, era muito católico, era pobrezinho, toda vida foi pobre. Ele ganhou a eleição sozinho, só com a igreja ajudando ele. E os poderosos, com dinheiro e o governo tudo, perderam. Então tinha aquela mágoa dele. É, porque falou: “nós com tudo na mão, somos ricos, tem poder, e tem o governo aqui do nosso lado tudo, nós vamos perder pro homem?” Então tinha aquela mágoa, você entendeu? E daí perseguia o coitado. Mas não tava perseguindo ele, tava perseguindo o município. Se eu sou prefeito, eu vou lá pra buscar um dinheiro pra fazer um asfalto na cidade, fazer uma água, qualquer coisa, e os cara me persegue, não está perseguindo eu, está perseguindo o município, né?<sup>103</sup>

O entrevistado enfatiza a situação de Vicente em várias oportunidades: “ele foi pobre, o coitado. Pobre assim, família pobre, ele pobre. Depois ficou doente, estava morando lá no Jardim Paranaense numa casinha ruim também lá... pobre”.<sup>104</sup>

Sobre a iniciativa de publicação da obra *Minha Terra & Minha Gente*, relata que se tratou de um pedido pessoal do autor, feito no dia da posse de Amaral como prefeito de Siqueira Campos, com o qual se comprometeu. Tal pedido foi cumprido no último ano de seu mandato: “olha, ele, ele até saía água do olho dele quando falava do livro, tá?”<sup>105</sup> Sobre a ocasião em que o autor pleiteou a publicação a ele, enfatizou:

Ele foi na prefeitura, conversamos. Falou: “Olha, Amaral, eu queria deixar esse livro escrito antes de eu morrer”, né? Queria que saísse o livro. Falei: “Não, o senhor pode contar com o meu apoio, que aqui tudo os vereadores, o povo de Siqueira, tudo apoia, o que depender de nós, nós vamos ajudar. Recurso, nós vamos botar recurso da prefeitura pra que saia o livro. Vamos

<sup>101</sup> AMARAL, Antonio Barbosa do. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 15 jan. 2022, vídeo MP4, 31m13s.

<sup>102</sup> AMARAL, Antonio Barbosa do.

<sup>103</sup> AMARAL, Antonio Barbosa do.

<sup>104</sup> AMARAL, Antonio Barbosa do.

<sup>105</sup> AMARAL, Antonio Barbosa do.

entrar em contato lá com a Secretaria da Cultura”, e o dia que ele, que nós fomos, o lançamento do livro, [ele] falou “Agora eu tô realizado”.<sup>106</sup>

Amaral conta ter se empenhado com o pedido e buscado recursos na Secretaria de Cultura do Paraná (SEEC), entremeios à transição entre o governo José Richa e Álvaro Dias.

Sobre a organização dos originais, relatou que “estava tudo guardadinho”<sup>107</sup> com Joaquim Vicente em sua casa em Curitiba e que a Secretaria de Cultura “botaram uns dois jornalistas, foi na casa dele, acho que foram umas duas, três vez, acertaram tudo e saiu o livro”.<sup>108</sup> Porém, não soube dizer sobre o destino dos originais, apenas conjecturando que a família os deve ter guardado.

O ex-prefeito Amaral fala com orgulho sobre ter sido ele quem teve a iniciativa de publicar a obra e sustenta a posição que defendeu no prefácio da obra, sobre o desejo de que houvesse continuidade no trabalho do autor, para que os jovens possam entender a história de Siqueira Campos.

A publicação se deu por iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (SEEC), cujo então secretário, René Ariel Dotti, sob o governo estadual de Álvaro Dias, registra, na mesma obra, que ela é um volume do projeto de iniciativa da Secretaria, o “História dos Municípios Paranaenses”.

O Sr. Antonio Barbosa do Amaral afirmou acreditar que os originais tenham sido publicados na sua totalidade em 1988, porém, em 2007, adveio nova publicação de Joaquim Vicente, esta postumamente: *Norte Pioneiro Norte Velho: Siqueira Campos no cenário do norte do Paraná*. Sobre a disponibilidade de exemplares, foi encontrado um na Biblioteca do Colégio Estadual Segismundo Antunes Netto, em Siqueira Campos, além de haver um livro na casa de cada um dos entrevistados: do Sr. Antonio Ramos e do Sr. Antonio Amaral. Em busca pela internet, no entanto, não foram encontrados exemplares à venda.

Sobre o contexto de sua publicação, entrevistou-se a Sra. Maria da Graça Montanha César, que relatou ter sido a responsável pela curadoria do Museu Municipal de Siqueira Campos entre os anos 2002 e 2011. Segundo ela, durante a

---

<sup>106</sup> AMARAL, Antonio Barbosa do. Antonio Barbosa do. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 15 jan. 2022, vídeo MP4, 31m13s.

<sup>107</sup> AMARAL, Antonio Barbosa do.

<sup>108</sup> AMARAL, Antonio Barbosa do.



organização dos itens do acervo, deparou-se com os originais escritos pelo Sr. Joaquim Vicente: “[...] fui começar a analisar, sabe? E como estava fora de ordem, e tinha algumas, tinham números, sabe? Sequência... aí eu fui lendo, fui lendo, falei, mas ‘isso aqui é uma obra do seu Joaquim’”.<sup>109</sup> A partir dessa constatação, conta sobre o processo de organização:

Aí eu fui analisar, fui olhar e aí percebi que era uma obra, era um livro que ele narrava a história, a vinda dos mineiros pra cá, a época, o nome das famílias, no Norte Pioneiro. E eu fui verificando, fui arrumando, fui organizando as páginas que estavam meio fora de, fora de ordem, né? Daí eu consegui com a secretária [estadual], Vera Lúcia na época, porque eles [...] conseguiram pra gente imprimir esses livros de quando era da história do Município. E aí eu consegui, ela autorizou e aí eu levei [...]. Aí eu coloquei as fotos, fotos que casaram com o texto.<sup>110</sup>

Maria da Graça relatou que a iniciativa de publicação partiu dela e que, com o apoio do município de Siqueira Campos, dirigiu-se à Secretaria Estadual de Cultura do Paraná, que autorizou a impressão de 500 cópias. Destas, parte foi distribuída num evento no clube de campo da cidade e outras cópias teriam ficado no museu para pesquisa, embora não tenham sido encontradas.

A nova publicação trata, igualmente, do povoamento de Siqueira Campos, como a anterior. O apresentador, o geógrafo, historiador e pesquisador da Secretaria de Estado da Cultura do Estado do Paraná, José Luiz de Carvalho, exalta as intenções do autor: “Joaquim Vicente de Souza foi daqueles amantes da terra natal, que perscrutando os documentos e as histórias locais queria que ela tivesse raízes e identidade, fosse conhecida e valorizada [...]”.<sup>111</sup>

De antemão, Joaquim Vicente de Souza atribui a si a autoria da denominação da região como Norte Pioneiro, em substituição a Norte Velho, o que pode se relacionar com a genealogia dos “pioneiros” que descreve em suas obras, como se quisesse fazê-los transparecer no nome da região. Afirma que sugeriu a mudança por ocasião de um encontro de associações rurais na cidade de Jacarezinho/PR, em 1964, quando teria tomado a palavra para fazer tal sugestão, a qual teria sido bem recebida pelos presentes, vindo desde então a ser utilizada.

---

<sup>109</sup> CÉSAR, Maria da Graça Montanha. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 7 jan. 2022, vídeo MP4, 37m32s.

<sup>110</sup> CÉSAR, Maria da Graça Montanha.

<sup>111</sup> CARVALHO *apud* SOUZA, Joaquim Vicente de. **Norte Pioneiro Norte Velho**: Siqueira Campos no cenário do norte do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial, 2007, p. 6.

Embora não conte com um índice, a obra divide-se sob uma lógica parecida com a anterior: O Norte Pioneiro; Os antecedentes; Espírito Santo da Colônia Mineira; A fundação do povoado. E ainda: A benção da capella; A legitimação do patrimônio da Colônia Mineira; O povoamento e a vida econômica e social da Colônia Mineira desde a fundação até os fins do século 19; O distrito judiciário da Colônia Mineira; O município da Colônia Mineira; O termo judiciário da Colônia Mineira; A comarca de Siqueira Campos; e A atual administração.

Vê-se como o autor busca se situar por marcos temporais, institucionais e religiosos que deem a Siqueira Campos a relevância que ele atribui à cidade. O registro do estabelecimento dessas instituições demonstra a relação intrínseca entre a propriedade e os grupos sociais – só é um município estabelecido, independente, aquele que tem um patrimônio próprio, que é dono de si. Numa iniciativa bem próxima àquela presente na historiografia tradicional já mencionada, refere-se ao Norte Pioneiro como o “Eldorado Brasileiro” e a “Nova Terra de Canaã”.

Segundo informação que atribui a Florêncio Marques Rodrigues (não referenciado), o autor aponta a presença da família dos mineiros pioneiros, supostamente provenientes de Santana de Sapucaý, Joaquim José de Senes e José Bernardo de Gouvêa, por “registros de casamentos existentes no Livro primeiro dos arquivos da antiga capela curada de São João Batista do Rio Verde, hoje paróquia de Itaporanga, do vizinho Estado de São Paulo”.<sup>112</sup> Adiante, traça uma longa genealogia dessas primeiras famílias, que, “no ano da graça de 1863, [...] fundaram um povoado no mesmo sítio onde hoje se encontra a cidade, povoação que foi apelidada de Colônia dos Mineiros”.<sup>113</sup>

Assim como na obra anterior, há 10 laudas com nomes de sujeitos que compunham as famílias “pioneiras” e suas relações de parentesco, para, segundo o autor, se “arrancar das brumas do esquecimento”,<sup>114</sup> deixando nítido, mais uma vez, o seu temor pelo apagamento.

Também se preocupou em mencionar os marcos religiosos do município, referindo como “crepúsculo brumoso” e “madrugada histórica dos nossos antepassados” o período anterior ao levante do cruzeiro e a posterior construção da

---

<sup>112</sup> SOUZA, Joaquim Vicente de. **Norte Pioneiro Norte Velho**: Siqueira Campos no cenário do norte do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial, 2007, p. 23.

<sup>113</sup> *Ibid.*

<sup>114</sup> *Ibid.*, p. 30.

capela do Povoado do Divino Espírito Santo da Colônia Mineira, firmada a partir de uma promessa da família dos Caetano ao saírem de mudança de Minas Gerais.<sup>115</sup>

Sobre o empreendimento mineiro ao Norte Pioneiro, afirma que os motivos do deslocamento não foram econômicos, pois os mineiros pioneiros eram “afirmados, possuindo grandes criações de gado e engenhos e industrialização de seus produtos já com muitos recursos e técnicas”,<sup>116</sup> além de haver, no sul de Minas, uma vasta área disponível para se fixarem. O autor faz questão de demarcar, assim, a posição social dos mineiros.

Ainda, Joaquim Vicente de Souza atribui a migração à Guerra do Paraguai, que despertou a necessidade de proteção dos filhos homens que deveriam se incorporar ao exército.<sup>117</sup>

As duas obras parecem, de fato, terem sido fruto de um único trabalho do autor, e pode-se especular, pelo teor das entrevistas, se a separação do material em dois livros não se deveria a um eventual descuido com os originais, cuja integralidade teria sido posteriormente encontrada, dando origem à nova obra. Não há certeza a esse respeito, mas a semelhança dá indícios dessa hipótese.

Em todo caso, o autor, ao procurar descrever em minúcias a história de Siqueira Campos e de sua gente, com suas longas genealogias, transparece o medo de que não apenas a história seja esquecida, mas também ele próprio o seja. Falando sobre a história da cidade, talvez tenha encontrado um modo de inscrever a si próprio nela e, com isso, imortalizar-se, o que pode ser fruto do ressentimento com o pouco prestígio que teve enquanto político, como relatou o Sr. Amaral, fato que o levou a buscar esse prestígio de outra forma.

### 1.3 QUE MEMÓRIA É ESSA?

No início do desenvolvimento deste trabalho, acreditava-se que a memória social da migração mineira se tratava de uma memória pública, aquela que transparece “[...] os sentidos do passado dominantes nos locais de acesso público, como testemunhas da vontade [de] ‘imortalizar’ determinadas versões do passado,

---

<sup>115</sup> SOUZA, Joaquim Vicente de. **Norte Pioneiro Norte Velho**: Siqueira Campos no cenário do norte do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial, 2007.

<sup>116</sup> *Ibid.*, p. 36.

<sup>117</sup> *Ibid.*

intenção esta constituída por sujeitos históricos concretos”.<sup>118</sup> É também aquela que recebe ampla divulgação na esfera pública, em seu processo histórico de constituição e transformação e “possui, portanto, o caráter de conferir visibilidade a determinados personagens e processos sociais, relegando outros ao esquecimento, buscando tornar-se hegemônica”.<sup>119</sup>

No entanto, conforme iam se revelando as fontes e se adensando as leituras, essa hipótese não se manteve. Apesar de alguns traços demonstrarem semelhanças, como a visibilidade preponderante dada a certos personagens ou grupos, não se verificaram iniciativas para que essa memória transparecesse publicamente, pelo menos não atualmente. Por outro lado, percebeu-se que é uma memória mais articulada ao imaginário popular, ao domínio, portanto, da memória coletiva, sobre a qual Halbwachs pautou a discussão. Para ele:

Não é possível reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque eles passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade.<sup>120</sup>

Memória coletiva, para Todorov, não é memória, mas um discurso, em movimento no espaço público, que representa o que a sociedade quer mostrar de si mesma.<sup>121</sup> Assim, na memória coletiva, há uma troca de lembranças entre os componentes do grupo em questão, noções comuns que se desenham em uns e outros. No caso da pesquisa, os entrevistados correspondem a pessoas idosas que cresceram ouvindo e compartilhando histórias sobre a mineiridade de Siqueira Campos/PR, sobretudo porque, entre as décadas de 1950 e 1970, houve uma efervescência desse discurso a partir do que era divulgado pela Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP), pela historiografia tradicional e, mais particularmente, pelos livros memorialistas. No entanto, não se pode afirmar que essa memória, a princípio tomada como coletiva, continue a ter a mesma envergadura com as novas

---

<sup>118</sup> LANGARO, Jiani Fernando. **Para além de pioneiros e forasteiros**: outras histórias do oeste do Paraná. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006, p. 40.

<sup>119</sup> *Ibid.*, p. 39.

<sup>120</sup> *Ibid.*, p. 34.

<sup>121</sup> TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem**: indagações sobre o século XX. São Paulo: Arx, 2002.

gerações, sobretudo em se considerando uma virada na historiografia e a pouca importância, a julgar pelo número diminuto de exemplares disponíveis, que tem sido dada às obras memorialistas.

Ao comentar Halbwachs, Ricoeur afirma que a consciência de unidade do “eu”, que garante um pertencimento a diversos meios, deriva do pensamento coletivo e só existe no presente. Pertencer a um grupo é tanto se situar sob o seu ponto de vista quanto adaptar-se à pressão social por fazê-lo.<sup>122</sup> Assim, entender Siqueira Campos como um local de mineiros requer que o sujeito se situe dentro desse imaginário coletivo, mas também que manifeste essa ideia, seja ao se remeter aos costumes, ao vocabulário, à culinária, seja ao invocar essa memória nos *outdoors* de seus negócios.

Ao tratar da memória coletiva por ocasião de uma entrevista, Alessandro Portelli afirmou que ela se situa nas atividades intelectuais de cada um dos sujeitos e, se institucionalizada, pode resultar em memórias fortes e hegemônicas que se firmam em monumentos e documentos oficiais. Acrescenta que essa memória é social porque, enquanto humanos, tudo que se produz é social, assim como o idioma ou a experiência são sociais. Adverte, por fim, que, apesar das memórias coletivas, há um horizonte de memórias possíveis, já que cada indivíduo tem sua memória individual.<sup>123</sup> É sobre esse horizonte de memórias possíveis além da memória coletiva que este trabalho se debruça.

Especula-se se a escassez de exemplares de ambos os livros se justificaria por serem edições com tiragem reduzida, que se esgotaram e se tornaram artefatos históricos (embora, a julgar pelo preço, o vendedor possivelmente não o saiba), ou se sua inexistência nas prateleiras, sebos e bibliotecas adviria do desinteresse por eles.

Quem passa pelo Museu Histórico de Siqueira Campos, conversa com a bibliotecária da Biblioteca Municipal Expedicionário Julio Barbosa Lemes, com os entrevistados que detêm um exemplar ou com a museóloga que trabalhou no museu, tende a se convencer de que a primeira hipótese seja a verdadeira, pelo tratamento que é conferido ao livro, embora este trabalho não se arrisque a convalidar essa posição. Isso porque não se pode afirmar que a posição dessas pessoas que têm ou

---

<sup>122</sup> RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

<sup>123</sup> ALMEIDA, Paulo Roberto; KOURY, Yara Aun. História oral e memórias: entrevista com Alessandro Portelli. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 50, p. 197-226, jan./jun. 2014.

tiveram uma relação mais íntima com as obras corresponda, necessariamente, ao sentimento de identificação local.

A preocupação de Joaquim Vicente em mencionar os “fundadores” e sua parentela chama a atenção pela pretensão de se identificar quem são os estabelecidos no local e, por outra via, pelo desejo de se diferenciar daquelas pessoas ou famílias que não atenderiam a esse critério – os *outsiders*, como observaram Norbert Elias e John Scotson.<sup>124</sup> Os autores se dedicam a examinar os aspectos, relacionados como uma unidade residencial, que conferem o caráter de comunidade a um determinado grupo de pessoas e buscam identificar tensões havidas entre quem está dentro ou fora dessa teia de relações. A pesquisa confere aspecto relevante ao lugar de moradia para o desenvolvimento e fortalecimento dessas relações.<sup>125</sup>

A ideia de estabelecidos, em essência, aplica-se à noção que aparece nas obras, em que os sujeitos nomeados pelo memorialista ganham o *status* de pioneiros e, portanto, diferenciam-se em termos sociais, o que os autores chamam de “velhas famílias”.<sup>126</sup> Essa expressão não se relaciona propriamente à sua antiguidade, ou à idade de seus componentes, mas é empregada no sentido de que

[...] quem pertence a uma família antiga, não apenas tem pais, avós e bisavós como todo mundo, mas que seus pais, avós e bisavós são *conhecidos em sua comunidade*, em seu meio social, e são geralmente conhecidos como pessoas de bem, que aderem ao código social aceito desse meio.<sup>127</sup>

Assim, esse caráter de estabelecido é firmado pela rede mais sólida de relações e reconhecimentos recíprocos entre essas famílias antigas, construído com base no local onde fixaram sua moradia, de modo que, durante várias gerações, podem ser reconhecidos e manter determinados padrões que os diferenciam dos outros.<sup>128</sup>

O conjunto de nomes mencionados nos livros devem compor, portanto, a rede de famílias já estabelecidas no local, sendo que a genealogia traçada pelo autor contribui para firmar esses laços de pertencimento entre os seus componentes e dar-lhes o traço capaz de diferenciá-los dos *outsiders* – os que não pertencem a elas, os

---

<sup>124</sup> ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder em uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

<sup>125</sup> *Ibid.*

<sup>126</sup> *Ibid.*

<sup>127</sup> *Ibid.*

<sup>128</sup> *Ibid.*

que não podem ser considerados “fundadores”, os que não são mineiros. Ainda que essas distinções não sejam fáceis, elas têm seu grau de funcionamento dentro dessa lógica e são capazes de garantir uma certa hierarquia no trato social.

A influência dessas obras emergiu na entrevista do Sr. Antonio Ramos<sup>129</sup> em Siqueira Campos/PR. Aposentado, 77 anos, tendo atuado como técnico de rádios e televisores, foi selecionado para ser entrevistado por dois motivos: sua parentela mineira, mãe e pai nascidos, respectivamente, em Ipuíuna de Caldas<sup>130</sup> e Caracol, atual Andradas/MG; e a informação prévia de que ele teria um pequeno acervo pessoal com fotos e documentos antigos de Siqueira Campos e um grande interesse em guardá-los.

Por ocasião da entrevista, ele esperava com materiais organizados em sua mesa, entre eles o livro *Norte Pioneiro Norte Velho: Siqueira Campos no cenário do norte do Paraná*. Durante a entrevista, Sr. Antonio advertiu:

[...] Segundo o historiador Joaquim Vicente, que pesquisou muito mais, passou trinta anos da vida dele pesquisando, ele disse que os mineiros vieram fugindo de medo da Guerra do Paraguai que estava convocando tudo quanto era filhos, e as famílias eram numerosas, então na verdade eles vieram fugindo para que os filhos não fossem convocados pra guerra. Chegou a primeira leva.<sup>131</sup>

É possível vislumbrar a relação entre as memórias apresentadas nos livros e na entrevista com o Sr. Antonio Ramos: respectivamente, a memória cultural e a comunicativa. Para Jan Assmann, aquela é “uma forma de memória coletiva, no sentido de que é compartilhada por um conjunto de pessoas, e de que transmite a essas pessoas uma identidade coletiva, isto é, cultural”.<sup>132</sup> Trata-se de uma memória que se realiza pela interação do elemento humano com determinados objetos, locais, símbolos, produzindo lembranças.<sup>133</sup>

Embora os objetos em si não tenham memória, elas podem despertar a lembrança nos indivíduos e nos grupos. Assim, “[...] símbolos externos se torna[m]

<sup>129</sup> SILVA JUNIOR, Antonio Ramos da Silva. SILVA JUNIOR, Antonio Ramos da. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 23 jul. 2021, vídeo MP4, 48min31s.

<sup>130</sup> SILVA JUNIOR, Antonio Ramos da Silva.

<sup>131</sup> *Ibid.*

<sup>132</sup> ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. Tradução de Méri Frotscher Kramer. **História Oral**, v. 19, n. 1, p. 115-128, jan./jun. 2016, p. 118.

<sup>133</sup> *Ibid.*

cada vez mais importantes, porque grupos que, é claro, não ‘têm’ uma memória, tendem a fazê-la por meio de coisas que funcionam como lembranças, tais como monumentos, museus, bibliotecas, arquivos e outras instituições [...]”.<sup>134</sup>

É o caso das obras analisadas, tomadas aqui como documentos da memória, pelos quais o leitor, ao ter contato com elas, é levado a participar da memória coletiva que faz sentido na identificação desse leitor com o grupo – transmite a ideia de identidade. Para ser transmitida, no entanto, deve, necessariamente, valer-se de “instituições de preservação e recorporificação”<sup>135</sup> que cumprem essa função.

Por outro lado, a memória comunicativa não necessita desse elemento institucional, já que “vive na interação e na comunicação cotidiana e, por essa única razão, tem uma profundidade de tempo limitada, que normalmente alcança retrospectivamente não mais que 80 anos, o período de três gerações que interagem”.<sup>136</sup> É dizer: são as memórias que os indivíduos compartilham.

Essas duas categorias de memória se conversam entre o conteúdo dos livros e o das narrativas das entrevistas: a lembrança que é acionada pelos livros é traço da memória cultural, enquanto a que está sendo transmitida oralmente é resultado da memória comunicativa, como que integrando um sistema que se retroalimenta.

Situação semelhante aconteceu durante a entrevista com o Sr. José Salvador de Souza Filho, 78 anos, natural de Siqueira Campos/PR, realizada em sua casa, no distrito do Alecrim. Ele fez questão de esclarecer que o memorialista de Siqueira Campos, Joaquim Vicente de Souza, é seu familiar:

Eu tenho um livro, esse livro, no histórico de Siqueira Campos, vai tá lá. O tio Joaquim Vicente escreveu esse livro: *Minha Terra Nossa Gente*. [...] Esse homem, ele escreveu a história, e essa história. História não, isso é um acontecido. [...] Esse Joaquim Vicente é filho do Zeca Vicente, primo do meu pai. É tudo um povo só.<sup>137</sup>

José Salvador traça o itinerário que o leva até o autor do livro e enfatiza: “é tudo um povo só”, expressão com a qual é capaz de conferir o caráter de origem

---

<sup>134</sup> ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. Tradução de Méri Frotscher Kramer. **História Oral**, v. 19, n. 1, p. 115-128, jan./jun. 2016.

<sup>135</sup> *Ibid.*

<sup>136</sup> *Ibid.*

<sup>137</sup> SOUZA FILHO, José Salvador. SOUZA FILHO, José Salvador de. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 8 ago. 2021, vídeo MP4, 46m26s.



comum aos migrantes mineiros. Candau trabalha com essa ideia, entendendo relevante o papel da “origem comum” para definir identidades individuais e coletivas, além de conferir coesão e relevância ao grupo que se entende enraizado nessa origem.<sup>138</sup> Os beneficiários do mito se veem como os únicos favorecidos por essa relação, e esse parentesco privilegiado tem por efeito dotar esse grupo humano de uma identidade em relação aos outros, provendo uma forte coesão entre seus membros.<sup>139</sup>

Essa constatação ajuda a compreender o fato de o “mito da mineiridade” não ter transpassado os limites de Siqueira Campos, em que pese terem sido entrevistados migrantes mineiros em cidades vizinhas a ela – Quatiguá, Tomazina e Salto do Itararé –, o que se justifica em vista da seletividade que a memória das origens demanda, fazendo supor que “Siqueira Campos é colônia de mineiros”. Daí que a memória se refere a uma escolha, uma seleção de quem está dentro e fora.<sup>140</sup> Esses elementos contribuíram para ampliar a percepção de que as obras mostram uma vontade de delimitar uma noção de origem comum, genealógica.

Pode-se relacionar o trabalho de Joaquim Vicente de Souza à de um *history maker*. Marieta de Moraes Ferreira usa o termo para descrever

Autores que escrevem sobre o passado sem fazer uso das regras estabelecidas pela comunidade acadêmica, ou que recolhem depoimentos orais carregando a crença em que o relato individual expressa em si mesmo a história. Enfim, generaliza-se uma confusão entre história-objeto e história-conhecimento, entre história vivida e história como operação intelectual.<sup>141</sup>

É o que Hass Júnior também denomina de “‘historiador de ofício’, ‘historiador amador’, ‘memorialista’ ou, ainda ‘*history maker*’”,<sup>142</sup> com a ressalva de que a formação acadêmica, por si só, não confere maior valor a um trabalho de História, bem como a ausência dela não indica necessariamente menor qualidade. O termo é usado pelo autor na intenção de descrever um tipo de produtor de histórias locais,<sup>143</sup> como foi Joaquim Vicente de Souza.

<sup>138</sup> CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2019.

<sup>139</sup> JERPHAGNON *apud* CANDAU, *Ibid.*, p. 96.

<sup>140</sup> CANDAU, *op. cit.*, p. 97.

<sup>141</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e História oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, p. 314-332, dez. 2002, p. 362.

<sup>142</sup> HASS JUNIOR, Arnaldo. **Horizontes da escrita**: historiografia, uma ideia de região e a monumentalização do passado. Alto Vale do Itajaí – SC (1985-2007), 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009, p. 82 (grifo do autor).

<sup>143</sup> *Ibid.*

Também é possível comparar os discursos das obras com os tipos sugeridos por Todorov, para quem os vestígios do passado se mantêm de acordo com três espécies de discurso, são eles: o da testemunha, o do historiador e o do comemorador.<sup>144</sup> Dado que Joaquim Vicente de Souza não se apresenta nem produz como historiador, o primeiro e o último parecem se alinhar com os que figuram nas obras.

O discurso da testemunha é aquele pelo qual o sujeito se vale das suas próprias lembranças para explicar sua vida e constituir identidade.<sup>145</sup> É um trabalho de omitir, deformar e acomodar elementos para criar a imagem que se quer, e pode ou não se valer de vestígios concretos, já que o que prevalece é o desejo do indivíduo sobre a construção.<sup>146</sup>

Além do discurso da testemunha, aparece também nas obras o do comemorador, que se move pelo seu interesse, mas, como o do historiador, atravessa o espaço público e é mostrado como verdade.<sup>147</sup> Além disso, manifestar-se-ia em determinados espaços apropriados, como na escola, na mídia, nas reuniões de grupos, na vida política, nas casas de leis, circunstâncias que não permitem discussão, apresentando-o congelado, imutável. Também é capaz, por isso, de demarcar a fronteira entre os ídolos e os inimigos na história, daí que é sacrílega e sacralizante.<sup>148</sup>

Também vale destacar a contribuição de histórias locais, a partir dos municípios já desmembrados, para se estabelecer fronteiras de supostas “origens” diferentes entre eles, o que acabou por limitar a história da migração mineira ao município de Siqueira Campos, não obstante ela não tenha se dado dentro desses contornos, já que essa divisão político-administrativa sequer existia naquele contexto.

Esse anseio por registrar, resguardar e resgatar a história local, para Marieta Ferreira, é um sintoma do processo de globalização, cujos avanços causam um receio de perda da memória dos antepassados e uma procura por afirmar identidades.<sup>149</sup> Paolo Rossi dedica um item da sua obra para abordar “o temor de ser esquecido” e o “terror

---

<sup>144</sup> TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem**: indagações sobre o século XX. São Paulo: Arx, 2002.

<sup>145</sup> *Ibid.*

<sup>146</sup> *Ibid.*

<sup>147</sup> *Ibid.*

<sup>148</sup> *Ibid.*

<sup>149</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e História oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, p. 314-332, dez. 2002, p. 325.

que temos da amnésia”, quando a vida do indivíduo deixaria de ter sentido pela ausência da memória, daí haver quem se esforce em reconstruir o passado, empenho que vale tanto individualmente quanto para a coletividade e grupos.<sup>150</sup>

Essa identidade, na forma de uma origem comum, aparece não só nas obras memorialistas, mas também na historiografia tradicional, que definem uma história que teria sido inaugurada se não total, mas principalmente pela iniciativa de mineiros, entendidos como protagonistas da formação de municípios do Norte Pioneiro. Referida identidade constitui uma memória social coletiva que é uma versão da história que está impregnada no imaginário popular.

É de se ver que há uma vontade de dar estabilidade a essa versão, ao passo que silêncios sobre os aspectos não incluídos por ela se perpetuam. Essa constatação permite constituir a problemática com que ora se trabalha: que memórias individuais existem para além de uma memória pública hegemônica sobre a migração mineira?

Para tanto, assume-se uma outra leitura sobre a migração mineira, desta feita analisando diferentes temporalidades e narrativas: a dos migrantes mineiros do século XX, entrevistados na segunda década do século XXI, e sob a perspectiva das experiências individuais e coletivas, dando centralidade ao sujeito ativo da migração, o migrante, com suas memórias, experiências, histórias de vida, a identidade que ele firma ao associá-las aos diferentes locais e tempos de vida pelos quais passou etc. É sob essa perspectiva que se adota a metodologia de história oral para se conhecer as tramas de experiências dos migrantes que não tiveram seus registros nos anais oficiais e inscrever outras histórias nesse passado.

O próximo capítulo trará aspectos da migração que vão desde a decisão de migrar, passando pelas escolhas possíveis, as expectativas, as resistências, a viagem, as itinerâncias, bem como os significados atribuídos pelos entrevistados a essa teia de situações envolvidas na migração.

---

<sup>150</sup> ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.

## CAPÍTULO 2 – O PARANÁ PARA OS MINEIROS: OUTROS SENTIDOS

### 2.1 DEIXANDO MINAS GERAIS

A decisão de migrar é complexa por si só, pois implica deixar um lugar onde há certo grau de estabilidade, seja nos laços sociais, no tempo de permanência, no espaço ocupado, nas relações de trabalho e econômicas etc., para se lançar ao novo. Os entrevistados realizaram a migração Minas Gerais-Norte Pioneiro do Paraná entre as décadas de 1940 e 1960 e, sem exceção conhecida, praticaram a migração rural-rural.

A leitura do padrão econômico-produtivo do Brasil e da força de trabalho disponível nessa conjuntura permite compreender por que a saída e permanência se deram na zona rural: buscavam-se novas áreas para realizar o que já se sabia fazer, que era o cultivo do café. Para Ferdinando Filetto, nos anos 1950, no Brasil, prevalecia o setor primário da economia e o principal produto exportado era o café.<sup>151</sup>

Isto se deveu, principalmente, à política de erradicação do café, eliminando plantas antieconômicas e aproveitando as antigas áreas cafeeiras para a exploração de outras culturas. A participação do estado na área cultivada nacional declinou no primeiro período de 3,3%, para aumentar 0,5% no segundo período.<sup>152</sup>

Em Minas Gerais, entre 1950 e 1958, houve um crescimento constante da cafeicultura, alcançando taxas de 30%, salvo em 1952, 1954 e 1956, o que difere do período seguinte, de 1959 a 1964, quando a produção sofreu uma queda de 40% se comparada ao ano base.<sup>153</sup>

Outros fatores também podem justificar essa queda na produção na metade do século XX: o processo de urbanização e a dispensa de mão de obra na lavoura, pela mecanização, ligada ao Plano de Metas de Juscelino Kubitschek.<sup>154</sup> Esse cenário só mudaria a partir de 1969, em função do fornecimento de crédito subsidiado, da alta dos preços do café e do aumento da produtividade em razão do uso de tecnologia.<sup>155</sup>

---

<sup>151</sup> FILETTO, Ferdinando. **Trajetória história do café na região Sul de Minas Gerais**. 2000. Dissertação (Mestrado em Administração Rural) – Universidade Federal de Lavras, Uberlândia, 2000.

<sup>152</sup> *Ibid.*, p. 85.

<sup>153</sup> *Ibid.*

<sup>154</sup> *Ibid.*

<sup>155</sup> *Ibid.*

Os traços da modernização da produção no Brasil, que tem como uma de suas expressões o aprimoramento dos transportes, deram razão à migração, desde Ibitiura de Minas/MG até Quatiguá/PR, em 1948, da família do Sr. José Paixão, cuja propriedade, em que se produzia café, foi entrecortada por uma linha férrea:

Na época lá tinha café lá. É... meu pai tinha a lavoura dele lá, pareceu o que mais, o que mais fez com que eles vendessem o terreno lá, foi uma estrada federal que passou no meio do sítio dele. É... cortou o sítio dele pelo meio. E... a lavoura de café do meu pai mesmo que é a lavoura nova, né... é, passou no meio da lavoura, cortou pela metade. E agora, a estrada acabou com a lavoura de café. Recebeu nada [de indenização]. Naquele tempo! Atrapalhou, daí acabou com a lavoura deles... agora o que que eles iam fazer lá sem a lavoura? Né? E... lá o que não era serra, era pedra, era... Ih... complicado.<sup>156</sup>

Essa marca também se projetou na família do Sr. Antonio Leite dos Santos,<sup>157</sup> que, embora nascido no Paraná, lembra-se do relato dos pais sobre a migração que fizeram de Jacutinga/MG a Tomazina/PR. Ele aponta que o “pai veio... trabalhou na construção da estrada de ferro”, referindo-se à linha férrea que passa pelo bairro rural de Barbosas em Siqueira Campos, onde mora atualmente e que, segundo ele, “vai até Ourinhos”,<sup>158</sup> no estado de São Paulo, fazendo sobressair a capacidade do empreendimento em ultrapassar o limite estadual e diminuir as distâncias que, à época, somente se transpunham com dificuldades.

A fotografia da estação de trem de Siqueira Campos (Figura 7) é bastante difundida, tendo sido reproduzida em parede de prédio público, como cartão de visitas do Museu Histórico de Siqueira Campos, além da capa do livro “Norte Pioneiro Norte Velho”, de Joaquim Vicente de Souza, onde também aparece no anexo de imagens como “Colônia Mineira, 1915 – Inauguração da estação ferroviária”,<sup>159</sup> embora, contraditoriamente, seu prédio não tenha sido preservado. A estação de trem possui um potencial de simbolizar a modernidade, a novidade, além de um eixo de encontros

<sup>156</sup> PAIXÃO, José Domingos da. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 1 jul. 2021, vídeo MP4, 52m03s.

<sup>157</sup> SANTOS, Antonio Leite dos. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 15 jul. 2021, vídeo MP4, 01h4m22s.

<sup>158</sup> SANTOS, Antonio Leite dos.

<sup>159</sup> SOUZA, Joaquim Vicente de. **Norte Pioneiro Norte Velho**: Siqueira Campos no cenário do norte do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial, 2007, p. 179.

e desencontros, mudanças, chegadas e saídas. Pode residir nessa representação a escolha dessa imagem para demonstrar esse passado.

Figura 7 – Inauguração da estação ferroviária da Colônia Mineira em 1915



Fonte: Museu Histórico de Siqueira Campos

A realidade do Sr. Benedito,<sup>160</sup> no entanto, migrante aos 14 anos, em 1963, do bairro dos Vales, município de Monte Sião/MG, foi diferente: viu o espaço da lavoura de café ser substituído pela atividade da pecuária leiteira. Segundo ele, “onde entra o boi, falta o homem”,<sup>161</sup> referindo-se ao espaço ocupado pelas pastagens e à menor necessidade de muitos trabalhadores para a labuta com o gado:

Olha, como é de conhecimento de todo mundo, Minas é um estado da pecuária e como diz o que tem vida a pecuária, onde entra o boi, falta o homem. Então entrando na Companhia da Leco em Ouro Fino os fazendeiros que tinham café, que meu pai era meeiro de café, então faltou serviço, então... e ele não ia trabalhar por dia, porque lá por dia naquele tempo não fazia pra comer. Então... e o Paraná era um estado muito rico, então pra você pegar um... um pé de milho, um pé de café pra trocar, qualquer lugar que você chegava aqui o fazendeiro dava a meia, 3 mil pés, você que escolhia a quantia que queria tocar, então com essa migração por exemplo que entrou a laticínio

<sup>160</sup> FREITAS, Benedito Aparecido de. FREITAS, Benedito Aparecido de. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Tomazina, PR, 5 ago. 2021, vídeo MP4, 63min24s.

<sup>161</sup> FREITAS, Benedito Aparecido de.

da Leco, tudo aqueles fazendeiro foram cortando o café e formando a invernada, então faltava esse serviço e o Paraná, como tinha bastante serviço, bastante café, aqui... viemos pra cá.<sup>162</sup>

Sobre os cafezais no contexto do Norte Pioneiro do Paraná, chamado por Cancian de *Norte Velho de Wenceslau Braz*, para o qual se encaminhavam os mineiros, ela descreve que “em 1950 observava-se que as combinações se encaminham para pastagens e lavouras temporárias, secundadas pelo café. Isto foi interrompido momentaneamente pela euforia cafeeira nos anos compreendidos entre 1950 e 1960”.<sup>163</sup>

Nesse período, houve o desenvolvimento de duas tendências: por um lado, o declínio da produção de café e o aumento da produção de lavouras temporárias, a fim de fornecer matéria-prima e alimentos às cidades que estavam em processo de crescimento e industrialização. Como exemplo, Cancian compara os números de pés de café cultivados em 1946 e 1953, em declínio em Siqueira Campos, Wenceslau Braz e Tomazina.<sup>164</sup>

Em contrapartida, a autora toma os municípios de Pinhalão e Japira, também no Paraná, como exemplos nos quais, na década de 1960, a cultura do café se revigorou. Nelas, a “monocultura cafeeira era apenas disfarçada pela presença de algumas pastagens, acrescidas de lavouras intercaladas no segundo [município]”.<sup>165</sup> Quatiguá, para onde se dirigiu grande parte dos entrevistados, estava entre os quatro municípios da microrregião que cultivavam café em grande escala.<sup>166</sup>

Ainda que houvesse oscilações na produtividade, para mais ou para menos, a depender do município sob análise, pode-se concluir pela relevância econômica do cultivo de café nessa conjuntura e notar sua presença marcante no espaço rural do Norte Pioneiro, assim como se apresenta nas narrativas dos entrevistados.

---

<sup>162</sup> FREITAS, Benedito Aparecido de. FREITAS, Benedito Aparecido de. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Tomazina, PR, 5 ago. 2021, vídeo MP4, 63min24s.

<sup>163</sup> CANCIAN, Nadir Aparecida. **Cafeicultura paranaense: 1900/1970**. Curitiba: Grafipar, 1981, p. 96.

<sup>164</sup> *Ibid.*

<sup>165</sup> *Ibid.*

<sup>166</sup> *Ibid.*

Os obstáculos naturais à produção em Minas Gerais aparecem na entrevista do senhor Maurílio Pitarelo,<sup>167</sup> filho caçula de migrantes mineiros e o único a nascer no Paraná, ao contrário dos seus irmãos, todos nascidos em Andradas/MG:

Ah, eles trabalhavam lá e lá é um lugar muito penoso, muito montanhoso e o pessoal começou a falar do Paraná, que o Paraná é um estado muito bom, muito produtor de café, lavoura. Aí eles vieram pra cá tentar uma vida melhor, né? Aí vieram aqui, fizeram uma vistoria aqui, voltaram pra lá e decidiram vim. Aí o João Sbolli tinha o sítio pra vender, aí eles compraram, ali no Ribeirão Bonito onde mora meu irmão, o José. E eles compraram o sítio e chegaram com a promessa de pagar com a carga de café. Eles compraram em [19]52, em [19]52 que eles vieram pra cá.<sup>168</sup>

O relato acompanha o de sua prima Centilina Gonçalves Barbosa,<sup>169</sup> nascida no município de Andradas/MG, no bairro Grotão. Para ela, a mudança se deveu a dificuldades relacionadas ao relevo e à pouca produtividade da terra em que a família trabalhava, que era de propriedade de seu avô:

Lá tava difícil né, lá é muito difícil pra trabalhar, muita serra, muita pedra. Então não tava dando, e os que vieram pra frente falava que [inaudível] que era bão pra ganhá dinheiro né. [...] O trabalho deles era lidar com café e lavoura também, né. [...] E o comentário era que aqui era muito bão demais, né, e que era fácil pra trabalhar porque não tinha pedra. [...] Era muita pedra. Eles falavam que tinha essas pedronas grandona assim, sabe? Diz que era aqueles pedrão grandão.<sup>170</sup>

O cultivo de café moveu tanto fazendeiros quanto os trabalhadores que não tinham uma relação de propriedade com a terra. Muitos migrantes eram acostumados a trabalhar como meeiros, arrendatários ou camaradas. Entre eles, havia aqueles que se mudavam na pretensão de adquirir sua propriedade, enquanto também se motivavam pela mudança dos proprietários, cuja pretensão era expandir a área cultivada e a sua produção, oportunidade que se apresentava economicamente

---

<sup>167</sup> PITARELO, Maurílio. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 27 jun. 2021, vídeo MP4, 01h18m47s.

<sup>168</sup> PITARELO, Maurílio.

<sup>169</sup> BARBOSA, Centilina Gonçalves. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 15 jan. 2021, vídeo MP4, 51m20s.

<sup>170</sup> BARBOSA, Centilina Gonçalves.



vantajosa no Norte Pioneiro. Para a senhora Leia Goulart Teixeira, o pai “tinha condições de ter mais”<sup>171</sup>:

Meu pai tinha uma fazenda, né, em Minas, só que era, não lembro, não tenho certeza de quantos alqueires. Herança do pai, que eles eram 13 irmãos. E... aí cada um ficou com um pedaço, então, mas ele trabalhava bem, estava bem lá, né, lidando com gado, com café, e depois ele achou que aquilo estava pequeno, e geralmente tem também negócio de família, que às vezes, né, fica naquela implicância e tal, também foi motivo disso, né. Mas mais porque ele queria aumentar também, né, ele tinha condições de ter mais. Daí ele veio pra cá e comprou umas terras aqui, era só matô. Mato, só. E... daí foi e nos trouxe, em agosto, nós mudamos em agosto, pra cá, de [19]49.<sup>172</sup>

Para os pais das senhoras Tereza Isaura de Lima e Maria das Dores da Silva Bonardi, moradores do Grotão, município de Andradas/MG, de onde saíram em 1962, a realidade foi outra: o pai cuidava de uma fazenda de café para o proprietário, mesmo lugar em que morava a sua família. Nesse local, para Maria, “era só daquela lavourinha ali, daí a coisa tava ficando apertada, eu como criança não lembro muito não, mas ele que era o chefe da família, ele sabia onde que o calo pegava, né?”<sup>173</sup>

Para sua irmã Tereza, “ah, o meu pai parece que quis vir pra cá, [...] por causa de melhorar de vida de lavoura, porque aqui era muito bom, né? É, as coisas muito pouco, [lá em Minas] não tava produzindo nada quase as coisa, né? Era isso”.<sup>174</sup> Por outro lado, o Paraná se traduz em produtividade, fartura e até desperdício para Maria:

Aqui tinha muita lavoura de café e a terra era fértil, então dava feijão adoidado, então eles começaram a comentar que lá as terra já tava uma terra lavada, não produzia mais nada, então dava só pra quem era proprietário, dono, a gente que trabalhava como... eles dizia “camarada”, daí já tava difícil, você ganhava uma porcentagem só do que plantava, né? Daí era complicado, mas daí aonde que meu pai quis vir, ele dizia, “pra dar uma melhora de vida pra vocês”, falou, “porque aqui...”, ele trabalhava, trabalhava e não tinha como dar mais o que a gente precisava e quando chegou aqui então, daí ficamos tudo doido porque plantava feijão, aqui ele ficava nessas altura assim que era a coisa mais linda e daí lá a gente com aquela economia tudo, eu lembro aqui, eles batia feijão no terreiro e avoava aquilo fora, né, que batia com a vara e avoava aquele feijão, nós ficava morrendo de dó daquele mundo de feijão

<sup>171</sup> TEIXEIRA, Leia Goulart. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Tomazina, PR, 12 ago. 2021, vídeo MP4, 46m50s.

<sup>172</sup> TEIXEIRA, Leia Goulart.

<sup>173</sup> BONARDI, Maria das Dores da Silva. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 25 jul. 2021, vídeo MP4, 1h40m22s.

<sup>174</sup> LIMA, Tereza Isaura de. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 25 jul. 2021, vídeo MP4, 1h40m22s.

que caía fora, eles nem dava bola pra aquilo e nós lá não tinha essa fartura não, então daí foi por isso que meu pai quis vir.<sup>175</sup>

As entrevistas também apontam para a precariedade que marcava o trabalho rural, cujas relações econômicas com a terra se traduziam em arrendamento, parceria, meação e trabalho eventual. A senhora Edinir Garagnani,<sup>176</sup> aos 83 anos, migrante de Andradas/MG para Siqueira Campos/PR aos nove, relata essa relação de trabalho, que lembra como sendo desfavorável à sua família: “Toda a vida foi camarada, meeiro, toda a vida meu pai trabalhou de meeiro. Era bom [em Minas Gerais], mas tudo à meia, sabe? Era tudo meeiro, tudo eles [os proprietários] queriam. E outra, puseram na cabeça de vir pra cá, resolveram e vieram”.<sup>177</sup> Ela também dá destaque para a conquista da propriedade e a contrasta com a condição anterior, de meeiro: “ele [o pai] tinha vontade de ter a moradia dele mesmo, ele tava cansado já de trabalhar assim de meeiro, né?” É como conta que o pai conseguiu comprar 6 alqueires de terra.

O senhor Luis Toniette,<sup>178</sup> 82 anos, saiu da cidade de Andradas/MG com dois anos de idade, com pais e irmãos, e, até chegar em Quatiguá/PR, aos 16 anos, passou por Alta Mongiana/SP, Jales/SP e Veracruz/SP, itinerância que para ele justifica-se pela busca dos pais por uma melhor condição de vida aos filhos. Na sua fala, menciona o trabalho em parceria e a conquista da terra própria como resultado desse trabalho:

Ah, os pais sempre procuravam o melhor pros filhos, pra criar a família, né? Então, de Minas já fomo lá pro Mongiana lá onde nós [...] onde eu falei, depois viemos aqui pra Veracruz tocar café de colono, toquemos café 3 anos na fazenda, depois mudemos na outra fazenda tocar café a 40%, aonde que o pai fez um dinheirinho que pôde comprar, vim e comprar sítio aqui. Aí nós compreemos o sítio aqui e aí acabamos a colheita e aí viemos pra cá, aí viemos de mudança pra cá e tamo aqui até hoje, graças a Deus. Lá [em Andradas-MG] nós lutava com café, tinha uma rendinha até mais ou menos no café, é onde que conseguimos comprar aqui [...]. Morar na casa da gente era outra coisa, né?<sup>179</sup>

---

<sup>175</sup> BONARDI, Maria das Dores da Silva. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 25 jul. 2021, vídeo MP4, 1h40m22s.

<sup>176</sup> GARAGNANI, Edinir Aparecida. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Salto do Itararé, PR, 18 jul. 2021, vídeo MP4, 43m07s.

<sup>177</sup> GARAGNANI, Edinir Aparecida.

<sup>178</sup> TONIETE, Luis. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 17 jun. 2021, vídeo MP4, 48min31s.

<sup>179</sup> TONIETTE, Luis.

A conquista da terra é narrada como um grande êxito, e possivelmente um sinal de liberdade que se distinguia do trabalho que se fazia na terra de outrem, em que não havia disponibilidade de toda a produção para quem efetivamente trabalhava. Era a partir dessa aquisição que toda a produção passaria a pertencer de fato aos trabalhadores.

A senhora Maria das Dores lembra-se do pai dizendo que a decisão de migrar, na sua percepção, foi o modo que ele encontrou para oferecer uma vida melhor aos filhos, já que, em Minas, trabalhavam como “camaradas” e ganhavam apenas porcentagem da produção. A conquista da terra, porém, não se realizou devido ao adoecimento do pai e ao gasto das economias com saúde, situação que expressa angustiada: “Coitado! Ficou a vida inteira lutando, meu pai morreu muito novo e daí quando apareceu um sitiozinho [...] não chegou nem a comprar, depois meu pai caiu doente, daí ele morreu com 55 anos. Não deu tempo [...]”.<sup>180</sup>

Para o trajeto da mudança, as possibilidades de transporte eram precárias e se resumiam a trens, ou a caminhões que eram conduzidos por estradas de terra, ou a ambos. As linhas férreas eram elementos indispensáveis de apoio à economia cafeeira e lhes forneceram condições de expansão, por consequência serviram também como modo de circulação de pessoas. Elas atravessavam “[...] as zonas mais povoadas e produtivas da província. A presença delas criou também um mercado integrado ao possibilitar um grande movimento de mercadorias e pessoas entre as diversas regiões paulistas”.<sup>181</sup>

A lembrança do transcurso da viagem feita desde Andradas/MG até Quatiguá/PR, no ano de 1951, para a senhora Centilina Gonçalves Barbosa, que à época tinha três anos, é relacionada à doença da qual estava acometida – varicela, também conhecida por catapora –, razão pela qual viajou isolada da família de mais seis pessoas.

Que eu lembro é que me deu varicela lá, sabe? Agora é outro nome, né. Me deu varicela e eu vim embrulhada num cobertor, isso até eu lembro. Eles puseram um colchão pra trás e puseram eu com a mãe pra trás porque, se viesse fiscal, alguma coisa, porque daí eu não podia viajar, né. Eles paravam

---

<sup>180</sup> BONARDI, Maria das Dores da Silva. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 25 jul. 2021, vídeo MP4, 1h40m22s.

<sup>181</sup> SILVA, Marcel Pereira da. **De gado a café: as ferrovias no sul de Minas Gerais (1874-1910)**. 2012. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2012, p. 46.

pra comer no restaurantinho, pegava prato, eu lembro que era prato, lembro muito bem. Eu lembro que o meu tio pegou um prato de comida assim, o meu tio Ítalo, e levou no caminhão pra eu almoçar.

Assim na frente, na cabina lá. Então eles puseram nós lá na cabina, na frente, na parte da cabina. Porque a gente não podia vim pra trás, né. Então eles puseram o colchão assim, tipo uma parede pra gente ficar escondidinha lá. Vim acabar de curar a varicela aqui.<sup>182</sup>

Esse contexto de doenças virais também é lembrado pela senhora Leia Goulart Teixeira, que, em 1949, com sete anos de idade, recorda-se de que o município de destino, Tomazina, estava passando por um surto de maleita, nome que também se dá à malária, o que fez com que a família mudasse os planos e se instalasse no município vizinho, Pinhalão:

Daí ele [o pai] veio pra cá e comprou umas terras aqui, era só mato. Mato, só. E... daí foi e nos trouxe, em agosto, nós mudamos em agosto, pra cá, de [19]49. Então, viemos de, no caminhão de mudança, né, tudo junto. E... daí, na época, Tomazina estava com uma fama muito grande de maleita, daí meu pai já antes da gente vim ele já arrumou casa em Pinhalão, achando que lá seria melhor, né, porque aqui a maleita estava feia na época.<sup>183</sup>

A febre amarela aparece na entrevista do Sr. Sebastião Gonçalves. Vindo de Minas aos cinco anos, no final da década de 1950, ele conta: “pouco tempo que nós entramos ali [em Barbosa, Siqueira Campos/PR], o meu pai pegou a doença [febre amarela]”.<sup>184</sup> A situação foi um divisor para o comprometimento seu com os compromissos da casa, por recomendação de seu pai, que foi se tratar em Curitiba:

[...] Daí meu pai saiu de casa, o mais velho com sete anos, um ano atrás do outro: sete anos, seis anos, cinco anos, o outro quatro anos. Meu pai saiu de casa, falou pra nós, muito difícil o que ele falou, nunca vou esquecer, meu pai já morreu, mas nunca esqueci daquilo: “talvez eu possa ir se tratar e possa morrer, vocês fica aí, viu? Se Deus livrar de eu morrer, vocês trabalha, labuta, viu? Não deixa nada, nada faltar. Vocês dois podem trabalhar”. Tinha o José e eu, com cinco anos, e o José com sete anos... “Vocês não deixem a peteca cair”. Veja bem, né? Sete anos... e a menina, irmã minha, com seis anos... daí essa dona Olívia vinha cuidar de nós, fazia almoço pra nós, né? Essa irmã minha ia levar na roça pra nós. Eu comecei a trabalhar com cinco anos, seis anos... plantava café na fazenda, sabe?<sup>185</sup>

<sup>182</sup> BARBOSA, Centilina Gonçalves. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 15 jan. 2021, vídeo MP4, 51m20s.

<sup>183</sup> TEIXEIRA, Leia Goulart. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Tomazina, PR, 12 ago. 2021, vídeo MP4, 46m50s.

<sup>184</sup> GONÇALVES FILHO, Sebastião. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 13/ ago. 2021, vídeo MP4, 01h02m03s.

<sup>185</sup> GONÇALVES FILHO, Sebastião.

Os relatos dão conta de um momento em que as medidas sanitárias e o acesso à saúde e à medicina preventiva eram precários, sobretudo no interior do país. Enéas Cordeiro de Souza Filho<sup>186</sup> afirma que, em 1968, “cerca de 40% da população brasileira, estimada em 90 milhões de habitantes, era exposta à malária”.<sup>187</sup> A esse respeito, Bértoli e Moitinho sugerem que o controle da malária no Paraná só se consolidou a partir da década de 1960.<sup>188</sup>

As lembranças da viagem também demonstram como se dava a locomoção à época, por caminhões que transportavam pessoas e coisas sem nenhum rigor de segurança ou acomodação. A precariedade da viagem foi potencializada pela chuva no caso do senhor José Domingos da Paixão<sup>189</sup> e sua irmã, Aparecida da Paixão Valle,<sup>190</sup> migrantes de Ibitiúra de Minas, na serra da Bocaina, em 1939, com destino a Quatiguá/PR. Ele conta que:

A lembrança que eu tenho é que nós saímos do sítio lá, na época, na serra, época de chuarada. Ficamos uma semana lá na máquina de arroz que tem na saída da cidade lá. É... esperando pra poder viajar. Por causa do temporal de chuva. Lá quando chove... é chove mesmo, né. Estado de Minas é bastante água. E... então nós ficamos uma semana lá, nessa máquina de arroz lá.

Aquela montoeira de criança e coisa... e nós... ficamos lá até o tempo levantar. Pro caminhão viajar naquela época não tinha asfalto em quase lugar nenhum, né. E... tenho lembrança que daí, aí nós viemos embora.<sup>191</sup>

Sua irmã contrasta a simplicidade da estrada de terra com a balsa, que sinalizava algo mais arrojado e perigoso: “passamos na balsa, não tinha nem, nem estrada, no caminho tinha uma balsa. Ficava bem na beiradinha, se caísse assim, daí nós descemos e o caminhão devagarinho, passamos de a pé, não aconteceu nada,

<sup>186</sup> SOUZA FILHO, Enéas Cordeiro de. **Epidemiologia da malária no Estado do Paraná, Brasil, 2002 a 2008**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

<sup>187</sup> *Ibid.*, p. 16.

<sup>188</sup> BÉRTOLI, Marta, MOITINHO, Maria da L. Ribeiro. Malária no Estado do Paraná, Brasil. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 34, n. 1, p. 43-47, jan./fev. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbmt/a/F9RS73bchJRxqLyD6mFGQSh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 jan. 2021, p. 2.

<sup>189</sup> PAIXÃO, José Domingos da. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 1 jul. 2021, vídeo MP4, 52m03s.

<sup>190</sup> VALLE, Maria Aparecida da Paixão. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 1 jul. 2021, vídeo MP4, 40m57s.

<sup>191</sup> PAIXÃO, José Domingos da.

né. Mas foi fogo!”<sup>192</sup> A passagem pela balsa também foi um episódio significativo para Leia Goulart Teixeira, que, segundo ela, “ficou marcado”:

Depois eu não lembro mais, sei que viemos dentro do caminhão de mudança e uma coisa que marcou muito, que eu fiquei com medo de atravessar e não queria entrar, era na balsa. Tinha uma balsa [risos]. Eu não queria. Caminhão, imagina uma criança, um caminhão pesado daquele na balsa. Daí ficou marcado.<sup>193</sup>

A percepção da balsa como algo nunca visto explica o estranhamento que faz com que ela apareça nos relatos.

Foi uma viagem sofrida, a gente era criança, mas lembra, de caminhão, as estradas eram todas de terra, eu lembro que era um poeirão que Deus o livre, isso eu lembro, chegamos assim que... eu não lembro bem o rio que era, tava quebrada a ponta, precisemos passar de balsa, nós passamos primeiro, depois passou o caminhão de mudança.<sup>194</sup>

Enquanto para alguns a migração era permeada de expectativas de mudanças positivas, para outros é lembrada como episódio de tristeza, ressentimento e separação. A senhora Leia lembra-se da avó materna chorando e torcendo para que a mudança não se realizasse: “eu lembro assim, na hora da gente sair de lá, minha vó chorando e pedindo, implorando, que não viesse pra ficar, né. Isso eu lembro”.<sup>195</sup>

Assim também para a dona Guiomar,<sup>196</sup> que se recorda do relato da irmã Dercy, que tinha nove anos à época. Esta lhe narrou a iniciativa e a contrariedade da mãe, que chorou desde a notícia da mudança e ao longo do trajeto: “[o pai] chegou lá e falou pra minha mãe: ‘olha, você arruma a mudança que tal dia nós vamos embora’. Ela chorou uns 15 dias até arrumar a mudança. Veio chorando embora, a minha irmã conta”.<sup>197</sup>

<sup>192</sup> VALLE, Maria Aparecida da Paixão. VALLE, Maria Aparecida da Paixão. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 1 jul. 2021, vídeo MP4, 40m57s.

<sup>193</sup> TEIXEIRA, Leia Goulart. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Tomazina, PR, 12 ago. 2021, vídeo MP4, 46m50s.

<sup>194</sup> GARAGNANI, Edinir Aparecida. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Salto do Itararé, PR, 18 jul. 2021, vídeo MP4, 43m07s.

<sup>195</sup> TEIXEIRA, Leia Goulart.

<sup>196</sup> SOUZA, Guiomar Aparecida Delcol. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Salto do Itararé, PR, 8 ago. 2021, 01h5m35s.

<sup>197</sup> SOUZA, Guiomar Aparecida Delcol.

Na mudança se levava de tudo, ou o pouco que se tinha: “Era só mudança mesmo, né, cama, colchão, colchão de palha naquele tempo, né. Tal de pessota de pena que falava, né. Aquela mudancinha de gente pobre mesmo, né. Muito simples”.<sup>198</sup>

Pessoas, animais e a mudança em si se apertavam na carroceria do caminhão coberto por lona, dando conta das condições arriscadas de segurança que marcavam a viagem: “ali apertadinho com as perna pendurada, sentado com a perna pendurada e eu já tava grávida da primeira filha minha, nossa, a minha perna deu de inchar, precisava de ver, não foi muito fácil a mudança não”.<sup>199</sup>

O senhor Maurílio conta que uma família de mineiros de Andradas/MG, de cuja identidade pediu segredo, foi atraída para Quatiguá a fim de trabalhar nas lavouras de café. O motorista lhes teria contado que, ao chegar para buscá-los, falou: “nossa, vai encher o caminhão só de gente, 16 pessoas... vamos carregar a mudança’. Foram lá e pegaram um colchão e um pote de barro. Enrolaram e pnharam em cima do caminhão e falou ‘vamo embora, o que temos é isso aqui’”.<sup>200</sup>

Nas narrativas, percebe-se que a quantidade de mudança trazida se ligava às posses e condições financeiras da família. A Sra. Noemia Miguel, com a família estabilizada no ramo de açougue, na década de 1970, ao migrar pela segunda vez de Andradas/MG para Siqueira Campo/-PR, teve a família transportada num Jeep, e os seus pertences, que incluíam semoventes, em dois caminhões:

Veio, veio toda a mudança, veio um caminhão de mudança e veio dois caminhão de vaca. Trouxemos as vacas também. Veio tudo, cachorro! Só não veio porcos, os porcos venderam tudo, mas tudo na mudança veio e ainda veio dois caminhão com vaca e bezerro. [...] daí o caminhão veio na mudança e nós viemos de Jeep, nós tinha Jeep aquela época.<sup>201</sup>

<sup>198</sup> BARBOSA, Centilina Gonçalves. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 15 jan. 2021, vídeo MP4, 51m20s.

<sup>199</sup> LIMA, Tereza Isaura de. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 25 jul. 2021, vídeo MP4, 1h40m22s.

<sup>200</sup> PITARELO, Maurílio. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 27 jun. 2021, vídeo MP4, 01h18m47s.

<sup>201</sup> MIGUEL, Noemia Angelo. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 26 jun. 2021, vídeo MP4, 47m20s.

O percurso do migrante, como se vê, ultrapassa o simples deslocamento entre localidades e se liga a expectativas, projetos, desejos, às situações enfrentadas desde a decisão de migrar até a repercussão dessas mudanças após o estabelecimento no destino. O trajeto dos migrantes mineiros ao Norte Pioneiro retrata um pouco do que era o Brasil naquela conjuntura: economia majoritariamente agrária e redes de transportes ainda se articulando para atender ao escoamento dessa produção. Isso demonstra também as pretensões do trabalhador rural que desejava adquirir sua propriedade e procurava na migração essa possibilidade de viver do trabalho com a terra, sem ter que abrir mão de parte da produção.

## 2.2 A CENTRALIDADE DA VIDA DO TRABALHO

Ao se retomar o processo histórico de expansão do Brasil a oeste empreendido entre o final do século XIX e o início do século XX, num cenário pós-escravidão que, não coincidentemente, associava-se à chegada de imigrantes incentivados pelo Estado brasileiro no âmbito das políticas de branqueamento, questiona-se como organizavam-se socioespacialmente esses homens e mulheres que eram os mais pobres entre a população livre ou recém-livre. Em análise de arquivos judiciais, Hebe Matos reconhece o que chama de “homem móvel”, que ela usa para se referir tanto aos escravizados recém-libertos quanto aos lavradores pobres que buscavam áreas para explorar, e destaca como a mobilidade espacial foi um fator determinante para que esses sujeitos pudessem se estabelecer.<sup>202</sup>

Mesmo os imigrantes e suas famílias, como é o caso de parte dos ascendentes dos entrevistados, que cruzaram o Atlântico no cerne desse modelo de ocupação adotado pelo Brasil, tiveram que, novamente, mobilizar-se e reinserir-se no território brasileiro. Hebe Matos destaca como essa mobilidade, pela necessidade de estabelecer-se em determinado lugar e criar laços a partir dele, não se diferenciava entre “negros e mestiços livres (‘pardos’), brancos empobrecidos e mesmo alguns cativos que logravam ampliar seu espaço de autonomia dentro do cativeiro”.<sup>203</sup>

Aqueles que tinham algum capital destinavam-se às pequenas cidades ou vilas a fim de estabelecerem pequenos negócios, enquanto os que não podiam fazê-

---

<sup>202</sup> MATTOS, Hebe. **Das cores do silêncio**: os significados da liberdade no Sudeste escravista, Brasil século XIX. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

<sup>203</sup> *Ibid.*, p. 61.



lo, permaneciam transitando no meio rural, cuja mobilidade, ligada à eventualidade do assalariamento no campo,<sup>204</sup> “[...] funcionava como uma ponte provisória até o estabelecimento de novos laços que permitissem reconstituir a situação anterior de lavrador independente, pressupondo necessariamente uma família legal ou informal”.<sup>205</sup>

Os entrevistados desta pesquisa apontam como essa mobilidade acontecia até que a família pudesse adquirir a sua propriedade. Eles fazem questão de demarcar a diferença entre o trabalho que era suportado pelo proprietário e pelos trabalhadores e a precariedade que regia o sistema de trabalho no campo. Nas palavras da senhora Maria das Dores:

[...] a mão de obra era muito grande, pro fazendeiro nem tanto, porque como é o fazendeiro ele pegava o café já seco, repartia no terreiro. Agora, pro camarada já era mais complicado, que você tinha que fazer tudo isso, a panha, a colheita, tudo, às vezes o fazendeiro adiantava dinheiro até pra fazê a colheita, mas depois você tinha que pagá.<sup>206</sup>

Adiante ela explicou como funcionava esse sistema: “ele [o pai] veio pra tocar o café à meia, então pegava lá não sei quantos mil pé de café pra tocá e daí chegava na colheita, metade era do patrão e metade era nosso”.<sup>207</sup> A senhora Guiomar lembra-se da primeira proposta para trabalhar que seu pai recebeu no Paraná: “c não quer tocar os café pra mim? Formar café, tocar? Tudo de a meia?’ [...] E depois trabalhando de a meia, colhendo café, plantava de tudo, dava, n? Foi juntando um dinheirinho, ele comprou um sítio, o sitinho dele l de dois alqueire [...]”.<sup>208</sup>

Essas eram, geralmente, as relações tecidas entre os proprietários e os meeiros. Em “plantava de tudo”, a entrevistada faz referência aos itens de subsistência que se cultivava junto à lavoura de café para consumo da família e cujo excedente se

<sup>204</sup> MATTOS, Hebe. **Das cores do silêncio**: os significados da liberdade no Sudeste escravista, Brasil século XIX. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

<sup>205</sup> *Ibid.*, p. 53.

<sup>206</sup> FREITAS, Benedito Aparecido de. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Tomazina, PR, 5 ago. 2021, vídeo MP4, 63min24s.

<sup>207</sup> BONARDI, Maria das Dores da Silva. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 25 jul. 2021, vídeo MP4, 1h40m22s.

<sup>208</sup> SOUZA, Guiomar Aparecida Delcol. SOUZA, Guiomar Aparecida Delcol. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Salto do Itararé, PR, 8 ago. 2021, 01h5m35s.

podia vender e gerar uma renda, numa dinâmica de trabalho que ora se dedicava à lavoura de café, ora aos itens de subsistência.

O resultado da lavoura de subsistência podia ou não ser integralmente do camarada, a depender do acordo realizado com o proprietário. A senhora Centilina relata essa lavoura para subsistência: “fazia plantação miúda também, né. Era o café e toda as coisa dava um pouquinho, né. Ajudava. Plantava o arroz pra despesa, né, tudo, feijão sobrava pra vender. O alho, cebola, o milho também era pro gasto, né, porque tinha porco”.<sup>209</sup>

A transitoriedade do lavrador em busca do estabelecimento “definitivo”, seu e da sua família, é uma característica importante para entender seu processo de migração. Para Hebe Matos, o homem móvel e desenraizado buscava estabelecer sua condição de lavrador. Ainda que em terra alheia, o fato de ter sua própria roça para subsistência e uma casa cercada já configuraria uma situação que, embora por força dos costumes, geraria uma herança para seus filhos.<sup>210</sup>

Os mundos do trabalho são janelas que se abrem para se conhecer os fazeres desses homens e mulheres do campo que vieram de Minas Gerais. Embora a cultura caipira já seja conhecida da literatura, este trabalho procura observá-la não de forma geral, mas com foco na experiência dos indivíduos que produziram e reproduziram os seus modos de fazer no cruzamento entre migração interna no Brasil e a expectativa que pairava em construir o Norte Pioneiro do Paraná e a si próprio nessa terra. Ademais, não há uma única e rígida cultura caipira, já que essa noção é móvel e vai se produzindo de diferentes modos – embora conserve um núcleo sobre o qual se pode identificá-la –, mas há experiências vividas nesse mundo, sobre as quais este trabalho se interessa.

O meio rural do Norte Pioneiro, por sua proximidade com o sul de São Paulo, estaria compreendido no espaço sobre o qual, historicamente, construiu-se a noção de “caipira”, que, para Antonio Candido, designa aspectos culturais, como um modo de ser e de viver, não racial, relativo à área de influência histórica paulista, de caráter

---

<sup>209</sup> BARBOSA, Centilina Gonçalves. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 15 jan. 2021, vídeo MP4, 51m20s.

<sup>210</sup> MATTOS, Hebe. **Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista, Brasil século XIX**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

bastante homogêneo, advindo da expansão geográfica paulista nos séculos XVI a XVIII, em muito condicionado a essa mobilidade.<sup>211</sup>

Trata-se de uma ideia complexa, que abrange desde um modo de viver até um modo de falar, com um sotaque e léxico próprios, falados pelo trabalhador do campo de hábitos simples – não urbano, não moderno. O caipira, para Amadeu Amaral, é aquele que se difere inclusive dos incultos do meio urbano.<sup>212</sup>

A referência ao caipira é especialmente relevante ao se trabalhar com história oral, porque suas expressões e até o sotaque que lhe são marcas, podem ser percebidos nos trechos transcritos, porém sem a intenção de provocar no leitor a imagem caricata e por vezes pejorativa que permeia a sua representação, como analisou Antonio Tadeu de Miranda Alves ao estudar essa imagem.<sup>213</sup>

Muitas dessas expressões aparecem nas narrativas dos migrantes entrevistados ao se referirem ao mundo do trabalho rural, como nos termos “mutirão”, “tocá café a meia”, “varrido com a mão”, “terreirão”, “gradiava”, “camarada”, algumas das quais foram objeto de análise de Maria Helena de Paula,<sup>214</sup> que relacionou o léxico ao “nível em que as relações do sistema linguístico com as dinâmicas sociais se manifestam de forma mais indubitável”,<sup>215</sup> ou seja, como a linguagem vai se criando e recriando a partir da dinâmica social vivida. Por isso, cuidou-se em manter a oralidade nas transcrições, pois também fazem parte de um modo de viver.

Observando os modos de fazer, as práticas cotidianas nesse espaço rural, este capítulo dá atenção à cultura ordinária produzida ali, empregada no sentido de “designar todo um modo de vida – os significados comuns –; e para designar as artes e o aprendizado – os processos especiais de descoberta e esforço criativo”, conforme Raymond Willians.<sup>216</sup>

---

<sup>211</sup> CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

<sup>212</sup> AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**: gramática, vocabulário. Prefácio de Paulo Duarte. São Paulo: Anhembi, 1955, p. 35.

<sup>213</sup> ALVES, Antonio Tadeu de Miranda. **Retratos de caipira**: construção de um estereótipo em Ângelo Agostini: (1866-1872). 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

<sup>214</sup> PAULA, Maria Helena de. Nomes e significados do trabalho rural solidário. **Polifonia**, Cuiabá, MT, v. 20, n. 27, p. 251-268, jan./jun., 2013.

<sup>215</sup> *Ibid.*, p. 252.

<sup>216</sup> WILLIAMS, Raymond. A cultura é algo comum. In: WILLIAMS, Raymond. **Recursos da esperança**. São Paulo: Editora da Unesp, 2015, p. 5.

Embora essa cultura também possa ser entendida como linguagem e representação,<sup>217</sup> será analisada sob a perspectiva dos modos de viver, que são as práticas cotidianas pelas quais os sujeitos relacionam-se entre si e com o espaço, daí que se utiliza da compreensão de Willians sobre cultura, para quem “uma cultura são significados comuns, o produto de todo um povo, e os significados individuais disponibilizados, o produto de uma experiência pessoal e social empenhada de um indivíduo”.<sup>218</sup>

Os entrevistados desta pesquisa foram uníssonos em afirmar que a migração que praticaram pessoalmente, ou a que os seus pais realizaram, ocorreu do campo para o campo, o que faz com que a atenção recaia sobre o modo de vida empreendido nesse espaço, pois era nele que, majoritariamente, desenvolvia-se o dia a dia e se constituíam as suas memórias.

O campo aparece, primeiro, como local de trabalho, especialmente relevante inclusive para definir o destino dos migrantes, e é atravessado por um emaranhado de relações – religiosas, de lazer, comunitárias, esportivas etc.

Embora a segunda metade do século XX no Brasil remeta a uma época de urbanização e de estabelecimento da industrialização nas grandes cidades, não se pode dizer o mesmo sobre o interior do país. Deve-se considerar, ainda, que a opção pela cidade poderia significar uma mudança ainda mais abrupta, enquanto o campo constituía uma opção mais amena, uma continuidade com as condições com as quais já se estava adaptado, como, por exemplo, a vida disciplinada pelo tempo do trabalho e das festas, coordenado pela natureza, ao contrário da cidade, cujo tempo rege-se por uma disciplina diferenciada.<sup>219</sup>

O trabalho no campo na metade do século XX se realizava com equipamentos associados à força humana ou animal, como a enxada e o arado à tração, respectivamente. Assim também o transporte da produção até seu destino contava com as mesmas forças, pelo menos até chegar ao trem de carga. Esse, inclusive, era um tipo de trabalho desempenhado à época e relatado por alguns dos entrevistados.

---

<sup>217</sup> BARROS, José D'Assunção de. A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, v. 9, v. 1, p. 125-141, 2005.

<sup>218</sup> WILLIAMS, *op. cit.*, p. 12.

<sup>219</sup> LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e de inventar (re)lembranças de migrantes**. São Paulo: Arte & Ciência, 1999, p. 129.

O pai da senhora Genir Salvi Gonçalves,<sup>220</sup> João Salvi, antes de se mudar para Quatiguá/PR na segunda metade da década de 1930, ocupava-se dessa função em Poços de Caldas/MG, levando a produção do campo para a cidade. Segundo ela retrata:

O pai era carregador das coisas do sítio pra cidade. Vamos supor, não só pra Andradas, eles carregava, vamos supor, como daqui a Santo Antonio, eles carregava os burro de tarde, e de madrugada eles saía, com as bruaca dos burro tudo carregada. Ali eles levava mantimentos, levava as coisa de comê, linguiça, essas coisa, tudo eles levava. A cavalo e burro. As bruaca era tudo nos burro. Era o nome desse coiso que põe no burro. Tem, tipo, vamo supor, um pelegão, um arreio pra não machucá os burro, em cima pnhava esse negócio. Era o serviço dele.<sup>221</sup>

O mesmo ofício era o do pai do Sr. Waldemar Pitarelo, no bairro Grotão, em Andradas/MG, onde “tocava carroça, [...] puxa[va] mantimento, porque não tinha caminhão pra transportar, era transportado de carroça, essas carroça paulista... hoje a turma fala ‘carroça de duas roda’, mas lá era carroça paulista, com seis burro”.<sup>222</sup>

Tanto um quanto o outro deixaram essa atividade para “tocar café a meia”, que significa trabalhar para o proprietário da lavoura sob o custo de dividir determinada porcentagem da produção – normalmente a metade, prática também chamada de “meeiro”. O primeiro o fez após a mudança para Quatiguá/PR, e o segundo, ainda em Minas Gerais, num bairro rural de Andradas chamado “Pé do Tira Fogo”, distante aproximadamente 3 quilômetros da sua residência e para onde iam a pé todos os dias. De acordo com o Sr. Waldemar:

Lá tocava café a meia, quando ia puxá café era no cargueiro. E plantava milho no meio do café, plantava feijão. E nós plantava batata também, só que... naquela época, pra preparar o terreno, não era que nem aqui, antigamente, quando nós viemo pra cá. É, lá era feito de enxada, as terra, feito de enxada, riscada na enxada, tudo... era tudo braçal, o... o trabalho lá. Só pra puxá, que daí puxava no cargueiro. Então puxava no cargueiro o café, o milho, o feijão. Agora a batata era posto num rancho, e quando vendia, daí ensacava ela, e dava um jeito da carroça chegá até perto do rancho, porque às vezes o “perto” ficava numa distância de uns 100 metro, mais ou menos dali... eu não fazia porque era criança, mas meu pai e meu tio... levava nas costa até esse lugar, aonde a carroça encostava, pra dali levar pra cidade. Dali já ficava mais

<sup>220</sup> GONÇALVES, Genir Salvi. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 13 jun. 2021, vídeo MP4, 01h08m03s.

<sup>221</sup> GONÇALVES, Genir Salvi.

<sup>222</sup> PITARELO, Waldemar. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 24 jun. 2021, vídeo MP4, 57m52s.

longe... dali já ia dar uns 12 ou 13 quilômetros, é a distância que eles transportava de carroça.<sup>223</sup>

Sobre eventuais mudanças entre modos de trabalho no campo havidas entre Minas Gerais e o Paraná, a maioria dos entrevistados relatou não existir, salvo duas exceções. A primeira diz respeito a uma facilidade no transporte propiciada pelo relevo menos acidentado do que aquele em que viviam os moradores de Andradas/MG. Enquanto em Minas o transporte era realizado por cargueiro, no Paraná se realizava com carroça, como noticiou a senhora Maria das Dores:

Só que daí lá usava buscar o café na roça, milho, essas coisa, eles usava cargueiro, né? E daí pnhava aquilo, os animal, jacá, balaio dum lado, outro balaio do outro, né? Os animal, coitadinho, sofria pra puxar aquilo de morro acima, morro abaixo, né? E eles tirava e agora aqui mudou, aqui era na carroça, daí era diferente, sabe?<sup>224</sup>

Sua irmã, a senhora Tereza, compartilha da lembrança dessa diferença ao explicá-la em termos de facilidade-dificuldade:

Ainda era morro, você ia, que sempre os meus irmão, quando não era eu era outra irmã minha, né, que ia junto com os irmão, com os cargueiro que era uns par de animal, né?  
Ah, eles... tinha uma coisa lá que chamava cangaia, que eles pnhava, então pnhava um jacá dum lado e o outro do outro, enroscava naquilo.  
E pra descer os morro?  
E a gente que ia ajudar, então tinha que ir na frente puxando um pros outro vir atrás e o... meus irmão vinha atrás no último, sabe? Era mais difícil lá.<sup>225</sup>

A segunda dessemelhança foi testificada pelo Sr. Luis e diz respeito à técnica da limpeza dos pés de café, que teve que ser reaprendida após a mudança, pois “lá em Minas era em coisa tudo varrido com a mão, né? Aí fomos ver como que era a colheita ali”.<sup>226</sup> Segundo explicou, a diferença consistia no uso do rastelo, “porque lá

<sup>223</sup> PITARELO, Waldemar. PITARELO, Waldemar. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 24 jun. 2021, vídeo MP4, 57m52s.

<sup>224</sup> BONARDI, Maria das Dores da Silva. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 25 jul. 2021, vídeo MP4, 1h40m22s.

<sup>225</sup> LIMA, Tereza Isaura de. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 25 jul. 2021, vídeo MP4, 1h40m22s.

<sup>226</sup> TONIETE, Luis. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 17 jun. 2021, vídeo MP4, 48min31s.

só varria com vassoura e mão”.<sup>227</sup> Essa experiência se deu no estado de São Paulo, para onde a família se mudou antes de chegar ao Paraná.

Os detalhes dessas dificuldades narradas pelos entrevistados são um sintoma de como o trabalho foi ressignificado por eles na velhice. Para Ecléa Bosi, na velhice tende-se a sobrestimar o trabalho que já não se pode mais realizar, e o fazer substitui-se pelo lembrar, o que faz com que se invista numa carga de significados maior do que aquela que existia ao tempo do trabalho.<sup>228</sup>

Outra característica do trabalho no campo sempre lembrada pelos entrevistados é a relação de solidariedade que envolve a vizinhança do bairro rural para realizar as colheitas ou outros trabalhos. Os entrevistados tratam a prática como “mutirão”, mas há outras denominações com que ela é conhecida, a depender da região do país, como “muxirão”, “demão”, “batalhão”.

De forma geral, é como se designam as atividades realizadas de modo coletivo e sob relações solidárias.<sup>229</sup> Para Clóvis Caldeira, essa forma de ajuda mútua pode ser solicitada ou espontânea<sup>230</sup> e decorre de “motivações de amizade, parentesco e compadrio, ora se revestem de caráter pessoal e se traduzem na prestação recíproca de toda a sorte de serviços, ora grupal ora coletiva, envolvendo a maioria dos elementos que formam a vizinhança”,<sup>231</sup> sendo que os entrevistados a relacionam principalmente às colheitas de café.

Era tudo na base da enxada também, só que os vizinho que tinha animal, que já tinha mais uma condição financeira melhor, eles fazia pra nós... era muito solidário... Os vizinhos, nós tinha um pedaço de terra lá que precisava arar, ele pegava burro, ia lá, arava, gradiava, daí já ficava mais fácil pra nós, então nós tivemos muita ajuda também pra cá. Naquela época, quando nós viemo pra cá, às vezes, algum tinha um... uma invernada aí pra roçar, que roçava uma vez por ano, falava de fazer um mutirão, aí juntava 30 ou 40 pessoas... agora hoje acabou isso, né, hoje não tem mais, hoje não existe mais pasto pra roçar, hoje é tudo na base do veneno, o veneno... o herbicida tomou conta.<sup>232</sup>

<sup>227</sup> TONIETE, Luis. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 17 jun. 2021, vídeo MP4, 48min31s.

<sup>228</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz – Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

<sup>229</sup> CALDEIRA, Clóvis. **Mutirão: formas de ajuda mútua no meio rural**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1956.

<sup>230</sup> *Ibid.*

<sup>231</sup> *Ibid.*, p. 29.

<sup>232</sup> PITARELO, Waldemar. **PITARELO, Waldemar. Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 24 jun. 2021, vídeo MP4, 57m52s.

No meio rural, a ideia de “vizinhança” tem uma maior amplitude. Segundo Alba Zaluar, “[...] dizia respeito aos compadres, parentes e amigos que morassem suficientemente perto para serem mobilizados em tais ocasiões [mutirões]. Muitas vezes, ultrapassava os limites do povoado ou bairro rural”,<sup>233</sup> inclusive favorecendo que pessoas de diferentes áreas se encontrassem e reforçando os laços e trocas.<sup>234</sup> Para Antonio Candido, por sua vez, os limites de um bairro podem definir-se pela participação dos moradores nos mutirões, de modo que a convocação para esse trabalho de ajuda mútua o configura como integrante.<sup>235</sup>

O senhor Maurílio lembra o mutirão como expressão de tempos de união, em que se juntavam de trinta a cinquenta pessoas da vizinhança para o trabalho: “então, quer dizer que aquele tempo tinha união. Era, ninguém cobrava nada de ninguém não”.<sup>236</sup> Ele exemplifica sua experiência:

Não, no início cada um ia na sua colheita, né? Aí aquele que terminasse, que ia ajudar o vizinho mais próximo terminar a dele. Aí terminava daquele vizinho eles ia pro outro vizinho mais próximo, até o final. Era tudo de graça. É. Ia um, ia terminando, pegava no outro, quando chegava no fim lá tinha vinte e cinco, trinta pessoas colhendo café. Terminava. Aí era terminava a colheita de café. E agora em, e quando uma pessoa ficava doente também, o vizinho ficava doente, todos os, precisar só o vizinho tá lá com o café no mato, eles fazia um mutirão, ia lá e carpia tudo o café pro vizinho. Carpia feijão, arroz, até aquele vizinho melhorar, tudo de graça, ninguém cobrava um dia de serviço, num cobrava nada. Era tudo assim. Eu mesmo cansei de quando era rapaz novo ia, ajudava a fazer isso aí. Então, quer ver um machucava no jogo de bola, machucava não podia ir trabalhar. Às vezes machucava feio mesmo. Aí os jogador de bola, podia ser vizinho ou de fora, vinha, “tal dia nós vamo no fulano, nós vamos fazer tudo o serviço dele”. Chegava lá tinha cinquenta homem. Carpia café, carpia feijão, carpia tudo, deixava tudo limpinho.<sup>237</sup>

Da sua narrativa, pode-se extrair um exemplo de mutirão por causa imprevista e de forma espontânea,<sup>238</sup> como por ocasião de alguém ter se machucado ou

<sup>233</sup> ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus**: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1983.

<sup>234</sup> MOTA, Dalva Maria da. **Trabalho e sociabilidades em espaços rurais**: os trabalhadores da fruticultura do platô de Neópolis. 2003. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003, p. 226.

<sup>235</sup> CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

<sup>236</sup> PITARELO, Maurílio. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 27 jun. 2021, vídeo MP4, 01h18m47s.

<sup>237</sup> PITARELO, Maurílio.

<sup>238</sup> CALDEIRA, Clóvis. **Mutirão**: formas de ajuda mútua no meio rural. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1956.



adoecido. Para Zaluar, o ajuntamento para o mutirão era uma oportunidade de se sentir considerado pelos parentes e vizinhos, ativando laços de solidariedade.<sup>239</sup> Já o senhor Maurílio, ao se referir à época da prática, reporta-se aos tempos em que havia união. Candido registrou lembrança parecida de um seu entrevistado que se referia ao “tempo da caridade”, em que havia disposição em ajudar e aversão à recusa,<sup>240</sup> o que demonstra o tom nostálgico sobre valores que os entrevistados ressentem por, supostamente, para eles, não existir mais, ou pelo menos não com a mesma intensidade.

O mutirão para colheita, para o senhor Sebastião, não significa só trabalho, mas é visto também como um espaço de encontro e lazer, tendo em vista que a colheita precedia o baile. “não tinha canseira, nunca na vida!”<sup>241</sup> foi como ele respondeu se era possível bailar após o dia todo de trabalho. E descreve:

Tinha também, fazia mutirão, fazia mutirão de colher café, que nem o pai dela [indica a esposa] fazia mutirão de colher café, e... o almoço, terminava daí a tarde tinha a brincadeira “puxa-serra”, a... dança daí, todo mundo que fazia mutirão, a noite tinha o baile ou o... dança, sabe? Não tinha canseira. Não tinha canseira [risos], nunca na vida! Nossa vida, colhia aquele mundo véio de café, ou quebra-milho, ou... pasto, a noite era um baile ou o... dança, era a coisa mais linda do mundo, sabe? Chegar à noite e dançar o... dança ou dançar o baile, era gostoso, era divertido, lindo, coisa bacana, hoje não tem mais nada, acabou tudo, diversão tudo com respeito, tudo coisa boa, sabe? É muito bacana mesmo, eu gostava de ver, lembro, tenho saudade, sabe?<sup>242</sup>

A festa após o mutirão pode ser vista como um sinal de retribuição, que também se manifestava na troca do trabalho havida como um acordo moral entre quem participou do mutirão e quem recebeu o serviço.<sup>243</sup> Para Zaluar, duas expectativas operavam no mutirão: a de ser recompensado com a alimentação e a de ter a retribuição posteriormente também na forma de trabalho, daí que era comum que se oferecessem comidas, bebidas ou festas como forma de agradecimento.<sup>244</sup> O mutirão não só supria as dificuldades de se contar com mão de obra exclusivamente

<sup>239</sup> ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus**: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1983.

<sup>240</sup> CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

<sup>241</sup> GONÇALVES FILHO, Sebastião. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 13 ago. 2021, vídeo MP4, 01h02m03s.

<sup>242</sup> GONÇALVES FILHO, Sebastião.

<sup>243</sup> CALDEIRA, Clóvis. **Mutirão**: formas de ajuda mútua no meio rural. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1956.

<sup>244</sup> ZALUAR, Alba. *Op. cit.*, p. 51.

familiar e com técnicas simples de trabalho, mas também fortalecia os laços de sociabilidade entre a comunidade, reforçando as redes de colaboração.<sup>245</sup>

Outros aspectos analisados por Ecléa Bosi e verificados nas entrevistas são a transmissão das lembranças na forma de conselho aos mais novos e o trabalho como sentido de toda a vida. Isso se dá porque os entrevistados são pessoas idosas que, ao recordarem, desejam registrar os modos “certos” de se fazer, como ensinamentos aos mais jovens. Pela mesma razão, ao recordarem, buscam que sua trajetória seja compreendida, ao passo que lhe imprimem sentido a partir do trabalho que desenvolveram.<sup>246</sup>

Outra perspectiva de análise do trabalho no campo é a de gênero: os papéis atribuídos às figuras femininas e masculinas e como se organizava a dinâmica entre eles. Vale dizer que o gênero não é o único marcador possível dentro dessa distribuição de tarefas: a matriarca e suas filhas atuavam em diferentes funções, da mesma forma que o patriarca e os filhos homens.

Todavia, pode-se considerá-lo um marcador especialmente relevante, de modo que se averiguou pelas entrevistas que o espaço da casa ficava integralmente a cargo das mulheres, enquanto aos homens cabia a tarefa da produção no campo. Àquelas cabiam os serviços domésticos e o cuidado da família, também conhecido como “*care*”, que, segundo Hirata,<sup>247</sup> traduz-se em cuidado e preocupação com o outro, no caso, com a família. Durhan procura definir essa divisão de gênero ao explicar que esse padrão era relativamente rígido e que:

[...] Atribui ao grupo masculino (pai e filhos) a execução das tarefas extradomésticas, e tende a confinar os trabalhos femininos no âmbito da casa. Desse modo, os filhos homens constituem, com o pai, o elemento produtivo por excelência do grupo doméstico. Caberia à mulher (mãe e filhas) o cuidado da casa e dos membros não produtivos da família (crianças, velhos e inválidos), o preparo dos alimentos, a confecção do vestuário. Caber-lhe-ia também o cuidado da criação do quintal (aves e porcos) e da horta.<sup>248</sup>

<sup>245</sup> CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

<sup>246</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz – Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

<sup>247</sup> HIRATA *apud* HERRERA, Karolyna Marin. **Da invisibilidade ao reconhecimento**: uma análise do papel da mulher rural a partir da perspectiva da multifuncionalidade agrícola. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

<sup>248</sup> DURHAN, Eunice. **A caminho da cidade**: a vida rural e a migração para São Paulo. São Paulo: Perspectiva, 1984, p.64.

Uma relativização nesses papéis de gênero se apresentava no trabalho na roça, conforme se verificou pelas entrevistas, já que as mulheres se juntavam à labuta no campo ou após levarem o almoço para aqueles que já tinham ido pela manhã, ou nas épocas em que trabalho se avolumava. Dalva Felipe de Oliveira, ao analisar o trabalho rural das mulheres no Ligeiro-Cariri Paraibano, registrou que elas, “além de desempenhar todas as tarefas relativas à criação dos filhos, à preparação da alimentação, à limpeza de casa, à criação dos animais, que estão no terreiro, caso os tenham, ainda trabalham na roça [...]”.<sup>249</sup>

Depreendeu-se das entrevistas que o serviço doméstico era exclusivo das mulheres (mãe e filhas), e o trabalho na roça era masculino, contando com a participação feminina de forma constante ou esporádica, a depender da situação.

Exemplo dessa participação feminina relativa foi extraída da entrevista da senhora Tereza e do senhor Luís. Em tais casos, mostrou-se comum que a mãe preparasse o almoço de toda a família e o levasse na roça, onde só então passaria a integrar esse trabalho. No retorno à casa, novamente se encarregaria das refeições, junto com as filhas mulheres. Tereza lembra que essa situação era comum tanto em Minas como no Paraná:

Lá em Minas? Ah, levantava cedo, cuidava de levantá, fazê o café, tomava o café e já ia, os homem já ia pra roça trabalhá e nós ficava em casa até o almoço, fazia o almoço, arrumava na vasilha e também voltava só de tarde.[...] Ah, depois que nós viemo pra cá não, eu lembro as mulheres só que cuidava da casa, os homem sempre tinha o servicinho deles de tarde, chegava em casa tinha uma coisa, tinha outra, plantava cebola, alho, essas coisa, até de noite a gente trabalhava tinha dia, as mulher depois que fazia a janta e lavava aquela louça, aí a gente ia ajudá também no terreirão.<sup>250</sup>

O senhor Luis Toniette relata que a mãe cuidava do serviço da casa, embora na época de colheita, apesar de dificuldades, fosse para a roça:

Serviço da casa era a mãe que fazia, a mãe ficava às vezes quando era tempo de carpir café, essas coisa a mãe ficava só em casa, então nós ia, menina que podia trabalhar ia tudo pra roça e a mãe ficava cuidando da casa, agora no tempo da colheita a mãe fechava até a casa e ia tudo pra roça colher café, depois que era umas hora ela mandava uma das criança vim, das

<sup>249</sup> OLIVEIRA, Dalva. **Mulher, trabalho e vida no campo**: um estudo junto às mulheres da comunidade rural do Ligeiro-Cariri Paraibano. 1996. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1996, p. 81.

<sup>250</sup> LIMA, Tereza Isaura de. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 25 jul. 2021, vídeo MP4, 1h40m22s.

menina vim fazer janta e coisa e ela ficava e ia embora com nós da roça, desde... e ela sofria barbaridade com dor de cabeça, essas coisa, mas doente, mas tava ali com nós, podia chover, podia tá fazendo frio, o tempo que tivesse, ela tava ali. E as menina quando podia cuidá da casa cuidava, que a gente podia ir pra roça.<sup>251</sup>

Nessas ocasiões, o cuidado com a casa e o preparo da comida ficavam a cargo das filhas, o que confirma um espaço reservado à mulher (senão à mãe, às filhas) nessa função. Essa delimitação é a mesma relatada pela senhora Centilina: só ia para a roça quando o serviço estava “apurado”, em época de colheita, mas desde os 12 anos lavava as roupas da família, embora conte que a mãe trabalhou muito na roça quando a família tinha lavoura de café:

Minha mãe trabalhava na roça direto, sabe. Depois que nós mudemos pra lá, que nós não tinha mais lavoura de café, minha mãe não trabalhava mais, e eu ia algum dia que tava mais apurado de serviço, né, porque era quatro homem pra trabalhar, né, então só quando tinha uma colheita de arroz, uma colheita de feijão, daí a gente ia mais. A mãe ficava cuidando do serviço da casa, né, lavar roupa. Eu com 12 anos já lavava roupa.<sup>252</sup>

Tanto na fala do senhor Luis como na da senhora Centilina transparece que o trabalho feminino na roça era demandado em situações excepcionais. Para o primeiro, no tempo de carpir, a mãe ficava só em casa, indo para a roça no tempo de colheita. Já a segunda só ia para a roça quando estava apurado, pois já havia quatro homens para trabalhar nos demais dias, denotando que o trabalho na verdade era apenas deles, salvo se, excepcionalmente, precisassem de ajuda.

É provável que essa rotina se afigurasse tão comum que os entrevistados possam não ter se dado conta do sentido que emergiu de suas falas. Nilce da Penha M. Panzutti, ao observar o trabalho feminino na produção familiar rural, admitiu que ele tinha o sentido de “ajuda” que apareceu nas entrevistas, sendo considerado “complementar, acessório, não porque assim o seja efetivamente, mas por concepções de bases culturais sobre uma divisão sexual do trabalho onde cabe ao

---

<sup>251</sup> TONIETE, Luis. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 17 jun. 2021, vídeo MP4, 48min31s.

<sup>252</sup> BARBOSA, Centilina Gonçalves. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 15 jan. 2021, vídeo MP4, 51m20s.

homem a função de provedor, restando à mulher os encargos maternos e domésticos”.<sup>253</sup>

Essa concepção do trabalho feminino na provisão da casa como mera “ajuda” relega à mulher a responsabilidade pela reprodução social da família.<sup>254</sup> Tal responsabilidade aparece na fala da senhora Genir quando relata que, ao fim do dia, chegando da roça, ajudava a mãe nos trabalhos domésticos e, em seguida, ia bordar o enxoval, preparando-se para o casamento.

Segundo relatou, o trabalho não terminava ao fim da tarde ao se deixar a lavoura, por volta das 16h ou 16h30m. Embora conte que todos os membros da família participassem do trabalho na roça, o final do dia era diferenciado entre as filhas mulheres e os homens: “nóis que era moça, quando nóis chegava [da roça] que a mãe não tinha terminado ainda o serviço, então nóis ia ajudar a mãe, fazer uma comida, fazer uma janta, lavar uma loça, né. A mãe, coitada, sozinha, né, pra cuidar de homem, ela fazia tudo, né, então nóis ajudava a mãe”.<sup>255</sup>

O pai, por sua vez, “chegava de tarde ia cascá milho, cuidá dos porco, essas coisa era o pai que fazia”.<sup>256</sup> A senhora Genir também sugeriu que os rapazes deveriam acompanhá-lo, mas “o pai não usava mandar muito os filho, então a mãe que puxava mais as meninas, mas os menino o pai não era de puxar muito. [...] E agora nóis ia mais atrás da mãe”.<sup>257</sup>

Ela explicou que as moças tinham mais compromissos, pois “tinha essa obrigação, e a obrigação nossa era de arrumar enxoval, de bordá, chegava de noite nóis ia bordá, ia passá bico, isso daí que era a obrigação nossa”.<sup>258</sup>

Ainda quando o entrevistado coloca o homem no serviço da casa, não o inclui num trabalho doméstico, como alimentação e limpeza. A senhora Edinir, ao responder se os homens ajudavam no trabalho da casa, disse que “ajudavam, alguns ajudavam,

---

<sup>253</sup> PANZUTTI, Nilce da Penha Migueles. Mulher rural: eminência oculta. **Cadernos CERU**, v. 8, p. 59-79, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2595-2536.v8i0p59-79>. Acesso em: 14 fev. 2022, p. 61.

<sup>254</sup> OLIVEIRA, Dalva. **Mulher, trabalho e vida no campo**: um estudo junto às mulheres da comunidade rural do Ligeiro-Cariri Paraibano. 1996. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1996.

<sup>255</sup> GONÇALVES, Genir Salvi. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 13 jun. 2021, vídeo MP4, 01h08m03s

<sup>256</sup> GONÇALVES, Genir Salvi.

<sup>257</sup> GONÇALVES, Genir Salvi.

<sup>258</sup> GONÇALVES, Genir Salvi.

uh! [...] Eles recolhiam a lenha pra nós, buscavam algum balde d'água".<sup>259</sup> Já sobre cozinhar e lavar roupas, afirmou que era algo reservado: "só nós, mulheres. Cozinhar também era só minha mãe que cozinhava".<sup>260</sup>

O senhor Benedito trata a participação masculina no serviço da casa de forma idêntica à da senhora Edinir – o homem buscava a água, mas o trabalho doméstico era da mulher: "meu pai ajudava também, né, a gente também buscava água, porque não tinha água encanada, às vezes tinha que buscar água, é serviço, mas na maioria o serviço da casa era as mulher que fazia".<sup>261</sup> Ele emenda, em tom crítico, sua percepção sobre o tratamento diferenciado entre gêneros no passado e no presente em termos de independência e liberdade da mulher, e relaciona o primeiro a uma escravidão a que as mulheres estavam submetidas:

Porque até eu falo hoje, porque às vezes o cara fica bravo, mas eu falo, mas a mulher hoje é independente! Hoje se o marido... que nem, tem muito de separação, porque hoje o casamento até não tá valendo nada, né? É mais é separação, por quê? Porque o marido fala pra mulher fazer, ela fala: "faz ocê! Não preciso d'ocê!", né? Antigamente era... quase que as mulher quase que pouco estudo tinha e ela casava pra ser... até eu vou dizer pra você, não era pra ser... era uma escrava do marido, bem pode dizer, era mais de uma escrava! Porque o serviço da casa ela que fazia tudo, e tinha que ajudar na roça, né, e tinha... e não tinha liberdade pra nada!<sup>262</sup>

A percepção do trabalho feminino apresentada pelo senhor Benedito está intermediada pelo seu afastamento no tempo, pois "o objeto antigo tem todos os seus significados, usos e funções anteriores drenados e se recicla, aqui e agora, essencialmente, como objeto-portador-de-sentido".<sup>263</sup> É dizer que o significado que foi sendo construído desde o afastamento temporal daquilo que viveu forjou essa nova percepção sobre o casamento e o papel feminino, aproveitando-se de todas as experiências que lhe permitiram conferir um sentido diferente. Assim, o conhecimento e a consciência histórica são construídos pelo estranhamento e pela distância, já que a memória não é capaz de dar conta do passado por si só.<sup>264</sup>

<sup>259</sup> GARAGNANI, Edinir Aparecida. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto "A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias"**. Salto do Itararé, PR, 18 jul. 2021, vídeo MP4, 43m07s.

<sup>260</sup> GARAGNANI, Edinir Aparecida.

<sup>261</sup> FREITAS, Benedito Aparecido de. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto "A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias"**. Tomazina, PR, 5 ago. 2021, vídeo MP4, 63min24s.

<sup>262</sup> FREITAS, Benedito Aparecido de.

<sup>263</sup> MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 34, p. 9-23, 1992, p. 12.

<sup>264</sup> *Ibid.*

No trabalho, a sua divisão, o modo de realizá-lo, os seus horários, as técnicas, as relações de solidariedade que ele propunha apresentam significados comuns entre os entrevistados. Raymond Willians, ao falar sobre tais significados, reconhece-os como “[...] o produto de todo um povo, e os significados individuais disponibilizados, o produto de uma experiência pessoal e social empenhada de um indivíduo”.<sup>265</sup> Esses significados, apreendidos pela história oral, permitem ampliar o entendimento sobre a vida desses migrantes e partilhar da sua percepção sobre esse mundo vivido: o que cabia a cada um fazer, suas tarefas diárias, a técnica e as ferramentas do trabalho, o significado desse trabalho para o indivíduo, além de se conhecer sujeitos migrantes mineiros na área rural do Paraná que não se definem pelos limites estipulados pela memória coletiva de um conquistador.

A seguir, o tempo do trabalho será atravessado pelo tempo do não trabalho, ainda que com o significado de compromisso para os entrevistados: o dedicado à fé.

### 2.3 O TEMPO DO NÃO TRABALHO: A RELIGIOSIDADE

Em razão dessa forte ligação com o trabalho, houve interesse por conhecer no que mais consistia o dia a dia dos entrevistados, quais outras preocupações os movimentavam nesses bairros rurais do norte paranaense há mais de meio século. Nessa busca, observou-se que o tempo da labuta era cortado pelo tempo da religião e o das festas (estas, por vezes, também religiosas), o que dá a dimensão que este propósito ocupava em suas vidas, sendo capaz de invadir outras esferas, como a educação e a política, por exemplo.

O senhor Antonio Ramos atribui à Igreja Católica a “civilização” do município de Siqueira Campos, que, segundo ele, era violento na sua infância. Afirmou que conheceu um padre chamado Belino, que tinha fama de ser “‘violentão’, mas não é que ele era violento, a comunidade também era mais violenta, né. Tinha que ser um padre firme, que era o frei Belino, ainda lembro dele, ele morreu eu tava com mais de 10 pra 11 anos”.<sup>266</sup> Ele ressalta que a Igreja também possuía comunidades que

---

<sup>265</sup> WILLIAMS, Raymond. A cultura é algo comum. In: WILLIAMS, Raymond. **Recursos da esperança**. São Paulo: Editora da Unesp, 2015, p. 12.

<sup>266</sup> SILVA JUNIOR, Antonio Ramos da Silva. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 23 jul. 2021, vídeo MP4, 48min31s.

reuniam os fiéis sob uma determinada denominação, dando mais coesão social ao grupo.

Então esse padre passou por todo esse processo de, né... desse povo e... vamos dizer assim... “civilizando” esse povo, então a própria igreja era cheia das comunidade muito mais do que hoje, tinha os congregados marianos, eu tenho uma foto aí do meu pai, disso aí também, aquele grupo que ia rigorosamente na missa, e depois tinha uma reunião especial, ia todos de terninho, gravata, no capricho, a bíblia, ou o manual dos Marianos, isso meu pai foi até morrer, esse manual dos Marianos ele não largava, então era uma religião mesmo, e as moça era filha de Maria... aquela entidade que... tudo roupinha branca pra ir na missa... aquele pessoal... e a criançada... eu fiz parte, fui da diretoria.<sup>267</sup>

Ele também enfatiza a manutenção da influência da Igreja Católica desde longa data, ao afirmar que “eles [os siqueirenses] foram sempre ligados à Igreja Católica, então todos os princípios, os valores que nós aprendíamos era da Igreja Católica”, pelo que o entrevistado buscou reforçar o sentido de permanência desses valores desde os primeiros siqueirenses.

Tal é a admiração pelas obras da Igreja Católica em Siqueira Campos que o senhor Antonio atribui também a ela a modernização do município: “nós devemos muito aos freis capuchinhos, eu entendo que um dos primeiros focos de... modernização, de chacoalhar a moita pro pessoal que tinha que fazer mais coisa, acreditar... é os capuchinhos”.<sup>268</sup> O entrevistado arremata atrelando-os diretamente ao poder político: “os freis tinham o poder de mexer com o meio político, e as iniciativas deles eram as positivas”.<sup>269</sup> Nessa perspectiva, menciona o papel da Igreja na educação:

Começa pela escola, eu estudei no colégio, Educandário São Francisco de Assis. Quem que era responsável? As irmãs! Os freis, né, tinha internato, os mais ricos pagava os filhos no internato, que era... era onde é hoje ali do Serginho, era internato ali e o colégio era na esquina, onde tem aquela escadona pra entrar no prédio... ali... eu estudei ali. E nós que fizemos, eu também como carpinteiro, ajudando meu pai na época, o colégio atual, que era madeira.<sup>270</sup>

---

<sup>267</sup> SILVA JUNIOR, Antonio Ramos da Silva. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 23 jul. 2021, vídeo MP4, 48min31s.

<sup>268</sup> SILVA JUNIOR, Antonio Ramos da Silva.

<sup>269</sup> SILVA JUNIOR, Antonio Ramos da Silva.

<sup>270</sup> SILVA JUNIOR, Antonio Ramos da Silva.



O pai do senhor Antonio trabalhava no ramo de serralha e carpintaria, e ele mostra orgulhoso uma foto sua trabalhando na construção de um seminário anexo ao santuário em Siqueira Campos. Relatou com regozijo que ajudou a construir o prédio onde funciona o Colégio Sagrada Família e a Escola São Francisco de Assis, sob administração de freiras.

Na vida adulta, foi mecânico de rádios. Perguntado a respeito da criação da rádio Bom Jesus, de Siqueira Campos, respondeu que a iniciativa fora também dos freis capuchinhos: “Lógico, dos freis! O frei Gabriel Angelo [Gabrielângelo] é o responsável pela rádio Bom Jesus”.<sup>271</sup> Assim também o asilo São Vicente de Paulo e a Santa Casa de Misericórdia, segundo relatou:

Os freis capuchinho fizeram aquilo que o povo precisava: correram atrás de asilo, para dar um atendimento para os mais idosos, correram atrás, claro, daí reunindo as pessoas, as forças políticas da época, mas sem... a influência era deles. A iniciativa [era deles]... O hospital, quem que fez o hospital? Quem que fez? O frei Belino, eu tenho uma carta do frei Belino também de 1953, ele tava internado em Guaxupé, Minas Gerais, [...] nessa carta, ele fala uma coisa interessante: ele tava feliz, que até que enfim a sociedade de Siqueira Campos tomou a iniciativa de fazer um hospital na cidade, então prova que a cidade não tinha um hospital, né, que aquele terreno ali [do hospital] é doado... da igreja.<sup>272</sup>

O entrevistado verbaliza diversas vezes sobre um filme acerca do Bom Jesus da Cana Verde. Para compreender o seu entusiasmo com o assunto, é necessário conhecer a existência de uma memória social coletiva também sobre a religiosidade em Siqueira Campos – embora o trabalho não vá se dedicar a ela –, que foi abordada pela professora Janete Leiko Tanno,<sup>273</sup> ao mencionar a realização de um filme em 1967, dirigido pelo pároco de Siqueira Campos à época, Gabrielângelo Caramore, contando a história da origem da imagem do Bom Jesus da Cana Verde – imagem esta que envolve disputas abordadas por Anderson Lino<sup>274</sup> em *A história do senhor bom Jesus da cana verde: conflitos e celebrações em torno de uma imagem religiosa*

---

<sup>271</sup> SILVA JUNIOR, Antonio Ramos da Silva. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 23 jul. 2021, vídeo MP4, 48min31s.

<sup>272</sup> SILVA JUNIOR, Antonio Ramos da Silva.

<sup>273</sup> TANNO, Janete Leiko. Sociabilidade e lazer na Festa do Senhor Bom Jesus da Cana Verde em Siqueira Campos/PR. (1934 -2012). In: XXVII Simpósio Nacional de História, 27., 2013, Natal. **Anais [...]**. Natal, 2013, p. 3

<sup>274</sup> LINO, Anderson. **A história do senhor Bom Jesus da Cana Verde: conflitos e celebrações em torno de uma imagem religiosa** (Siqueira Campos - PR, 1933). 2009. Dissertação (Mestrado em História das Religiões) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2009.

(*Siqueira Campos-PR, 1933*). Segundo Tanno, além do filme, essa memória organiza-se também “por meio do santuário construído em 1974; pela instalação de uma rádio na cidade cuja função principal é a difusão do culto ao Bom Jesus, entre outras ações, forjando a memória oficial sobre a origem da imagem e seu culto”.<sup>275</sup>

O poder exercido pela religião escapa dos espaços e rituais religiosos e atinge a esfera política. O ex-prefeito de Siqueira Campos, Sr. Antonio Barbosa do Amaral, ao falar sobre a eleição do memorialista Joaquim Vicente de Souza para a prefeitura de Siqueira Campos, relatou que “[...] funcionava assim: a igreja que elegia o prefeito. Entendeu? Do lado que a igreja ia, o padre ia, pá, ganhava mesmo. E daí ele como era da igreja, era muito católico, era pobrezinho, toda a vida foi pobre, ele ganhou a eleição sozinho, só com a igreja ajudando ele [...]”.<sup>276</sup>

Essa influência na área política, conforme examina Dermi Azevedo, vem de uma aproximação historicamente construída entre Estado e Igreja Católica, que se confunde com a própria história do Brasil,<sup>277</sup> de modo que, “em vários períodos históricos, houve uma instrumentalização da Igreja por parte do Estado e vice-versa”.<sup>278</sup> Diante dessa relação, aquela seria “considerada pelos homens de governo uma inestimável fonte fornecedora de sentido, [e] foi requerida em múltiplas oportunidades para abençoar os regimes políticos”.<sup>279</sup> Embora o autor destaque sua influência sobre os homens do governo, é possível acrescentar o sentido que fornecia aos governados, que se apoiavam na sua posição para escolher os seus representantes.

A força exercida pelas instituições sobre o município de Siqueira Campos aparece notavelmente nos livros do memorialista Joaquim Vicente de Souza, que não mediu esforços para ressaltar os cidadãos que representavam as instituições políticas e jurídicas do município, bem como a instalação das instituições católicas e os seus representantes, num discurso genealógico, épico e também masculinizado, em que pese ele mesmo tenha registrado, em seus livros, a necessidade de não se esquecer

---

<sup>275</sup> TANNO, *op. cit.*

<sup>276</sup> AMARAL, Antonio Barbosa do. Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”. Siqueira Campos, PR, 15 jan. 2022, vídeo MP4, 31m13s.

<sup>277</sup> AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 109-120, 2004.

<sup>278</sup> ESQUIVEL, Juan Cruz. Da sociedade política à sociedade civil: a presença pública da Igreja Católica brasileira num período de instabilidade política (1952-2004). **Proj. História**, São Paulo, tomo 1, n. 29, p. 197-221, dez. 2004, p. 198.

<sup>279</sup> *Ibid.*

das mulheres que participaram de todos esses processos, embora tenha conferido a eles um papel coadjuvante.

Além da influência na esfera política, a religião também funcionava como um espaço de sociabilidade, sobretudo por ocasião das festas dedicadas aos santos, algo recorrente nas memórias dos entrevistados. Em Siqueira Campos, já era popular a festa do Bom Jesus da Cana Verde, como lembra o Sr. Antonio Leite, que ia de Japira a Siqueira Campos para o evento: “vinha romaria de toda banda, nossa vida. Na época era lá na matriz, lá embaixo, aí depois que veio pro santuário aqui em cima, né. Dois dias de festa, Isabelle. Depois que veio pro santuário teve época de ir mais que dois dias, né. [...] Era festão!”.<sup>280</sup>

A dimensão que a festa foi alcançando desde seu surgimento – que envolve a disputa pela imagem do santo – até os dias atuais foi tratada por Lino<sup>281</sup> e Tanno,<sup>282</sup> que se dedicaram especialmente ao tema. Importa mencionar que o evento agrega múltiplos interesses, que vão do religioso ao profano, como exemplifica Tanno:

Desde o dia 28 de julho, a cidade passa a receberromeiros, turistas e fiéis ao longo das comemorações, que podem aproveitar as diversas atividades oferecidas pela festa, cuja programação é bem eclética, atendendo tanto o lado religioso quanto profano dos seus frequentadores. No geral, a programação religiosa segue a seguinte ordem: procissão luminosa com a imagem do Senhor Bom Jesus saindo da Igreja Matriz para o Santuário, novenas, missas na Igreja matriz e no santuário, em diversos horários. A parte secular e profana contempla shows musicais diários com cantores sertanejos e bandas da região que acontecem à noite, além da comida, da bebida, das compras, do parque de diversão, etc. Portanto, os organizadores exploram também os aspectos social, cultural e econômico da festa, para chamar a atenção de outros tipos de frequentadores, além daqueles que acorrem pela fé e pela devoção ao santo.<sup>283</sup>

Esses vários vetores alcançados ajudam a compreender o sentido que a festa religiosa foi assumindo historicamente como um espaço de sociabilidade, a princípio sob um pretexto institucional que, valendo-se de espaços como ruas e praças, passa a configurar-se como um local de encontros, de diversão, num ambiente de

---

<sup>280</sup> SANTOS, Antonio Leite dos. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 15 jul. 2021, vídeo MP4, 01h4m22s.

<sup>281</sup> LINO, Anderson. **A história do senhor Bom Jesus da Cana Verde: conflitos e celebrações em torno de uma imagem religiosa** (Siqueira Campos- PR, 1933). 2009. Dissertação (Mestrado em História das Religiões) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2009.

<sup>282</sup> TANNO, Janete Leiko. Sociabilidade e lazer na Festa do Senhor Bom Jesus da Cana Verde em Siqueira Campos/PR. (1934 -2012). *In: XXVII Simpósio Nacional de História*, 27., 2013, Natal. **Anais [...]**. Natal, 2013.

<sup>283</sup> *Ibid.*

sociabilidade. Para Jean Baechler, tais espaços se traduzem pela capacidade humana de formar redes que, individual ou coletivamente, permitem a movimentação de informações do seu interesse, ou, ainda, de socialidade, que é a capacidade de manter tais redes e grupos coesos,<sup>284</sup> considerando as redes como todos os laços que as pessoas são capazes de estabelecer.<sup>285</sup> As festas religiosas se apresentam como uma possibilidade de se fomentar as redes de relações entre os participantes.

Os entrevistados que moravam em Quatiguá lembram-se, sem exceção, da “Festa de Maio”, mês dedicado a Maria segundo a tradição católica. O Sr. José Piratelo conta como funcionava o ritual: “Festa de Maio era o mês de Nossa Senhora, né? E fazia todos os bairros pegava capelinha, rezava o mês de maio. Depois quando chegava no fim, o padre marcava um dia, e tudo o povo levava as capelinhas lá em Quatiguá. Dava festa grande”.<sup>286</sup>

Indagado sobre a existência dessa tradição antes dos migrantes mineiros e paulistas moradores do bairro, ele conta que já era comum, porém outra tradição teria sido trazida pelos mineiros de sua família:

O que foi trazido pela turma lá de, da família nossa lá foi a via sacra italiana que era rezado aqui. Tudo italiano. Aí, que nem eu, eu ajudava a rezar eu já não lembro mais, mas era tudo italiano, do começo ao fim. E vinha gente que precisa de ver, tudo lado pra assistir rezar. Era aqui mesmo. Aqui tinha nove casa certinho. [...] Memorizava na cabeça, mas o que que significava aquilo nós não sabia. Falecido pai, falecida mãe rezava italiano direto. Terço inteiro.<sup>287</sup>

O relato demonstra que a migração de Minas não dá conta de abranger a pluralidade de tradições que foram se mostrando em anos de trajetórias familiares, incluindo a imigração praticada pelos avós dos entrevistados, vindos da Itália, que ecoava através das gerações.

---

<sup>284</sup> BAECHLER, Jean. Grupos e sociabilidade. *In: Tratado de Sociologia*. Sob a direção de Raymond Boudon. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995, p. 66.

<sup>285</sup> *Ibid.*, p. 78.

<sup>286</sup> PITARELO, José. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 30 jun. 2021, vídeo MP4, 47m42s.

<sup>287</sup> PITARELO, José.

Quanto à Festa de Maio, Maria das Dores a qualifica como “coisa mais bonita!”<sup>288</sup> e detalha como ela transcorria todo mês e como se dava o desfecho com fogos:

Daí tudo quanto era canto tinha as comunidade dividido os grupo e daí fazia, cada um fazia um trecho, quando chegava o dia da festa de maio, daí eles vinha, cada um saía de lá, vinha 3 do Ribeirão Bonito e daí vinha do outro, vinha de todos os outros bairros, mas daí de lá vinha 3 e daí vinha vindo, o último a vir, eles vinha rezando o terço, vinha cantando pra estrada e vinha juntando, cada casa tinha os coordenador, cada trechinho assim, cada grupo, daí saía com aquela santinha e vinha aquele monte de gente atrás, cada um carregava um pouco aquele... depois quando chegava aqui perto do posto de saúde juntava de todos os lugar, aquele mundo, daí soltava fogo, era a coisa mais bonita! la toda aquelas capelinha, cada um carregando a sua e cantando e vinha, entrava dentro da igreja pra depois celebrar a missa, cada um ponhava lá na frente assim, ficava tudo as capelinha lá, mas rezava o mês inteirinho nas casa e longe uma casa da outra e a gente ia e lá tem dia que eu... [risos] e eu era criança ainda!<sup>289</sup>

O ajuntamento dos moradores dos bairros rurais do município demonstra uma das dimensões sociais da comemoração religiosa, capaz de reuni-los para a celebração e criar ou afirmar os laços de sociabilidade entre os fiéis.

Quanto às tradições religiosas em Minas Gerais, as festas juninas e de Santo Reis se apresentaram com frequência nas narrativas. A senhora Maura Mario conta que no bairro Grotão, onde morava, no município de Andradas, havia uma igreja de Santo Antonio, de onde emergem as memórias de festas, leilões, assados, cartuchos, coretos, bandas etc., conforme narrou:

Então uma vez por ano tinha festa lá, né, entendeu? E... inclusive, o meu pai cuidava muito dessa igreja, sempre era festeiro de festa, daí eles trazia, eles chamava as polícia da cidade, ia quatro polícia, comia lá na casa da minha mãe lá, pra ir cuidar da festa, por causa de briga, né... então tudo isso a gente... Ah, tinha missa de manhã e depois... durante o dia, olha... eu não lembro, filha, tinha um leilão, sabe, que o pessoal levava muito, na época, cartucho com doce, com coisas e os outros arrematava, [...] teve uns lugar lá que tinha... um coreto, vinha um pessoal de banda tocar, aqueles negócio lá, não sei como é que chama, eles falava banda, era as coisa mais linda do mundo de ver os homens tocando aquilo. E leilão de doce então? [...] a minha mãe mesmo fazia bastante pra eles encher os cartuchos, às vezes à noite eu não tava com a turma de menina lá, ia colar os papelzinho nos cartuchos...

<sup>288</sup> BONARDI, Maria das Dores da Silva. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 25 jul. 2021, vídeo MP4, 1h40m22s.

<sup>289</sup> BONARDI, Maria das Dores da Silva.

Sobre os cartuchos, que podiam ser arrematados no leilão da festa, contou que era um papel enrolado em formato de cone onde se colocavam variedades de doces. Ela também lembra que era algo que as crianças queriam mas os pais nem sempre podiam dar: “ai meu Deus [risos], sempre na falta de dinheiro, né, criança chorando que quer e o pai não pode, ah... é duro... é duro, né, filha do céu, a gente vê tanta coisa que...”<sup>290</sup>

A festa envolvia compromissos dos participantes com relação às comidas. Dona Leia lembra-se do encargo incumbido aos seus pais enquanto festeiros:

O pai e a mãe sempre foram de participar de igreja, de festa. É... eu lembro que antes da gente vim, eles fizeram uma festa, porque eles tinham que ser festeiros, então tinham que cumprir isso daí, tinha sido nomeado festeiro, numa cidade, eu não sei se é lugarejo, cidade, chamada “Peitudo”, eu nunca mais ouvi falar desse lugar. E eles eram festeiros, então eu lembro que a mãe fez muitas latas de doce, de laranja, de abóbora, tudo assim como usam fazer nas festas, mas já fez em casa pra levar pronto, porque era longe esse lugarejo, sabe? Mas eles sempre participaram de tudo. O pai, a mãe, eles sempre foram bem festeiros, sabe?<sup>291</sup>

A figura do festeiro pode variar conforme o local que se analisa, mas, normalmente, trata-se daquele que se encarrega da alimentação, da organização de bingos e leilões e do planejamento da festa de modo geral, podendo ser um ou mais. Conforme entende Zaluar, que descreve o encargo:

Enquanto durava a festa, era tradicionalmente a autoridade a quem todos deviam obediência. [...] Ao festeiro cabia controlar a multidão que aconresse às festas, tendo o direito de censurar, admoestar quem não mantivesse um comportamento adequado para a ocasião e resolver as questões surgidas entre os devotos. [...] O festeiro também era redistribuidor daquilo que havia sido acumulado por todos os devotos do santo. Ao assumir o encargo, o festeiro obrigava-se a fazer todos os gastos necessários para uma boa festa. [...] Por isso mesmo, só assumiam o encargo de festeiro aqueles que tivessem relativamente maiores posses localmente. Seu sacrifício era feito na crença de que o santo o recompensaria, protegendo-o.<sup>292</sup>

<sup>290</sup> MARIO, Maura Martins. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 10 jul. 2021, vídeo MP4, 01h40s.

<sup>291</sup> TEIXEIRA, Leia Goulart. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Tomazina, PR, 12 ago. 2021, vídeo MP4, 46m50s.

<sup>292</sup> ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1983, p. 72-73.

Enquanto a definição de Zaluar refere-se ao festeiro homem, por ser aquele que tem posses e condições de impor sua autoridade, a senhora Leia identifica sua mãe nessa condição, demonstrando como parte da organização da festa, na verdade, era incumbência dela, como no preparo dos doces para serem vendidos, o que demonstra uma exceção ao costume.

Além da religiosidade, o espaço de sociabilidade se revelava em outros locais, como vendas, bailes, jogos. A entrevistada senhora Maura Mario aponta para um marcador de gênero ao relatar que, nas rezas da igrejinha do bairro Cafundó, em Minas, não se lembra da presença masculina. Esta, segundo recorda, marcava presença na “[...] venda, né? lam na venda beber uma pinga e tal [risos]”.<sup>293</sup> Assim também a senhora Leia lembra que seu pai “gostava de jogo né, de baralho, ele ia sim, tinha os amigos dele pra ficar jogando [na venda]”.<sup>294</sup> É sobre esses outros espaços em que a sociabilidade se desenvolve que se dedicará o próximo ponto.

## 2.4 OUTRAS SOCIABILIDADES E LAZERES

O senhor Maurílio Pitarelo, que passou sua juventude no Ribeirão Bonito, em Quatiguá, narra como, para ele, teve início o costume de fazer bailes no bairro: “quando o Angelin Bordignon tinha muito pé de café, terminava a colheita de café ele fazia o baile. O baile pros funcionário, pra todos. Um bailão, sabe? Uma noite só de baile”.<sup>295</sup> Partira daí, segundo ele, a ideia de fazer os bailes na propriedade do seu pai: “aí depois foi pegando tradição, aí meu pai começou a fazer. O do meu pai tinha nome, dos outros não tinha. Do pai era o “Baile da Cana Verde”,<sup>296</sup> em referência às canas que cercavam o local do baile: “fazia barraca grande de pau, e depois colocava duas varas assim do lado e enchia de cana. Cortava cana e enchia e fechava de cana em volta”.<sup>297</sup>

---

<sup>293</sup> MARIO, Maura Martins. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 10 jul. 2021, vídeo MP4, 01h40s.

<sup>294</sup> TEIXEIRA, Leia Goulart. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Tomazina, PR, 12 ago. 2021, vídeo MP4, 46m50s.

<sup>295</sup> PITARELO, Maurílio. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 27 jun. 2021, vídeo MP4, 01h18m47s.

<sup>296</sup> PITARELO, Maurílio.

<sup>297</sup> PITARELO, Maurílio.

A definição desses eventos e suas características é muito fluida e vai se desenhando a cada um deles, guardando, no entanto, alguns sentidos comuns que vão sendo identificados conforme as narrativas dos entrevistados. São eles que vão conferir os significados, daí que as entrevistas colaboram para esse entendimento.

A senhora Genir morava no mesmo bairro em data contemporânea ao senhor Maurílio e lembra-se dos bailes realizados na casa do seu pai, e com maior frequência: quase todo sábado, salvo se estivesse chovendo.

Quase tudo sábado tinha baile, sabe. Ou era num vizinho ou era no outro. O pai mesmo fazia aqueles bailão. Tinha um, vamo supor, um terrerão assim, e fazia cobertura, no encerado, porque pra mexer com café tinha que ter encerado. Cobria com encerado em roda da barraca, tudo. Meus irmão até fazia buteco, tinha buteco, vendia pinga, sargado, a mãe fazia as coisas eles vendia, doce. Só doce, de amendoim, caseiro, abóbora, tudo esses doce, é de cortar. Fazia de meio de semana, pra vender no sábado na hora do baile. Mas por fim foi acabando. Angelim Bonardi era violeiro de violão, Dito Bacili era sanfoneiro, Ditinho Lopes tá vivo, também era sanfoneiro e tinha outro que tinha sanfona também, eu sei que era uns par de sanfoneiro, então juntava aqueles sanfoneiro, umas sanfona pequeninha, não era sanfona grande não. Tudo, aquele tempo tinha gente lá pro sítio pra tudo quanto é canto, lá do Beto Bordignon, do Angelino Bordignon, vinha tudo aquela moçaiada. [...] Começava 8 hora e ia até madrugada, tudo sábado, era difícil, só se tivesse chovendo. [...] <sup>298</sup>

A senhora Centilina, prima dos irmãos José e Maurílio Pitarelo e cunhada da senhora Genir, mora no bairro Ribeirão Bonito até hoje. Sobre os bailes, conta que não perdia um e que seu irmão Guerino, avô paterno da autora, tinha a iniciativa de fazê-los: “gostava. Quando nós morava aqui o Guerino mesmo gostava de fazer muito baile na nossa casa. Ah, ele convidava o povo, armava uma barraca lá no terreiro, né, coberta de encerado.” <sup>299</sup> Convidava o povo, a moçaiada e tudo eles dançavam a noite inteira”. Quanto à recepção dos convidados, admite que, na sua casa, só se preparava café para os participantes:

Tinha nada, tinha só café, a mãe fazia café. [...] Fazia, a casa virava uma bagunça, né! Era gente entrando, gente saindo né. Mas sempre ele fazia as festinhas, os bailinhos dele. Fazer o quê, né. Tudo fazia por aqui, bastante gente fazia. Tinha direto, sabe! Tinha, pra esse lado aqui tinha, lá no tio Orlando eles faziam também. Então, fazia por tudo. Lá nos Sai lá. Tinha, uh!

<sup>298</sup> GONÇALVES, Genir Salvi. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 13 jun. 2021, vídeo MP4, 01h08m03s.

<sup>299</sup> Encerado é aqui empregado no sentido de cobrir carga de caminhão, a lona.



Lá tinha casa também lá. Umberto Sai, Luis Sai lá, eles faziam direto também.<sup>300</sup>

O espaço da festa é marcado pelo improvisado da instalação e da música, por itens de comer e beber providenciados pelos anfitriões, além de muita adesão dos participantes, que não se limitavam só ao bairro nem precisavam de convite – era só chegar. Por outro lado, além da diversão, a iniciativa poderia render um lucro para o proprietário: “dedicava a fazer isso porque... rendia uns trocados, né? [...] Pnhava um barzinho e dali do lucro do barzinho, pagava o sanfoneiro e ainda sobrava uns trocos pra ele”,<sup>301</sup> conta o senhor Waldemar, que também participava dos bailes no Ribeirão Bonito.

Os momentos de lazer, no entanto, não se limitavam aos bailes. Outra lembrança recorrente dos entrevistados refere-se ao campo de futebol, onde a população praticava o esporte amador. Ao analisar o futebol amador na região norte do Ceará, Rosangela Duarte Pimenta<sup>302</sup> se convence de que seu aparecimento possa ser uma expressão da iniciativa popular em viabilizar esporte e lazer num contexto em que tais ações não estavam entre as atribuições do Estado.<sup>303</sup>

Ao final da entrevista com o senhor José Pitarelo no bairro Ribeirão Bonito, em Quatiguá, ele mostra que, em frente à sua casa, o espaço hoje ocupado por uma plantação de cana-de-açúcar outrora dava lugar ao “campo do Ribeirão Bonito”, e que fazia parte do time de mesmo nome, que integrou dos 12 aos 40 anos. A respeito da iniciativa de preparar e organizar o local, contou que “foi da turma do falecido pai e do japonês que morava aqui [...] E eles começaram aqui [...] pra cima da casa, e depois daqui aí foi aumentando gente e foi dando time melhor e passaram, fizeram pro lado de cima lá. E lá eles, campo durou aí uns 40 anos”.<sup>304</sup>

Dava [muita gente], nossa vida! O movimento que tem hoje aqui não tem 5% do que tinha. Jogava, todos os domingos tinha jogo. Tratava com um time,

<sup>300</sup> BARBOSA, Centilina Gonçalves. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 15 jan. 2021, vídeo MP4, 51m20s.

<sup>301</sup> PITARELO, Waldemar. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 24 jun. 2021, vídeo MP4, 57m52s

<sup>302</sup> PIMENTA, Rosangela Duarte. O jogo no sertão: conhecendo o futebol amador na zona rural. **Espaço Plural**, v. 14, n. 29, p. 90-113, jul./dez. 2013.

<sup>303</sup> *Ibid.*

<sup>304</sup> PITARELO, José. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 30 jun. 2021, vídeo MP4, 47m42s.

tratava com outro. Se o tinha vinha aqui ganhar o jogo, depois ia pagar. Era divertido, tinha gente pra arrebentar todo domingo. A era umas duas hora da tarde [o começo]. E quando nós saía fora, saía mais cedo, né? Uma hora, uma e pouco. Vinha o caminhão aí, montava tudo em cima e ia.<sup>305</sup>

O senhor José conta que a organização e a preparação do gramado eram feitas pela sua família, como tios e irmãos, e havia a venda de alguns itens para a plateia: “ah, alguma coisinha, muito pouco só. Mais era guaraná, cerveja e pinga. Ah, era um boteco que tinha de bambu ali ó, feito de bambu. E ali o que tinha era isso aí”.<sup>306</sup>

Sobre os frequentadores, conta que as mulheres iam assistir aos jogos, embora o futebol em si fosse praticado apenas por homens. As mulheres entrevistadas veem o campo de futebol como um local de passeio e de encontros: “era, lugar de diversão pra mim era campo de bola”,<sup>307</sup> conta a senhora Maria das Dores. Já sua irmã Tereza conta que, em Quatiguá, “quase não ia na beira do campo”,<sup>308</sup> pois já era casada, mas o fazia em Minas: “juntava bastante gente, sabe? Um moçaiada, ficava passeando, conversando e eles jogando”.<sup>309</sup> Para Maria das Dores, esse tipo de passeio era o que tinha para fazer, combinado às idas à cidade para eventos religiosos, onde também se faziam brincadeiras. Além do Ribeirão Bonito (Figura 8), conta sobre outros campos de futebol em que fora:

Tinha ali, tinha lá nos Toniette, lá mais pro fim, pra lá e ali no Milão, eu cheguei a vir no campo até ali no Milão, não tinha pra onde ir, era isso que nós fazia! Era o passeio que a gente tinha e daí quando tinha festa aqui a gente vinha e ficava festa de Nossa Senhora de Aparecida, festa de São Cristóvão, era três vezes no ano que tinha festa e a festa do mês de maio, daí a gente vinha, daí ficava por aí, pras rua e... era a única coisa que a gente tinha de diversão, vim e ir nas reza e daí nas reza, tinha reza no mês de maio e na quaresma também eles fazia e daí nós brincava no terreiro, aqueles terreirão lá, tudo escuro, sem luz, sem nada e daí nós brincava de passa-anel, fazia aquela rodona lá, era nossa diversão! Era gostoso, viu? Brincadeira de criança e nós fazia.<sup>310</sup>

<sup>305</sup> PITARELO, José. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 30 jun. 2021, vídeo MP4, 47m42s.

<sup>306</sup> PITARELO, José.

<sup>307</sup> BONARDI, Maria das Dores da Silva. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 25 jul. 2021, vídeo MP4, 1h40m22s.

<sup>308</sup> LIMA, Tereza Isaura de. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 25 jul. 2021, vídeo MP4, 1h40m22s.

<sup>309</sup> LIMA, Tereza Isaura de.

<sup>310</sup> BONARDI, Maria das Dores da Silva. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 25 jul. 2021, vídeo MP4, 1h40m22s.

Figura 8 – Foto de 2021 mostra onde se localizava o campo do Ribeirão Bonito



Fonte: acervo pessoal.

O senhor José Paixão morava próximo ao campo de futebol de outro bairro rural de Quatiguá, o Milão, onde também jogava. De acordo com ele, “lá é que se reunia bastante gente. [...] Nós fomos campeão uma vez aqui, regional é... e jogava, outro campo ali... aquele lá que se reunia mais gente. Sempre ia, quando não jogava aqui, jogava fora, né. Ia, lá enchia de gente. Tinha churrasco todo domingo”.<sup>311</sup>

A senhora Edinir, moradora no bairro rural do Alecrim, em Salto do Itararé, conta sobre os jogos de futebol que se realizava no campo desse bairro: “aqui era gostoso. Tinha jogo, a moçaiada ia tudo, e eu ia também... Eu gostava. Nós ia na beira do campo, ficava lá um pouco. Isso! As companheirada. Tinha bastante companheirada. Isso, nós ficava lá na beira do campo olhando eles jogar bola”.<sup>312</sup> Indagada sobre o que mais havia para se fazer nos momentos de não trabalho, ela compartilha: “modo do outro, se reunia as companheiras, quando não tinha ficava uma

<sup>311</sup> PAIXÃO, José Domingos da. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 1 jul. 2021, vídeo MP4, 52m03s.

<sup>312</sup> GARAGNANI, Edinir. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Salto do Itararé, PR, 18 jul. 2021, vídeo MP4, 43m07s.

na casa da outra assim, de modo, bordando, porque aquele tempo não tinha... moda do outro, não tinha enxoval pra comprar pronto, então nós ia fazendo... o enxoval”,<sup>313</sup> o que demonstra, mais uma vez, a responsabilidade feminina com os itens da casa e o preparo deles para o casamento, que era também uma responsabilidade sobre a reprodução da família.

É possível perceber como os costumes e as práticas de lazer e socialidade foram se criando e recriando ordinariamente. Os bailes foram surgindo a partir do mutirão, mas se tornaram autônomos em relação a eles, passando a acontecer com regularidade e atraindo toda a comunidade. O empenho do grupo em fazer seu próprio campo e time de futebol transformou esse local num ponto de encontro aos domingos. As rezas e festas religiosas foram se misturando entre as tradições já existentes no bairro e com as rezas italianas trazidas pelos mineiros.

A mobilidade desses elementos da cultura caipira revela como esses homens e mulheres, através da sua força criativa, puderam tanto desenvolver quanto abandonar os seus costumes, tudo de forma comum, simples. Naturalmente, os costumes foram se desenvolvendo e, da mesma forma, foram deixando de existir, mas subsistindo nas lembranças.

## 2.5 NÃO HAVIA SÓ MINEIROS

Uma das preocupações ao optar por entrevistar migrantes mineiros era a de não reforçar mitos e idealizações sobre o mineiro povoador do Norte Pioneiro, tampouco levar o leitor a crer que estes eram os únicos presentes na região. Isso importa em função de que “um dos principais pilares de sustentação da memória oficial é a afirmação sobrevalorizada de alguns colonos escolhidos, insistentemente nomeados como pioneiros”,<sup>314</sup> enquanto a análise dos próprios entrevistados revela uma paisagem social diversa daquela que se convencionou exaltar. Daí a pergunta, sempre presente no roteiro semidiretivo, sobre não mineiros que compunham a população integrada pelos entrevistados, ao que ia se revelando a heterogeneidade de povos que compunham suas memórias.

---

<sup>313</sup> GARAGNANI, Edinir. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Salto do Itararé, PR, 18 jul. 2021, vídeo MP4, 43m07s.

<sup>314</sup> LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas**: trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo-oeste do Paraná. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005, p. 122.

Ao dirigir a indagação ao senhor Maurílio, este se lembrou de paulistas de Itupeva: os “Sai”, família de ascendência italiana que passou a morar no Ribeirão Bonito entre 1930 e 1950, além de japoneses, respondendo que:

Tinha bastante gente que morava, bastante família que morava ali, agora certeza se eles veio de Minas eu não tenho, viu? Tinha a turma dos Sai ali, mas eles era do estado de São Paulo, do estado de São Paulo, eles era de Jundiá. Agora, do Nico Robles, eu não sei se ele era mineiro ou da onde ele era também, era tio da gente, né. Agora não sei da onde que ele veio, de qual estado ele veio pra cá. Ah, quando nós foi, que eu lembro ali tinha japoneis também. Tinha uns japoneis que tinha um sítio do lado do meu pai quando meu pai comprou. Tinha os japoneis também. Agora não sei se vieram do Japão ou vieram aqui do Brasil mesmo, né. Ali tinha uns japoneis muito, muito gente boa ali.<sup>315</sup>

Sobre a presença de indígenas, declarou que “ali não tinha mais”, denotando a sua ciência sobre a existência anterior e desbancando a ideia da terra virgem a ser desbravada pelos mineiros. O senhor Antonio Leite igualmente admite a sua existência na região, ao relatar: “eu sei que tinha, não aqui perto, [mas] ali perto do Sapé, Barro Preto, ali tem uma população indígena”.<sup>316</sup>

Moradora de Tomazina, município onde se localiza o bairro Barro Preto, a senhora Leia conjectura sobre quando a população indígena do bairro Barro Preto, de Tomazina, teria ido para a região:

Devia ter, mas a gente não tinha contato não, né, agora que a gente fica sabendo dessa, né? Por causa da escola, senão nem sabia que tinha não. A gente não tinha assim contato com eles não. Agora tem ali pro lado do Barro Preto, é um pouquinho pra lá. Tem, agora tem e parece que, não sei, eles se comunicam mais, vem né, pra cidade. Eles vêm porque eu lembro que vinham até pra danças nos bailes aí que faziam, né. Mas antes a gente não sabia. Não sei. Não sei se antigamente não tinha e eles vieram depois? Mais fechados. Mais fechadinho lá, né, de certo não se misturavam, né. Os mais antigos, né, depois os outros foram saindo.<sup>317</sup>

O senhor José Salvador, morador do bairro Alecrim, conta que é neto de indígena da aldeia que, à época do seu avô, localizava-se no bairro do Sapé, em

<sup>315</sup> PITARELO, Maurílio. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 30 jun. 2021, vídeo MP4, 47m42s.

<sup>316</sup> SANTOS, Antonio Leite dos. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 15 jul. 2021, vídeo MP4, 01h4m22s.

<sup>317</sup> TEIXEIRA, Leia Goulart. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Tomazina, PR, 12 ago. 2021, vídeo MP4, 46m50s.

Tomazina. Conta que sua avó, “Ana ela, descendência de alemã e... se casou com esse bugre... esse bugre! Diz que era uma pessoa muito importante ele, pessoa boa! E... entre os dois, tiveram seis filhos. E ele faleceu novo, um homem novo quando faleceu”.<sup>318</sup>

Durante a entrevista com a sua esposa, Guiomar, o senhor José Salvador menciona sobre um filho de escravo que seria seu primo por afinidade, pois teria sido criado por um primo do seu pai, admitindo a presença negra e os traços do escravagismo no local. Afirmou que “gostava de parar, assim, e escutar ele conversar, sabe? As histórias dele, ele era muito puro, sabe?”.<sup>319</sup> Sobre esta pessoa aparentemente marcante na sua vida, ainda durante a entrevista da sua esposa Guiomar, conta que:

Eu acho que foi criado um pretinho, um escravo, filho de escravo, quando... esses três que eram parentes do meu pai, que eles vieram de lá aqui, aqui era tudo de mata, aqui foi empossado por três irmãos negro, do Rio do Salto até à Serra da Barra Mansa lá, subiu o Ribeirão do Macaco lá, que é a parte aqui entre o Mozigo e a Esperança, eles demarcaram 10 mil arqueiro de terra aí, sabe? E aí esse... Maurício, esse filho de escravo, eles foram em três, três que vieram morar aqui, tudo mata, tudo, tudo, tudo mata. [...]<sup>320</sup>

Em razão dessa menção, quando ele foi entrevistado, pediu-se para que falasse mais sobre essa pessoa, ao que o senhor José Salvador noticia:

E dessa Zeca Vicente que foi onde veio esse... preti... fala preto, hoje, né... esse senhor... um filho de escravo, sabe? E... e se criou com eles... ele se aglomerou com eles em Minas... nos nossos bisavôs, e daí ele ficou junto com eles aqui... e esse homem trazia coisa muito linda, conversa muito bonita, sabe? Só que as conversas de grandes importância já saiu do nosso povo. Eles vieram abrindo... desmatando... é... junto com os índio... que eu sou neto de índio... meu avô Manoel Rodrigues de Carvalho é índio de aldeia, lá do Sapé, da beira do rio... e... Então isso aí veio vindo, veio vindo, veio vindo, e nós estamos aí até hoje.<sup>321</sup>

O senhor Antonio Ramos aponta a sua esposa para atestar a existência de população indígena na região, afirmando que a ascendência da mulher é de povos indígenas da região de Congonhinhas.

<sup>318</sup> SOUZA FILHO, José Salvador de. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 8 ago. 2021, vídeo MP4, 46m26s.

<sup>319</sup> SOUZA FILHO, José Salvador de.

<sup>320</sup> SOUZA FILHO, José Salvador de.

<sup>321</sup> SOUZA FILHO, José Salvador de.

Eu sei, pelas histórias, que a região sempre foi forte nisso... Olha, um exemplo disso é a Lígia ser descendente de índio [risos], a vó dela é... a sogra dos índios de Congonhinhas, a cidade aqui à esquerda de Ibaiti, então a... o Joaquim Vicente cita... a tribo, não sei se é o Guarani... que existia nessa região que foi aonde entraram... que eu acho que não era pelo Salto. Pelo Salto eu conheci passando de balsa, não tinha ponte, não tinha nada. Eu acho que lá já tinha uma facilidade maior, que é o que entrava, né, que é o que vinha... a região de São Paulo. E os índios eram violentos ali, é o que ele conta... é em um desses dois livros, ele fala sobre isso.<sup>322</sup>

Para o senhor Sebastião Gonçalves, a lembrança de indígenas articula-se aos seus saberes medicinais:

Vi uns par de pessoa de... sabe? [...] Por exemplo, eu via pessoa [vestida] de índio, achava... aqui no Palmital mesmo, tinha uma rapaziada lá, falava tudo atrapalhado, sabe ou não? Quase não entendia o que eles falava, e era... de índio, sabe? É aqui no... Salto, no Salto do Itararé, sabe? É... então a turma falava: “olha o índio”, sabe? Daí era mesmo. Era pouco, não era muito, era poucas pessoas. Ah, era uma família também, [...] tinha uma família de índio, sabe ou não? Então, lembro certinho deles, até o índio sempre sabe, assim, as coisa de remédio, sabe ou não? [...] É, índio sempre sabe negócio de remédio, ensinar remédio, as coisas assim, é uma beleza, nossa vida, coisa boa eles.<sup>323</sup>

O senhor José Paixão aborda com reticência a relação com a vizinhança não mineira em Quatiguá, embora registre que, atualmente, “virou tudo em amizade, graças a Deus não houve nada de anormal, né”.<sup>324</sup> Segundo relatou, os estabelecidos no bairro em que sua família chegou em Quatiguá eram “italianada que não dava bola pra ninguém, certo? Eles não... eles deixavam de lado mesmo. Cada um pra si. É... e nós convivemos muitos anos junto com essa italianada aí”.<sup>325</sup> O entrevistado, porém, reitera que o estranhamento foi só no começo e que, em seguida, fizeram amizade e a família se “misturou”, referindo-se aos casamentos havidos entre as famílias italiana e mineira.

<sup>322</sup> SILVA JUNIOR, Antonio Ramos da. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 23 jul. 2021, vídeo MP4, 48min31s.

<sup>323</sup> GONÇALVES FILHO, Sebastião. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 13 ago. 2021, vídeo MP4, 01h02m03s.

<sup>324</sup> PAIXÃO, José Domingos da. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 1 jul. 2021, vídeo MP4, 52m03s.

<sup>325</sup> PAIXÃO, José Domingos da.

É... e no fim acabou misturando a família de italiano com os mineiros e... mas os italianos não topavam muito a mineirada não, não! Mas daí... era difícil! Agora hoje misturou tudo, né. Hoje... hoje não, já faz tempo, né, que misturou e que foi se achegando, né. E... criaram amizade e boas amizades, né.<sup>326</sup>

Sua irmã, a senhora Aparecida, não admite ter sofrido discriminação, mas fala como se tivesse identificado uma tensão na forma da ausência de relações de cooperação entre a vizinhança, como outrora havia experimentado em Minas:

Aqui é muito diferente de lá, né. Lá a pessoa era um na casa do outro, matava um porco, tudo mundo comia, né. Todo mundo tinha um pedaço. Era tudo unido. O que morava lá no sítio e qualquer lugar que a gente fosse era, era gente rico, que tinha bem mais terra do que nós, era pessoa que era a mesma coisa de ser da casa, né. Aqui muda muito. Muda muito, né. Povo aqui não... Não é tudo que, que tem muita gente boa, mas também tem gente [...], você não tem mais aquela liberdade, né, que você encontra, com isso. A gente era tudo unido. Um matava porco, dava pedaço pros outros. Fazia uma coisa, repartia. Aqui é diferente, né? Ah, demorou pra gente fazer amizade aqui. É muito difícil. [...] a gente vê, né, uma pessoa às vezes passa perto de você, parece que você nem conhece a gente, né. É muito diferente de Minas.<sup>327</sup>

O tipo de experiência relatada pelos irmãos Paixão não é semelhante à que se observou com relação aos outros entrevistados, que comunicaram não perceber estranhamentos com os estabelecidos no Paraná. Isso pode se dever justamente ao caráter heterogêneo da população que compunha o meio rural da região: há mais ou menos tempo, muitos também foram migrantes, o que fez com que se criasse uma teia de acolhimentos recíprocos formada na identificação com a situação do outro.

Os modos de fazer e viver desses migrantes no meio rural do Norte Pioneiro do Paraná – a cultura ordinária – formaram-se em processos inconscientes, que é como se dão os processos culturais, segundo Denis Cuche.<sup>328</sup> É diferente do que acontece com a formação da identidade, em que há um elemento volitivo, consciente, em querer se identificar a partir do seu lugar de origem, para o que se vale de elementos simbólicos.<sup>329</sup> É dizer: o que torna os entrevistados mineiros no Paraná?

<sup>326</sup> PAIXÃO, José Domingos da. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 1 jul. 2021, vídeo MP4, 52m03s.

<sup>327</sup> VALLE, Maria Aparecida da Paixão. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 1 jul. 2021, vídeo MP4, 40m57s.

<sup>328</sup> CUCHE, Denny. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 1999.

<sup>329</sup> *Ibid.*



Para compreender essa construção da identidade, Cuche se vale de uma pesquisa em psicologia social dos Estados Unidos da década de 1950 que observou a integração de imigrantes, constatando como ela articula-se a partir da interação entre o indivíduo e o seu meio social e como se configura no recurso pelo qual ele se localiza e quer ser localizado dentro do ambiente social. Nesse sentido, a identidade seria um dos componentes de diferenciação cultural que serve tanto para incluir o indivíduo num grupo quanto para excluí-lo de outro.<sup>330</sup>

É de se destacar o aspecto relacional da identidade, que é fundamental para a compreensão de como os migrantes mineiros vão se entender e procurar ser identificados, o que significa que ela se forma de modo dialógico, em contato com outros grupos.

Pode-se constatar como a identificação pela mineiridade não foi a única a transparecer nesses contextos, embora tenha, em alguns casos, como o de Siqueira Campos, ganhado primazia, o que se justifica por uma opção, seja do memorialista, seja da historiografia tradicional. Basta analisar como a família de migrantes mineiros dos irmãos Maurílio e José Pitarelo menciona as práticas que se ligariam a uma identidade italiana, como as rezas na língua italiana e a tradição na preparação de polenta (no próximo capítulo).

A heterogeneidade da população das comunidades rurais em que os entrevistados chegaram, por exemplo, serve para compreender como a identificação de uma mineiridade é um recurso para se diferenciar dentro de lutas simbólicas sociais de categorizações e é útil para se comprovar que, na verdade, os mineiros não eram os únicos, mas uma categoria identitária criada para se diferenciar dos múltiplos sujeitos que povoaram o Norte Pioneiro.

---

<sup>330</sup> CUCHE, Denny. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 1999.

## CAPÍTULO 3 – OS SUJEITOS EM TRÂNSITO E O CAMPO EM TRANSFORMAÇÃO

### 3.1 SUBJETIVIDADES AMBIENTAIS E MEMÓRIA

Este capítulo se propõe a dialogar com as fontes para extrair delas o entendimento sobre como os entrevistados perceberam as transformações do campo e da vida no campo. Tal propósito foi se constituindo na medida em que as entrevistas se realizavam e os entrevistados expressavam como esses processos foram se costurando: desde a década de 1940 até a segunda década do século XXI, o campo norte-paranaense sofreu diversas transformações, algumas das quais o capítulo contemplará, como a erradicação de cafezais, a dispensa de mão de obra, o vazio demográfico e a monocultura mecanizada.

Busca-se dar primazia às conexões dos sujeitos com o ambiente, por entender que estes não apenas falaram sobre ele e suas transformações, o que não poderia passar despercebido, mas também são resultado desse ambiente a partir da interação, das experiências que ali desenvolveram.

Essa consideração manifesta sua importância, sobretudo, ao se falar em migração, situação de mudança no local de moradia, de trabalho, de lazer, que envolve uma teia de relações que se modificam na vida do migrante, e também da população rural, cujo modo de vida, como observou Charles D’Almeida Santana, ao tratar sobre migrações na Bahia entre os anos 1950 e 1980, é especialmente condicionado pela natureza. O pesquisador pontua como, “no contexto de toda uma cultura, o meio ambiente fazia-se presente na constituição de hábitos, valores, costumes, representações da vida e da luta criados e recriados pelos trabalhadores [...]”.<sup>331</sup>

O senhor José Paixão, que deixou Ibitiúra de Minas aos oito anos, foi desafiado pelo seu pai, na única vez que retornou, a se lembrar do lugar onde morava, e conta com satisfação que surpreendeu o pai ao reconhecer o local:

Aí o meu pai, quando nós chegamos lá na cidadinha, aí meu pai falou: “você não sabe mais onde você morava. Onde nós morava você não sabe”. Eu falei: “sei, quer ver?” Quando nós chegamos na cidade assim, falei pra ele: “é

---

<sup>331</sup> SANTANA, Charles D’Almeida. **Fatura e ventura camponesas**: trabalho, cotidiano e migrações: Bahia 1950-1980. São Paulo: Annablume, 1998, p. 37.

lá naquelas bananeiras lá em cima lá ó!”. É uma serra assim ó. Você olha da cidade, é assim ó. “É lá ó, lá naquelas bananeiras”, falei pra ele.<sup>332</sup>

A casa de morada é um lugar capaz de atravessar o tempo sem se desfazer completamente na memória. Ela insere-se no conceito de lugar por várias razões: “proporciona abrigo; a sua hierarquia de espaços corresponde às necessidades sociais; é uma área onde uns se preocupam com os outros, um reservatório de lembranças e sonhos”.<sup>333</sup> É nela que o indivíduo encontra segurança, proteção, descanso, a ponto de recuperá-la pela memória anos após tê-la deixado, tal como fez o entrevistado, senhor José Paixão.

Quando pedido para a senhora Centilina falar sobre a casa para a qual sua família se mudou ao chegarem no bairro Ribeirão Bonito, em Quatiguá, em 1952, foi assim que o fez: “era uma casa de tábuas, de chão, fogão de barro, isso eu lembro!”.<sup>334</sup> Esses detalhes remontam a uma arquitetura não mais usual, mas balizam um tempo e um lugar na memória de quem experimentou. É possível que o entrevistado que viveu esse lugar, recorde-se do toque da parede áspera de tábuas, ouça o som do chão ao ser pisado, sinta o cheiro da lenha queimando no fogão e cozinhando o alimento: são as formas como percebeu e aflorou o lugar ao narrá-lo. Assim também é possível que todas essas sensações se unam, produzindo um efeito sinestésico, pelo qual a percepção sensorial não se separa, mas envolve todos os sentidos simultaneamente – uma experiência sensorial total.<sup>335</sup>

Ao continuar com a descrição da casa, a senhora Centilina ressalta as dificuldades da residência, que qualificou como “velha”, e lembra que morar nela foi “sofrido”, pois não protegia da chuva.

Agora a casa que nós morava ali não tem mais, né, que eles desmancharam e fizeram. Você pode olhar daqui pra lá, às direitas, que tem uma casinha amarela ali. [Aquela foto] é dali, mas só que não é daquela casa, né, era uma casa velha que nós morava, de chão, fogão de barro, quando chovia, enchia

<sup>332</sup> PAIXÃO, José Domingos da. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 1 jul. 2021, vídeo MP4, 52m03s.

<sup>333</sup> TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013, p. 202.

<sup>334</sup> BARBOSA, Centilina Gonçalves.

<sup>335</sup> TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 24-62, 2014. DOI: <https://doi.org/10.31239/vtg.v8i1.10599>.

de água. É, foi sofrido! A casa era bem ruim, que nós morava ali. Depois graças a Deus abriu uma porta e o pai fez uma casa boa lá no sítio, né.<sup>336</sup>

A água que entrava era o elemento externo que tirava da casa a ideia de abrigo, pois ela é exatamente o local em que se espera estar protegido da adversidade que se encontra fora dela, daí a conexão que a entrevistada faz com o sofrimento: se não protege, causa aflição e demanda mudança. Sua narrativa externa o caráter transitório que a casa representava, entre a vinda de Minas Gerais e a expectativa por uma vida melhor, que é representada pela casa nova que o seu pai construiu ao adquirir um sítio. Ao descrevê-la, ressalta como, apesar de ter sido desmanchada e construída novamente várias vezes, resistiu pela qualidade da madeira.

Que era madeira de peroba, não estraga, né. Daí mudemos pra ali, fez ela ali. Daí desmanchou, era lá, que lá era nova ainda, né. Nós moremos lá só três anos, lá longe. Aí ele comprou aqueles três alqueires ali, fez ali. Fez a casa ali. Daí depois passado com os anos, depois que o pai já até tinha mudado pra cidade, o João [irmão] desmanchou ela de novo e fez de novo, mas tudo com as mesmas madeiras. Só que daí fez diferente. Fez de vitrô, fez forrada, né. Fez diferente, mas a madeira dela, em volta, é tudo daquele tempo que o pai fez.<sup>337</sup>

Enquanto dona Guiomar era entrevistada, algo que chamou a atenção na casa em que atualmente mora, no distrito rural do Alecrim, município de Salto do Itararé (embora mais próximo de Siqueira Campos), era um cômodo que parecia ser uma cápsula do tempo pela presença de dois itens: um fogão a lenha com azulejos antigos e um fogão vermelho “Continental 2001”, da década de 1960. Ao pedir para contar sobre a casa em que viveu em Andradas/MG, começou dizendo que “a casa meio... assim, era de assim, tinha uma paineira na porta, a casa era de chão”.<sup>338</sup>

Os elementos que remetem à arquitetura da época sobressaem das entrevistas, possivelmente como forma de demarcar uma outra temporalidade, tal como o piso de chão ou o fogão de barro, elementos que ganharam mais valor afetivo com o tempo,<sup>339</sup> de modo que um fogão Continental 2001, há cinquenta anos, simbolizou a substituição da lenha pelo fogo a gás, uma modernidade pouco

<sup>336</sup> BARBOSA, Centilina Gonçalves. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 15 jan. 2021, vídeo MP4, 51m20s.

<sup>337</sup> BARBOSA, Centilina Gonçalves.

<sup>338</sup> SOUZA, Guiomar Aparecida Delcol. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Salto do Itararé, PR, 8 ago. 2021, 01h5m35s.

<sup>339</sup> TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013, p. 232.

acessível, e muitas famílias se desfizeram dele conforme foram sendo lançados novos modelos; hoje é uma peça *vintage*, objeto de museu ou coleção. Da mesma forma, o fogão a lenha é incomum nas casas atuais, exceto para um espaço *gourmet*, e sua presença remete à comida feita pelas avós. Os significados desses objetos só foram obtidos com o tempo e significam meios de segurar o passado e torná-lo acessível.<sup>340</sup>

Na narrativa da senhora Guiomar, foi nítida a sua demarcação espacial a partir da casa em que morou na zona rural de Andradas/MG:

O meu pai tocava um... um parreiral pra um tal de Guido, ele fazia vinho, trabalhava ali na cantina, sabe? Naquele tempo enchia um negócio lá de... tudo de material, enchia de uva e tinha de entrar lá dentro e socava com o pé! Daí socava, socava, depois trancava a janela pra azedar, né? Era o vinho que eles fazia, vinho e vinagre. Isso aí eu lembro que tinha, a Dona Mariquinha era a patroa do pai, eu lembro que ela tinha um fogãozinho de cimento vermelho, rebocado em vermelho, né, assim, antigo, né, chamava Dona Mariquinha, e depois no dia de mudança eu lembro que tinha casa pra cima, depois descia pra baixo, tinha um pé de limeira, lima, que nem laranja, hoje não tem mais aquilo quase, né? Daí tinha uma caixa d'água, minha mãe lavava roupa ali, daquela caixa d'água saía uma bica, mas eu não sei da onde vinha a caixa d'água, era alguma mina que vinha ali, né?<sup>341</sup>

Em três ocasiões do trecho, ela se localiza por marcos: a paineira, a limeira e a caixa d'água, invocando balizas espaciais que faziam sentido para uma criança com idade inferior a pelos menos cinco anos. Cabe neste ponto um parêntese para a imprecisão da idade: pode ser que dona Guiomar tenha incorrido em algum equívoco ou sobre a sua idade, que afirmou ser de dois anos, ou sobre suas memórias, já que é impossível que tenha memórias bem consolidadas aos dois anos de idade. É possível também que ela tenha se valido de memórias falsas – aquelas narradas por outrem, mas que tomou para si –, ou que tenha se enganado sobre sua idade, já que era comum, à época, que as datas de nascimento reais não correspondessem às dos registros. De qualquer forma, os marcos físicos que menciona não passam despercebidos, pois é por meio deles que constrói o seu esquema espacial, tendo a casa como referência.

O ser humano, à medida que vai desenvolvendo a inteligência sensório-motora, constrói esquemas espaciais e marcos de referência que vão adquirindo

<sup>340</sup> TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013, p. 228.

<sup>341</sup> SOUZA, Guiomar Aparecida Delcol. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Salto do Itararé, PR, 8 ago. 2021, 01h5m35s.

complexidade conforme a idade avança.<sup>342</sup> No trecho da entrevista, é possível perceber como a casa é a referência para dona Guiomar, já que os marcos são identificados a partir dela, então ela é o centro donde partem as direções. Isso advém de uma identificação da casa como lugar seu. O sujeito, ainda que de forma inconsciente, esquematiza um espaço tomando a si mesmo como referência,<sup>343</sup> de modo que a conexão entre o sujeito e os lugares se dá por uma relação coordenada do corpo.<sup>344</sup> Isso se deve, de acordo com Tilley, à forma como se aprende a orientar-se em relação aos lugares, através de mapas cognitivos que arranjam a percepção através de um nexos corporal.<sup>345</sup> Esse referencial continua aparecendo adiante:

Era uma casa assim, de atravessado assim a casa, pro lado de baixo era o terreiro, até um dia eu tava brincando, minha irmã Dercy varria os terreiro, pegava lá de roda da casa e vinha varrendo pra baixo, ia juntando cisco, né? E ela tava varrendo assim debaixo daquela baita paineira, que cai folha, né? A casa assim do lado de cima. Eu não lembro bem que jeito que era lá dentro, eu lembro da cozinha, a cozinha era pro lado de cima, que meu pai gostava de pescar, ele ia trabalhar na beira do rio, o Rio... como é que chama o rio lá, véio?<sup>346</sup>

O seu esposo, senhor José Salvador, entrevistado posteriormente, responde que se tratava do Rio Taquari, e então ela continua:

É, Rio Taquari, e ele fazia uma volta e ia plantar um arroz na baixada e levava as vara de anzol e deixava... deixava iscado, quando iscava que ele via que tinha peixe ele ia tirar, ele trazia uns bagrão desse tamanho! Daí eu lembro que a minha mãe tinha uma mesona de pau, até eu trouxe a mesa embora, esses antigo, ela ponhava aqueles bagre assim no cantinho, ficava tudo certinho pra fritar de noite, eles vinha de noitinha, né, do serviço, e a casa, eu não lembro que jeito que era os... a mudança lá dentro, eu lembro só o quarto aonde que eu tomei banho, é um quartão grande, assim de chão, era a casa tudo de barro, que quando não era de barro era de só assentado o tijolo, eles assenta o tijolo lá só assentadinho, né, casa do sítio assim, assenta o tijolo só e reboca por dentro, às vezes nem não reboca, né? Aquilo lá que nós tava lá não... não era rebocado não que quantos anos já faz aquilo, né?<sup>347</sup>

<sup>342</sup> TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013, p. 39.

<sup>343</sup> *Ibid*, p. 51.

<sup>344</sup> TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 24-62, 2014. DOI: <https://doi.org/10.31239/vtg.v8i1.10599>.

<sup>345</sup> *Ibid*.

<sup>346</sup> SOUZA, Guiomar Aparecida Delcol. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Salto do Itararé, PR, 8 ago. 2021, 01h5m35s.

<sup>347</sup> SOUZA, Guiomar Aparecida Delcol.

A mesa de pau e a casa de barro com as paredes sem reboco mais uma vez fazem o transporte da narrativa para um lugar que mistura o rude ao tradicional, do qual emerge a lembrança da senhora Guiomar. Embora tenha se esquecido da mobília da casa, lembra-se bem de algo: o quarto onde tomou banho, pelas mãos de sua irmã Dercy, antes de partirem para o Norte Pioneiro, conforme contou:

E daí o dia de mudança o homem foi pegar a gente com o caminhão e era madrugadinha e minha irmã Dercy falou assim: “vamo tomar banho que nós vamo embora!”, falou pra mim, ela arrumou uma baciona assim de água e deu um banhinho em mim, assim, até os homem tava carregando as caixa, os baús, naquele tempo era os baús de lata, você já viu aquele baú de lata?<sup>348</sup>

A lembrança do antecedente à viagem remete à forma como Walter Benjamin, em “Partida e regresso”, narra uma situação de partida na infância:

[...] o rastro luminoso sob a porta do quarto, na véspera, quando os outros ainda estavam acordados – não era ele o primeiro sinal de viagem? Não penetrava ele na noite das crianças ansiosas, como mais tarde o rastro de luz sob o pano de cena na noite do público?<sup>349</sup>

Em ambos os casos, são olhares infantis sobre a partida. Beatriz Oliveira e Ulisses Stelmastchuk advertem para como Benjamin apropria-se de lentes infantis para ver o mundo e construir o texto, já que, para ele, a criança está mais privilegiadamente próxima do mundo das coisas do que os adultos.<sup>350</sup> Ao fazer um paralelo com a percepção da entrevistada Guiomar, a construção simples dos referenciais espaciais e do banho de bacia dado pela irmã é um olhar infantil para uma situação de mudança radical na iminência de acontecer que, no mundo dos adultos, acompanhava-se tanto da frustração do pai pela distribuição que o avô teria dado às terras quanto do transtorno de sua mãe em se mudar para longe de sua família, conforme narrou em outro ponto.

Há um saudosismo na junção de um olhar infantil com uma insistência em elementos que simbolizam o passado para o entrevistado: a casa, o quarto, o fogão,

<sup>348</sup> SOUZA, Guiomar Aparecida Delcol. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Salto do Itararé, PR, 8 ago. 2021, 01h5m35s.

<sup>349</sup> BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única: infância berlinense: 1900**. Edição e tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 95.

<sup>350</sup> OLIVEIRA, Beatriz, STELMASTCHUK, Ulisses. Territórios da memória: Walter Benjamin e sua infância berlinense. *In*: Congresso Português de Sociologia: Portugal, território de territórios, 9., Faro, 2016. **Anais** [...]. Faro: Faculdade de Economia da Universidade do Algarve, 2016.

o quintal, o ribeirão, como no caso da senhora Maria Bonardi, para quem as lembranças de Minas Gerais que lhe trazem mais entusiasmo se relacionam com a água. Esta remete à abundância, higiene e diversão, como quando sua irmã Cida ia lavar as roupas da família no ribeirão, enquanto ela

Tinha que ficar dentro do ribeirão, dentro do rio, e ela me levava junto porque escapava o sabão dali da mão dela e o sabão ia pra água abaixo, lenço, meia, essas pecinha pequena de roupa, escapou da mão a água levava e era eu que ficava lá catando, sabe? E pra mim era a maior festa eu ficar dentro d'água porque quem não gostava? Criança adorava e eu ficava dentro d'água lá ajudando ela a catar sabão, catar as roupa e ali eu me deliciava, mas peguei uma senhora de uma dor na perna de ficar dentro d'água que depois a coisa cochou, daí eu não aguentava de dor na perna, acho que peguei friagem, né? Daí fui no médico, não e a gente andava todo mundo descalço aquele tempo, daí o doutor Gibran ainda falou que não, que eu não podia mais tomar friagem e não podia andar descalço mais, daí que meu pai teve que comprar botina pra mim andar o tempo todo de botina da friagem que eu peguei, mas eu gostei. Nossa vida! Agora, eu era criança, né?<sup>351</sup>

Apesar de relacionar a permanência no ribeirão a uma “friagem”, que entende como dores que adquiriu, a conjunção adversativa “mas” deixa claro que valeu a pena: “mas eu gostei”.<sup>352</sup> Sua experiência ultrapassa o contato visual, chegando a ser corporal. Trata-se de uma resposta tátil, como uma das classificações de Tuan para a resposta do sujeito ao meio ambiente.<sup>353</sup> Há um ajuste mútuo entre o ribeirão frequentado por ela (mundo percebido) e a sua experiência corporal dentro dele (o corpo), de modo que as sensações que provou e das quais se lembra são provenientes da comunhão entre ambos.<sup>354</sup> Comparação semelhante é feita por Tilley, sobre o corpo no mundo, traçando um paralelo com o que o peixe experimenta na água: “[...] a percepção articula o sujeito carnal ao mundo no qual o corpo está imerso como um peixe na água. [...] O mundo sensível inanimado é inapropriado, considerando que tal perspectiva não abarca a maneira pela qual o mundo material provoca nossos sentidos”.<sup>355</sup>

---

<sup>351</sup> BONARDI, Maria das Dores da Silva. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 25 jul. 2021, vídeo MP4, 1h40m22s.

<sup>352</sup> BONARDI, Maria das Dores da Silva.

<sup>353</sup> TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012, p. 136.

<sup>354</sup> TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 24-62, 2014. DOI: <https://doi.org/10.31239/vtg.v8i1.10599>.

<sup>355</sup> *Ibid.*, p. 43.



Duas características da senhora Maria das Dores podem ter contribuído para esse envolvimento dela com a água do ribeirão: a idade e o modo de vida rural. A primeira se relaciona ao maior interesse que as crianças têm por sensações físicas, a uma maior abertura mental para elas, além da ausência de projeções definidas de beleza e de expectativas sobre si mesmas.<sup>356</sup> Ademais, para a população rural, esses contatos se dão de forma mais ilimitada, suave, vocacional e inconsciente, enquanto a população urbana, para envolver-se com o mundo físico, deve tomar iniciativas recreativas.<sup>357</sup>

### 3.2 TRAJETÓRIAS E ITINERÂNCIAS: SUJEITOS EM TRÂNSITO

Se, por um lado, o trabalho traz ao eixo da abordagem os sujeitos em trânsito, trata também de sujeitos que viram o ambiente em transformação. Quando chegaram ao Norte Pioneiro do Paraná entre os anos 1940 e 1960, os entrevistados encontraram cafezais, matas virgens, águas correntes e um volume de pessoas que criavam um senso de comunidade. Hoje, perguntados sobre o ambiente rural – no qual muitos ainda permanecem –, apontam, ressentidos, as mudanças que viram acontecer.

Em se tratando de migrações, é comum que os entrevistados mencionem os espaços e lugares em que estiveram durante suas itinerâncias, pois os deslocamentos vão conferindo diferentes modos de sentir e lembrar, indo desde o espaço vivido até ao espaço imaginado, idealizado. É o corpo sensorial, que percebe fisicamente a subjetividade.<sup>358</sup>

Antes, contudo, necessário compreender o espaço num sentido livre, amplo, abrangente, de movimento, enquanto o lugar define-se pelo espaço significado pelo sujeito,<sup>359</sup> ou seja, onde é possível pausar o movimento, permanecer, sentir-se seguro, familiarizado<sup>360</sup>. Em outras palavras, lugares “são fatos existenciais elementares e a construção social do lugar, em termos de outros, é um meio universal de experiência. Quando as pessoas pensam em suas identidades sociais, culturais ou

<sup>356</sup> TUAN, TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012, p. 140.

<sup>357</sup> *Ibid.*

<sup>358</sup> TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 24-62, 2014. DOI: <https://doi.org/10.31239/vtg.v8i1.10599>.

<sup>359</sup> TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013, p. 167.

<sup>360</sup> *Ibid.*, p. 169.

individuais, elas inevitavelmente associam a um cenário, as imaginam e as sentem localizadas”.<sup>361</sup>

Quanto à subjetividade ambiental, esta pesquisa se vale da definição pensada por Guattari, para quem a subjetividade “é o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas, estejam em posição de emergir como *território existencial*, autorreferencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva”.<sup>362</sup> Essa subjetividade se mostra num modo de existir/ser/sentir/viver no mundo e de se relacionar com ele.

Particularmente no que concerne ao meio ambiente, a relação dos sujeitos com o meio é tanto produtora quanto receptora de subjetividades. Ao relacionar-se com o ambiente, o sujeito o experiencia: de alguma maneira, constrói a sua realidade naquele mundo material e é capaz de, vivendo, aprender.<sup>363</sup> Essa experiência, adverte Tuan, tem um aspecto cultural, já que, ainda que os seres humanos tenham possibilidades iguais de percepção pelos sentidos naturais, o modo como se pode valer deles pode provocar diferentes atitudes no ambiente, bem como desenvolver mais ou menos determinados sentidos.<sup>364</sup>

Os lugares referidos pelos entrevistados não se compõem somente do seu aspecto material, objetivo, mas dos sentidos que os sujeitos lhes imprimem a partir das vivências que neles experienciaram, daí se dizer que “nossa experiência e conhecimento do mundo é uma combinação das duas esferas [objetiva e subjetiva] e – justamente por transcender o dualismo sujeito/objeto – é intrinsecamente ambígua. O corpo não é um objeto e minha consciência corporal não é um mero pensamento”.<sup>365</sup>

Essa percepção do sujeito no mundo, para Tilley, inspirado em Merleau-Ponty, definir-se-ia como a relação entre a consciência e o mundo dos significados donde essa consciência surge, considerando o corpo como sujeito e objeto, e não como instâncias separadas, sendo o corpo o instrumento que permite à consciência aflorar – uma consciência da percepção do mundo através do corpo.<sup>366</sup>

---

<sup>361</sup> TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 24-62, 2014. DOI: <https://doi.org/10.31239/vtg.v8i1.10599>, p. 50.

<sup>362</sup> GUATTARI, Félix. Caomose: um novo paradigma estético. **Rio de Janeiro: Editora**, v. 34, 2006, p. 19 (grifo do autor).

<sup>363</sup> TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013, p. 17.

<sup>364</sup> TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012, p. 30.

<sup>365</sup> TILLEY, *op cit*, p. 26.

<sup>366</sup> *Ibid.*

É de se pontuar que o ambiente, se produz subjetividade, produz também memória, do que decorre a sensação de, ao passar por um local, lembrar-se de uma ocasião, de um sabor, ou de alguém. Ao tratar sobre lugares de memória, Nora<sup>367</sup> os diferencia entre aqueles que possuem mais ou menos vontade de memória, respectivamente aqueles propositalmente elaborados e aqueles que são chamados naturais, por serem fruto da experiência concreta dos indivíduos.

Os primeiros são feitos para servir à memória: um monumento em homenagem a um mártir quer invocar a sua lembrança. Os últimos, a seu turno, fazem emergir a memória porque o sujeito experienciou e significou aquele lugar de modo a rememorá-lo, e é sobre eles o interesse deste capítulo. Jörn Seemann afirma que “o lugar pode se tornar um referencial para a memória. As casas e paisagens têm histórias para contar e podem ser associadas a pessoas e acontecimentos”.<sup>368</sup>

A memória espacializada se traduz numa experiência íntima com o lugar, de modo que, embora possamos descrever um passeio, registrá-lo pela fotografia e até expressá-lo de maneira sensível, a sensação do que se viu e sentiu é subjetiva, só quem a experimentou pode conhecer o seu significado.<sup>369</sup> Essa união entre memória e espacialidade é o que Walter Benjamin expressou em “Rua de mão única” e “Infância em Berlim por volta de 1900”,<sup>370</sup> em que narra suas memórias de acordo com as lembranças projetadas sobre os locais pelos quais passou. Para Santana, “trata-se de buscar identidades e referências, no passado, onde as lembranças sedimentam-se e mantêm-se nas dinâmicas humanas, articulando o hoje e o ontem”.<sup>371</sup>

Identificar os sujeitos como móveis ajuda a compreender a sua dimensão. Para os migrantes, o destino não se apresentou pronto e acabado como opção. Se a razão para a mudança fosse apenas o trabalho em lavouras de café ou o trabalho rural em outra cultura, inúmeras outras possibilidades poderiam ter se apresentado. A escolha, portanto, é permeada por influências, expectativas e redes de apoio. Essa causalidade da escolha deriva do caráter itinerante da migração, que revela o “[...]”

---

<sup>367</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Prof. História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.

<sup>368</sup> SEEMANN, Jörn. O espaço da memória e a memória do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, v. 4, n. 1, p. 43-53, 2002, p. 50.

<sup>369</sup> TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013, p. 180.

<sup>370</sup> BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**: infância berlinense: 1900. Edição e tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

<sup>371</sup> SANTANA, Charles D’Almeida. **Fatura e ventura camponesas**: trabalho, cotidiano e migrações: Bahia 1950-1980. São Paulo: Annablume, 1998, p. 36.

campo da precariedade e imprevisibilidade enfrentadas por esses trabalhadores vindos de tão longe”,<sup>372</sup> o que se opõe a versões que admitem um planejamento e organização.<sup>373</sup>

Ademais, como já se registrou, inobstante a migração encontrar-se no cerne da pesquisa, muito provavelmente esse não seja o aspecto mais relevante da vida do entrevistado, para quem a mudança pode ter sido só um episódio, cuja relevância, ao fim, só ele pode significar e avaliar. Assim como alguns se estabeleceram e construíram uma visão positiva da iniciativa, outros houveram por bem fazer o caminho de volta. Alguns, por sua vez, recomendaram o destino a seus amigos e camaradas para que fizessem o mesmo.

O estabelecimento da família do senhor Luis Toniette, por exemplo, aconteceu ao acaso. Isso porque, quando partiu de Andradas/MG, a família do Sr. Luís saiu com destino ao estado de São Paulo: moraram e trabalharam em Mongiana,<sup>374</sup> Veracruz e Jafa,<sup>375</sup> “só tocando café”.<sup>376</sup> Voltar para Minas, segundo Seu Luis, nunca foi uma opção, pois para ele representaria um atraso: “nunca ninguém voltou. Tudo foi só pra frente, foi só pra frente”.<sup>377</sup> Depois da itinerância por três municípios paulistas, decidir rumar para Quatiguá em 1956 tinha o intuito de se aproximar da família da avó materna.

Ele [o pai] nem sabia onde que eles [tia e avó] moravam, aí meu irmão, o Gilton, o mais velho, pegou um... e ele foi na casa de um tio dele, pegou o mapa e achou Quatiguá, aí ele sabia que ele morava em Quatiguá, mas não sabia onde é que era, aí ele pegou um dia ele chegou em casa e falou pra mãe: ‘a senhora quer ir ver a mãe da senhora, amanhã nós vai já amanhã’, ela falou ‘ah, não acredito!’, ele falou ‘vamos! Eu achei onde é que eles moram’. Aí no outro dia eles pegaram o ônibus em Garça e vieram parar aqui, no Paraná, aqui acharam os parentes daqui.<sup>378</sup>

A possibilidade de retorno também não foi cogitada pela família do senhor Waldemar, cujo pai inclusive trouxe mais conhecidos posteriormente: “[...] nunca

---

<sup>372</sup> LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas**: trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo-oeste do Paraná. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005, p. 98.

<sup>373</sup> *Ibid.*

<sup>374</sup> Mongiana é o nome de uma região no estado de São Paulo. O município, na verdade, chama-se Alta Mongiana, e não se pode precisar se ele se refere à região ou ao município.

<sup>375</sup> Distrito de Garça/SP.

<sup>376</sup> TONIETE, Luis. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 17 jun. 2021, vídeo MP4, 48min31s.

<sup>377</sup> TONIETE, Luis.

<sup>378</sup> TONIETTE, Luis.

pensaram em voltar pra trás, porque as coisas lá era mais difícil. É, uma que o lugar onde nós morava lá era... as estrada [era] ruim, e andava a pé, e era trabalhar longe, e aqui já [tinha] serviço sempre mais perto da casa”.<sup>379</sup>

Tanto o senhor Luís quanto o senhor Waldemar utilizam os termos “frente” e “trás”: o primeiro indica o progresso, enquanto o último diz respeito ao retrocesso. Tais termos, de acordo com Tilley, são algumas dimensões básicas e concretas segundo as quais o corpo experiencia o lugar e a paisagem e valem tanto para o corpo em si como para conectar o corpo ao mundo.<sup>380</sup>

Em termos do eixo ‘frente/trás’, há uma assimetria veemente. Nós olhamos adiante, nos movemos e fazemos coisas, agimos no mundo, primariamente em termos do que está à nossa frente. Assim, a divisão ‘frente/trás’ separa o mundo que pode ser visto e manipulado do que não pode com a mesma facilidade. Enquanto nossas costas nos são relativamente indiferentes, nossa face, nossos pés, nossas mãos, nossos membros, apontam para frente ao se engajar e tocar o mundo. Por não ser imediatamente visível e por ser de difícil alcance, nossa retaguarda tem uma propriedade de ocultação.<sup>381</sup>

Para os entrevistados, ir em frente é buscar uma melhor condição de vida, é o caminho para a prosperidade, o futuro. “Atrás”, ou o “caminho de volta”, representa aquilo que já foi deixado um dia e para onde não se deve voltar, o passado.

Não há um fluxo totalmente definido que possa caracterizar o percurso do migrante. Há itinerâncias: idas, voltas, permanências. A senhora Centilina conta que, do grupo que migrou com ela, ninguém voltou, porém parte da sua família que tinha vindo antes sim: “meu tio Sereno voltou pra Arapongas, e de Arapongas ele foi pra Mandaguari. Não sei se é Paraná também”.<sup>382</sup>

A senhora Maura,<sup>383</sup> que morava no bairro Cafundó, em Andradas, por sua vez, foi e voltou de Minas para Quatiguá em mais de uma chance. Após chegar em

<sup>379</sup> PITARELO, Waldemar. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 24 jun. 2021, vídeo MP4, 57m52s.

<sup>380</sup> TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 24-62, 2014. DOI: <https://doi.org/10.31239/vtg.v8i1.10599>.

<sup>381</sup> *Ibid.*, p. 29.

<sup>382</sup> BARBOSA, Centilina Gonçalves. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 15 jan. 2021, vídeo MP4, 51m20s.

<sup>383</sup> MARIO, Maura Martins. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 10 jul. 2021, vídeo MP4, 01h40s.

Quatiguá/PR e trabalhar “a troco de comida, bem dizer, na pobreza mesmo”, relata que um acidente de caminhão com o seu marido foi o estopim para retornarem:

o Lazineho [marido] e um cunhado meu compraram um caminhão velho, foram buscar uma viagem de cebola lá na Barra Mansa, o caminhão rodou na ribanceira lá, acabou com tudo [risos] [...]. Daí eles... ficaram muito desgostosos, resolveram ir embora pra Minas, “vamos embora pra Minas” [...]. E fomos embora de mudança com o caminhão velho... eles arrumaram policial pra ir dirigindo... chegou em Botucatu, parece, esse homem desanimou, falou: “Deus me livre e guarde, eu vou catar um ônibus e voltar embora”. [...] Ah, porque caminhão velho, indo com o maior cuidado, com medo de estourar pneu, três mudanças em cima, minha filha! [...] Pousamos na beira de asfalto naquele caminhão, saímos pro meio do mato procurar água... ah, é... vou te contar que... que coisa!<sup>384</sup>

De volta a Andradas, narra que alugaram uma casa e o marido começou a trabalhar como barbeiro. Segundo conta, a condição de vida “foi melhorando [...] e foi indo até bem, quando começou a ficar bem mesmo a coisa, ele [o marido] pegou uma sangria pra vim embora de novo... e a gente veio e chegou aqui quase chegando fome de novo”.<sup>385</sup>

Quando era realizado o prévio conhecimento do local, este normalmente era feito pelo pai da família, que providenciava a moradia, o lugar de trabalho ou a compra da terra, e só depois buscava os outros membros. “O meu pai veio. Veio aqui com meu tio pra conhecer os lugares, depois eles... já arrumaram o patrão, a moradia e já ficou pra nós vir embora pra cá, em Quatiguá ali”,<sup>386</sup> conta a senhora Edinir.

Para outros, entretanto, a recomendação bastava, inclusive para dispensar o conhecimento prévio do local: “veio aos olhos, ninguém conhecia”.<sup>387</sup> Foi o modo como vieram as famílias das senhoras Maria e Tereza, por recomendação de um amigo que já havia migrado: o Sr. Oscar Pitarelo, que noticiou que migrantes vindos antes e já estabelecidos na terra estavam precisando de camaradas. A confiança foi tudo: três casas os esperavam, e foi onde se instalaram.

<sup>384</sup> MARIO, Maura Martins. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 10 jul. 2021, vídeo MP4, 01h40s.

<sup>385</sup> MARIO, Maura Martins.

<sup>386</sup> GARAGNANI, Edinir Aparecida. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Salto do Itararé, PR, 18 jul. 2021, vídeo MP4, 43m07s.

<sup>387</sup> BONARDI, Maria das Dores da Silva. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 25 jul. 2021, vídeo MP4, 1h40m22s.

Chegou, já tinha lugar, esse Seu Oscar já arrumou tudo pra gente, que inclusive ele morava no mesmo sítio, nós fala sítio, mas era quase uma fazenda, né? Dos Pitarelo e ele é parente, então era o Orlando Pitarelo, o Ítalo Pitarelo e então daí ele já deixou tudo arrumado, nós já tinha casa de jeito, uma casinha de madeira de chão, o piso era terra, mas nós veio direto, já tinha as casinha, inclusive tinha três casa já esperando a gente.<sup>388</sup>

A experiência de conhecidos e familiares servia tanto de influência como de incentivo. A grande maioria dos entrevistados relatou que a escolha do local aconteceu em função de um familiar ter vindo anteriormente. “Tinha irmão, irmã, tudo esparramado, por aí nós tinha, tinha uns par deles”<sup>389</sup>. Para a senhora Guiomar, a família da sua mãe, que viera anteriormente, serviu como referência:

Tinha gente conhecida dele lá em Espírito Santo do Pinhal que tinha vindo pra cá já, os Garagnani, né, os mais velhos. Que minha mãe é Garagnani, era prima dos Garagnani ali. Daí então meu pai disse: “óia, ‘véia’, eu vou lá ver se eu acho uma morada pra cá, lá no tio Martin. E o tio Martin arrumou pra ele a morada, deu cafezal pra ele tocar, tudo, e ele já pegou e já... e ajustou a viagem que era primeiro de trem, ele trouxe um animal, um... que ele ocupava lá, e uma vaca de leite.”<sup>390</sup>

Essa referência, no entanto, nem sempre atendia às expectativas. Na percepção da Sr.<sup>a</sup> Aparecida, o tio, que já morava em Quatiguá, indicou um negócio que ela considera não ter sido dos melhores: “ah, tio Zico morava aqui, né. Foi lá e começou a falar pro meu avô vender, que aqui não sei o quê, no fim... estragou e viemos, né”.<sup>391</sup> Para ela, eles deixaram em Minas uma fazenda, “um lugar tão rico”, que narra com lembranças de fartura de terra, frutas e água, para comprar dois sítios em Quatiguá, que ela chama de “pedacinho”, o que vê com ressentimento: “não sei por que foi”:

Foi-se embora dum lugar tão rico que nós estava. Deu de graça, né. Porque hoje, né, hoje é quase uma fazenda, não era sítio, né. Uma fazenda daquela! O fim da terra sumia, nem enxergava onde os homens plantavam, lá no alto. E mais do lado de cá, do lado de lá, até perto da porta da casa do meu avô

<sup>388</sup> BONARDI, Maria das Dores da Silva. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 25 jul. 2021, vídeo MP4, 1h40m22s.

<sup>389</sup> GARAGNANI, Edinir Aparecida. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Salto do Itararé, PR, 18 jul. 2021, vídeo MP4, 43m07s..

<sup>390</sup> SOUZA, Guiomar Aparecida Delcol. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Salto do Itararé, PR, 8 ago. 2021, 01h5m35s.

<sup>391</sup> VALLE, Maria Aparecida da Paixão. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 1 jul. 2021, vídeo MP4, 40m57s.

assim era cafezal. Cafezal tinha, tinha, tinha! Muita fruta, muitos remédios. Não faltava nada! Se quisesse, tudo o que quisesse, laranja de todo tipo, tudo que você quisesse, laranja lima, aquelas que dá a laranjona assim que faz doce, não sei se você já viu daquele doce que a gente fazia naquelas latonas assim de doce. Não sei por que que foi. [...] Não faltava nada, né. Começava desde a água, né, que todo mundo tinha a bica ali na porta da sua casa, tinha um mangueirão que era cheio de água pros porcos assim.<sup>392</sup>

Em outros casos, a decepção resultou no retorno, o que pode estar atrelado também a uma nova perspectiva de vida em Minas Gerais, advinda, segundo Baeninger, da desconcentração das atividades econômicas, o que contribuiu para que, nos anos 1970-1980, houvesse um refluxo de mineiros para o estado, “apontando o incipiente processo de reversão emigratória da área; cerca de 35,6% dos imigrantes para o estado de Minas Gerais eram de retorno naquele período”.<sup>393</sup>

O retorno a Minas Gerais, após aproximadamente vinte anos da vinda a Quatiguá, é lembrado por Maurílio Pitarelo a respeito da família do Sr. Dervo Pitarelo: “eles estavam bem aqui, tranquilo. Só que ele trabalhava de empregado, né? Ele trabalhava de toca café a meia pro meu pai ali. Depois ele resolveu voltar. Os filhos também quiseram voltar pra lá. Tudo os filhos grandes. Aí voltaram. O único que voltou”.<sup>394</sup>

As famílias iam atraindo-se umas às outras pelas notícias de boas condições de vida que os seus conhecidos iam adquirindo no Norte Pioneiro, dando um caráter coletivo ao movimento. As entrevistas apontam para a importância das redes na migração, que são laços sociais que podem se fundar em relações de trabalho, parentesco, amizade, conterraneidade, entre outras. As redes, segundo Webee Soares, constituem uma

Teia de relações sociais interligadas, mantida por um conjunto de expectativas mútuas e de comportamentos determinados, que apoia o movimento de pessoas, bens e informações, que une migrantes e não migrantes, que liga comunidades de origem a lugares específicos das sociedades de destino, constitui a rede migratória. Essa rede tende a se tornar autossuficiente com o tempo, por causa do capital social, que facilita, aos migrantes em potencial, contatos pessoais com parentes, amigos e

<sup>392</sup> VALLE, Maria Aparecida da Paixão. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 1 jul. 2021, vídeo MP4, 40m57s.

<sup>393</sup> BAENINGER, Rosana. Migração, Migrações. **Ideias**, Campinas, SP, v. 2, n. 1, p. 31-41, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649329>. Acesso em: 16 jan. 2022, p. 32.

<sup>394</sup> PITARELO, Maurílio. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 27 jun. 2021, vídeo MP4, 01h18m47s.



conterrâneos; oferecem aos migrantes oportunidades de emprego, hospedagem e assistência financeira no destino.<sup>395</sup>

Não à toa, é nítida uma articulação entre parte da população de Andradas/MG e a dos municípios em análise no Paraná, articulação esta que só se torna possível através de uma rede de apoio que providencia trabalho, moradia e até o transporte da mudança, como se observa nas entrevistas. É o que Dimitri Fazito chama de “instituição invisível”, que permite contatos e influências que tendem a conferir mais segurança à família migrante.<sup>396</sup> No caso dos entrevistados, um dado importante sobre a constituição dessas redes é que elas ocorriam normalmente entre famílias de migrantes, o que reforçava o caráter de confiança.

A senhora Maura conta que sua irmã se casou e mudou-se para Quatiguá com o marido. Em seguida, vieram seus pais, por recomendação da filha. Esse movimento anterior, aliado às condições de vida difíceis pelas quais passava, foi um encorajamento: “lá não dava nada mesmo, falei: ‘vamos andar pelo Paraná de uma vez’, aí viemos tudo junto de mudança, a Elvira [irmã] com o monte de filho que ela tinha e eu com o marido e a Vera [filha] pequenininha”.<sup>397</sup> A manutenção das relações familiares entre os migrantes, inclusive influenciando diretamente na decisão e escolha do destino, manifesta-se na mudança de famílias inteiras, mantendo o contato com o local de origem.<sup>398</sup>

A mudança podia também não representar uma situação definitiva, mas uma possibilidade, tanto que os entrevistados noticiam que parte dos migrantes não se adaptou e fez o caminho de volta, enquanto alguns tiveram que se acostumar a viver contrariados: “a tia minha não aceitou não. [...] Dava desespero de ir embora de volta. Ela chorava muito, queria voltar, mas não tinha como. Teve que ficar. Não tinha como”.<sup>399</sup> A senhora Maura, embora hoje veja a mudança que fez com um olhar

---

<sup>395</sup> SOARES, Weber. **Da metáfora à substância**: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga. 2002. Tese (Doutorado em Demografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002, p. 21.

<sup>396</sup> FAZITO, Dimitri.

<sup>397</sup> MARIO, Maura Martins. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 10 jul. 2021, vídeo MP4, 01h40s.

<sup>398</sup> LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e de inventar (re)lembranças de migrantes**. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

<sup>399</sup> GARAGNANI, Edinir Aparecida. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Salto do Itararé, PR, 18 jul. 2021, vídeo MP4, 43m07s.

otimista – “não posso reclamar daqui também, tá bom aqui, né” –,<sup>400</sup> confessa que, na época, teve outra percepção: “pra mim, é assim, ‘o dureza de ter vindo’, na época, eu sofri muito, eu vim na marra, eu quase que larguei e falei: ‘que vá esse homem embora, eu fico’”.<sup>401</sup>

Até o estabelecimento se firmar, muitas dúvidas permeavam a decisão dos migrantes e, no caso da família do senhor Maurílio Pitarelo, uma geada foi o estopim para o sentimento de arrependimento. Como relatou, seu pai foi o primeiro da família a migrar, então se sentia responsável pela vinda dos demais irmãos chegados em seguida: “quem era o responsável ali era o meu pai. Meu pai que era o chefe, o cabeça do pessoal”.<sup>402</sup>

Seus pais e tios compraram um sítio de 40 alqueires em Quatiguá/PR em 1952, para pagarem com a próxima carga de café. Porém, em 1953, mesmo ano em que nasceu o entrevistado, a geada matou toda a lavoura de café. “E meu pai, ele é um homem calmo, tranquilo, então ele via a situação. Ele sempre falava: ‘por causa de mim, olha o que esse pessoal está passando!’ [...] Aí eles pegaram pra pagar isso aí com café e agora queima? Como que ia ter dinheiro, né?”<sup>403</sup>

Nessa época o tio Antonio<sup>404</sup> já tinha vindo pra cá. Aí ele pegou, aí o tio Antonio chegou e falou pra ele: “e agora, Orlando, o que é que vamos fazer? Como é que vamos pagar essa propriedade?” Era com o café... E o tio Antonio entrava em desespero, na parte da tarde assim queria ir pro mato, queria se enforcar, falava coisa assim, barbaridade. E eles iam atrás e traziam. E foram acalmando ele e acalmando, aí eles vieram na oficina e mandaram fazer 10 machados, 15 machados para cortar o café embaixo.<sup>405</sup>

O empreendimento de cortar os pés de café embaixo foi visto por alguém que se solidarizou com a situação. O Sr. Lucio Parmezan, avô da esposa do entrevistado, teve um papel relevante para estabilizar a situação.

Lá de cima viu os mineiro, eles falava “os mineiro”, chegando e cortando o café embaixo. Aí ele pegou, foi lá e disse: “Olha, minerada, o que vocês estão

---

<sup>400</sup> MARIO, Maura Martins. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 10 jul. 2021, vídeo MP4, 01h40s.

<sup>401</sup> MARIO, Maura Martins.

<sup>402</sup> PITARELO, Maurílio. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 27 jun. 2021, vídeo MP4, 01h18m47s.

<sup>403</sup> PITARELO, Maurílio.

<sup>404</sup> Antonio Gonçalves Ruas era tio do entrevistado, pai da dona Centilina e bisavô da autora.

<sup>405</sup> PITARELO, Maurílio.

fazendo é errado. Porque isso aqui vocês têm que esperar que onde ele brotar vocês tem que comprar cerrote e cortar, não cortar embaixo.” Aí ele falou: “E tem uma, não se esquentam que se vocês precisar de dinheiro, eu empresto dinheiro pra vocês sem juros e banco vocês aí até começar a produzir”.<sup>406</sup>

Transparecem as relações de confiança e solidariedade dessa narrativa. Para apaziguar a situação daquelas famílias, um estabelecido, então desconhecido, ofereceu dinheiro até a produção acontecer. Assim também o dono da venda e o dono da loja de roupas na cidade, que venderam “a prazo de lavoura” para os mineiros. Tais relações teriam sido fundamentais para que o imprevisto da geada fosse amenizado.

Aí deu uma animada, e ficou amigo deles, foram ali. Aí o tio Antonio acalmou e foram trabalhando, trabalhando. O seu João Sboli também vendia pra eles a prazo de ano mantimento. Compravam no Romi, no Neifi, que era uns turcos que tinha ali. Roupa comprava a prazo de ano, prazo de lavoura. Aí foram reanimando. Foram trabalhando junto ali, tio Ítalo junto ali, né? Aí o tio Antonio depois deu uma acertada e comprou lá onde o João Rua morava lá, onde é que eles morava ali. E depois dali compraram outro sítio, ali onde é a casa do João. E aí foi isso. Acertaram a vida e não quiseram voltar mais pra trás não.<sup>407</sup>

A memória trazida pelo Sr. Maurílio pode ser vista como uma “memória da tragédia”, ou “memória do sofrimento compartilhado”, tal como tratada por Candäu, para quem a identidade também pode ser construída a partir das memórias de tragédias vividas coletivamente, deixando nos participantes uma marca do sofrimento compartilhado e dando especial significado para o grupo que a detém.<sup>408</sup>

### 3.3 LUGAR DE FARTURA

Enquanto a senhora Noemia era entrevistada, deixou seu neto encarregado de dar continuidade ao preparo do café da tarde que fez questão de servir: café coado na hora, pão de queijo saído do forno, cappuccino, leite direto da vaca, bolo etc. Era uma mesa farta na concepção da entrevistadora, mas não para a entrevistada, para

<sup>406</sup> PITARELO, Maurílio. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 27 jun. 2021, vídeo MP4, 01h18m47s.

<sup>407</sup> PITARELO, Maurílio.

<sup>408</sup> CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2019.

quem fartura era outra coisa. Então explicou que, em Minas, ia de carroça fazer compras para o ano todo:

Daí vinha tudo, é uma coisa que eu tenho saudade, porque até hoje eu não gosto de comprar nada de quilo, que eu acho que comprar coisa de quilo é uma miséria, você nunca tem. Aquela época você ia na cidade, você comprava saco, então vinha saco de arroz, feijão nós não comprava porque colhia, saco de arroz, saco de macarrão, saco de açúcar, tudo era de saco. Tudo, tudo, tudo. Ah, 60 kg! Conforme o que você gostava no ano você comprava 2 saco, 3 saco, 1 saco, conforme você gastava você comprava.<sup>409</sup>

Em seguida, ela relata que as comidas não estragavam, apesar do tempo de armazenamento, e traça dois paralelos: na casa da família em Minas, só não havia fartura de leite, mas hoje um dos ramos de negócio da família é a pecuária leiteira, portanto o leite é um item que corresponde à fartura atual; por outro lado, não lhe agrada a ideia de, atualmente, comprar pacotes de alimentos com poucos quilos no mercado, pois era acostumada a ver a despensa cheia de sacos de 60 kg de alimentos.

E daí que nem porco, né, que criava muito porco, matava porco e enlatava, que lá tinha latas de carne, latas de banha, café, torrava e enxia a lata, tinha moinho pra você moer, então tudo isso, tudo isso assim eu achava muito delicado, até hoje eu acho muito gostoso ter aquela fartura que tinha, né? Frango à vontade. Então era uma vida gostosa, a única coisa que nós não tinha era vaca, não... o nosso sítio era muito pequenininho, na época não tinha vaca, então naquela época leite era uma vaquinha só pra tirar o leite pra tomar e era a única coisa que era menos, né, que agora hoje não, hoje a gente tem bastante, mas era muito bom, você nunca passava falta.<sup>410</sup>

Como fez questão de ressaltar, a abundância relacionava-se à alimentação, todavia outros itens não faziam parte dessa abundância: não se tinha dinheiro e as roupas eram compradas também anualmente, este prazo que remetia à carência.

Você não tinha dinheiro, você entendeu? Você não podia comprar assim, muita coisa, roupa principalmente você comprava roupa e comprava uma vez por ano uma roupinha pra você ir numa festa, qualquer coisa assim, era a roupa que você tinha. Você não passava falta, comida você tinha à vontade. Mas negócio que nem hoje o povo vai lá na loja e compra, amanhã vai e compra, não, não tinha nada disso. Lá nós tinha a colheita, mexia com café, café é uma vez por ano, né? Então uma vez por ano que nós fazia compra, a não ser quando faltava alguma coisa, aí ia na cidade e trazia, mas a compra verdadeira era uma vez por ano, então até hoje eu tenho saudade daquilo lá, porque você tinha uma fartura... você tinha um quarto que era uma despensa,

<sup>409</sup>MIGUEL, Noemia Angelo. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 26 jun. 2021, vídeo MP4, 47m20s.

<sup>410</sup> MIGUEL, Noemia Angelo

falava dispensa, né? Então você entrava naquela dispensa, lá tinha tudo, tudo de saco. Então era muita fartura, ninguém... não passava fome.<sup>411</sup>

A entrevistada deixa aflorar a sua percepção de abundância relativamente à vida que levou em Minas Gerais, e como ela significou a dispensa, as idas ao mercado, os sacos cheios de alimentos, declarando expressamente o seu saudosismo. Isso revela, também, parte da sua experiência gastronômica, com itens à disposição para serem preparados. Nesse aspecto, Marcel Proust esclareceu como uma *madeleine* mergulhada no chá foi capaz de transportá-lo para uma casa velha e cinzenta que dava para o jardim e, em seguida, à cidade, à praça, aos caminhos por onde passava, às pessoas da aldeia e à Igreja.<sup>412</sup> Para ele, quando tudo do passado se esvai, “[...] o aroma e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, chamando-se, ouvindo, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, levando sem se submeterem, sobre suas gotículas quase impalpáveis, o imenso edifício das recordações”.<sup>413</sup>

Na propriedade rural em que mora o senhor Sebastião, no bairro Água da Pedreira, em frente à sua casa, havia um engenho de cana à tração com a inscrição “Upton Rowley 8 Cº Ltda. São Paulo”. Embora não se possa precisar o ano de fabricação, o jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro,<sup>414</sup> na edição 08514, de 1922, dava conta da instalação de uma casa comercial em São Paulo/SP sob esse nome. O objeto chamou a atenção, e o entrevistado relatou que a ocasião de se fazer rapaduras em sua propriedade é um evento e que a rapadura produzida por eles, creditando sua esposa em especial, foi aprendida com a sua mãe: “tudo quanto é coisa gostosa minha mãe fazia, fazia rapadura, até hoje... daí fazia rapadura, aquelas coisas gostoso! ela [a esposa] aprendeu com a minha mãe”.<sup>415</sup>

O senhor Sebastião, ao contar sobre as rezas que se realizavam na casa da sua mãe, antecipa-se ao final dos eventos: “depois tinha os comes e bebes, era a

---

<sup>411</sup> MIGUEL, Noemia Angelo. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 26 jun. 2021, vídeo MP4, 47m20s.

<sup>412</sup> PROUST, Marcel. **No caminho de Swann**. São Paulo: Globo, 2006. (Em busca do tempo perdido, v. 1).

<sup>413</sup> *Ibid.*, p. 29.

<sup>414</sup> Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842\\_03&pagfis=10960&url=http://memoria.bn.br/docreader#](http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_03&pagfis=10960&url=http://memoria.bn.br/docreader#).

<sup>415</sup> GONÇALVES FILHO, Sebastião. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 13 ago. 2021, vídeo MP4, 01h02m03s.

coisa mais gostosa do mundo!”.<sup>416</sup> Instado a contar sobre o que havia para comer, narra que “tinha de tudo, tinha batata doce... não sabia o que comia... Era fartura! Fartura! Fartura! Capado... a minha mãe tinha quatro ou cinco capado o tempo inteiro, acabava um capado e matava outro, fazia linguiça [...]”.<sup>417</sup>

Entrelaçam-se, na memória do Sr. Sebastião, as recordações da mãe, da sua casa e das comidas que ela preparava. Segundo ele, era o paraíso, do qual nunca se esquecerá.

Era de tudo, pé de moleque, doce de tudo quanto é tipo, doce de mamão, moleque, não sabia o que comia, sabe? Tão gostoso na casa da minha mãe, nossa vida! É o paraíso! [...] É o paraíso! É a saudade, sabe? A saudade bateu pra valer, igual aquela música, sabe? [...] Nunca vou esquecer, eu vou morrer e não vou esquecer [...].<sup>418</sup>

O entrevistado traz à tona a sua memória gustativa, que transcende ao sabor do alimento e sua necessidade biológica, para agregar também “as mentalidades, os ritos, o valor das mensagens que se trocam quando se está diante da mesa e da comida, os valores éticos e religiosos, a transmissão inter e intrageração, a psicologia individual e coletiva e outros tantos fatores”.<sup>419</sup> É dizer: a fartura de comida na casa da mãe significa também os ritos religiosos que aconteciam ali, a reunião da comunidade, o laço familiar e sentimental entre o preparo e a alimentação, o prazer em se alimentar, e todo o sentido que esses aspectos envolvem entre os participantes.

A memória gustativa aparece também na entrevista do senhor Maurílio Pitarelo, desta vez entrelaçada ao processo de preparação de polenta desde o cultivo do milho até a preparação pela sua mãe. Esse conhecimento do processo revela como o agricultor familiar experiencia a produção do alimento até a mesa. Ele conta que a família Sai, de imigrantes italianos vindos de Itupeva/SP, era sua vizinha de sítio e tinha, em sua propriedade, um monjolo.<sup>420</sup>

---

<sup>416</sup> GONÇALVES FILHO, Sebastião. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 13 ago. 2021, vídeo MP4, 01h02m03s.

<sup>417</sup> GONÇALVES FILHO, Sebastião.

<sup>418</sup> GONÇALVES FILHO, Sebastião.

<sup>419</sup> SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. A alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa. **História: Questões & Debates**, Curitiba: Editora UFPR, n. 42, p. 11-31, 2005, p. 15.

<sup>420</sup> O monjolo apontado pelo Sr. Maurílio foi construído pelo bisavô da autora, Giuseppe Muraro, e seus filhos, na década de 1930, que eram os proprietários anteriores do local.

Ao ser perguntado sobre como era o moinho, ele adverte: “mas igual eu falei pra você, não é moinho, é monjolo, né?”,<sup>421</sup> que, segundo ele, era utilizado por todos os moradores do bairro Ribeirão Bonito. “Só tinha ali. Só tinha aquele monjolo ali, não tinha [outro], o pai falava ‘e, vai lá no...’ era cumpadi já na época... vai lá no cumpadi lá, Luis Sai, Humberto Sai, lá, pra fazer fubá pra nós’. Que... aí ia lá e não cobrava nada”.<sup>422</sup> Em seguida, relata o processo:

Ah, nós levava o milho, né, em grão, debulhado. E chegava lá e mandava eles colocar no, no moinho. [...] Eles não cobrava. Porque a água vinha, a água vinha, enchia, a hora que enchia pesava, levantava lá em cima, a água virava assim, caía, aí o cambal vinha o mijolo vinha e batia. E ia moendo aquilo. Aí depois peneirava em casa, tirava o fubá, aquelas peneirinha bem fininha... tirava o fubá pra fazer polenta. E o resto que era quierinha dava pras galinha e pintinho que tinha muito, sabe? Era mais de sábado. [...] Então eles já ia lá pra, já ficava um lá pra... porque o monjolo a hora que ele subia, eles tinha um gancho assim com pau, eles enforcava ele, sabe? Então ele parava. Aí a água ficava caindo ali, mas ele não locomovia, então ele ficava enforcado. Aí a hora que ia, que ia trabalhar ele tirava aquele forquilha do monjolo ali, aí ele começava a trabalhar. E se não enforcasse ele, ele ficava dia e noite batendo. Porque a água virava, a água vinha...[...] Nossa, lá da... porque era bem pra cima da estrada um pouco... lá da estrada passava e escutava “pei, pei”. Era rápido, não era lerdo, sabe? Era muita água que vinha então enchia ali a, o depósito ali, a hora que ele levantava lá em cima o depósito virava sozinho, aí descia com aquela força que...<sup>423</sup>

O entrevistado toma o cuidado de descrever todo o processo que vai do milho à polenta, passando pela farinha, externando suas lembranças sobre a força da água, o barulho que o moinho fazia e a relação de compadrio/vizinhança pelo qual os proprietários realizavam o trabalho para toda a comunidade sem cobrar por isso. O senhor Maurílio conta sobre o preparo da polenta pela sua mãe em detalhes:

O italiano chamava “panaro”, era... então a mãe tinha aquelas panela de ferro de três pé, desse tamanho assim. Então ela fazia polenta ali. Começou ferver não podia descuidar um minuto, tinha que ficar mexendo direto com colherzona de pau. Aí depois pegava, colocava pouquinho de farinha, ia um pouquinho de óleo, bem no centro daquele panarão, aí pegava aquilo lá e despejava bem no centro ali. Aquilo ia esparramando, esparramando, ficava na beirinha aqui, bem certinho, não caía um pingo fora. Você olha assim, você falava: “como é que pode ficar tão certinho que num caía nada fora?” Tinha medida, né? Aquela polenta ela ficava mais alta no meio assim. Aí nós pegava, nós fazia carne moída com carne de frango refogado e, nossa, fazia... o italiano falava pocho, um frango, o frango em italiano cozido falava pocho. Pnhava aquela polenta no prato assim, aquele pocho por cima, ficava

<sup>421</sup> PITARELO, Maurílio. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 27 jun. 2021, vídeo MP4, 01h18m47s.

<sup>422</sup> PITARELO, Maurílio.

<sup>423</sup> PITARELO, Maurílio.

carne de frango caipira...aí a polenta nós pegava uma linha, uma linhinha, e tirava por baixo assim pra cortar. É, porque se cortasse em cima ela amassava, descascava. Ela ficava uma casquinha crocante em cima, então nós levava aquela linhinha assim, puxava pra cima, tirava [...].<sup>424</sup>

Fica evidente, em sua narrativa, o elemento identitário da culinária, que remonta, desta vez, não a Minas, mas à origem italiana de sua família, quando se refere a palavras em italiano para descrever o molho e a colher de pau usada pela mãe. A referência à culinária italiana, conscientemente ou não, serve para demarcar essa identidade. A propósito, Tilley afirma que “ideias e sentimentos relativos à identidade são inelutavelmente circunscritos às especificidades dos lugares familiares, que, em conjunto, formam paisagens e concretizam a noção de pertencimento”.<sup>425</sup> Para o entrevistado, “não tinha coisa mais gostoso que aquilo!”,<sup>426</sup> relatando as diversas formas com que a polenta poderia ser apreciada, além daquela com molho: com leite gelado e assada no forno a lenha. Segundo ele:

Ah, mas aquilo vou te falar. E com leite? Nós comia com leite, é, leite gelado, leite que nós tinha lá, ponhava um pouco de açúcar. Não tinha coisa mais gostoso que aquilo, polenta com, o resto que sobrava minha mãe assava ela, forninho a lenha. Então tinha o fogão a lenha e o forno do lado. Assava, nós comia aquela polenta assada com leite. Você precisa de ver a delícia que era. Nós comia polenta aquele tempo, aquele tempo nós comia polenta, hein? Meu Deus do céu!<sup>427</sup>

A lembrança da fartura, para dona Tereza, por outro lado, não está no campo da alimentação, mas da água como elemento em demasia em Minas Gerais. Segundo ela, foi avisada de que, no Paraná, as coisas seriam diferentes: “o meu tio falava assim: ‘ih, Tereza, você vai mudar pro Paraná? Lá você tem que catar água com a canequinha’. Porque não era igual lá em Minas, porque em Minas qualquer lugarzinho aquela bica d’água é a coisa mais linda, né?”.<sup>428</sup>

---

<sup>424</sup> PITARELO, Maurílio. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 27 jun. 2021, vídeo MP4, 01h18m47s.

<sup>425</sup> TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 24-62, 2014. DOI: <https://doi.org/10.31239/vtg.v8i1.10599>, p. 50.

<sup>426</sup> PITARELO, Maurílio.

<sup>427</sup> PITARELO, Maurílio.

<sup>428</sup> LIMA, Tereza Isaura de. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 25 jul. 2021, vídeo MP4, 1h40m22s.



A seguir, contrasta a demasia do recurso em Minas com a dificuldade que enfrentou no Paraná – “isso foi difícil, tirar água pra casa, jogava pra casa, tudo no poço, né?” –,<sup>429</sup> relatando que:

Tinha fartura de água lá, agora aqui não, aqui nós chegamo aqui tinha que ir lavar roupa no ribeirão e... pra casa era água do poço, a gente estranha, né, tudo isso. [...] Lá em Minas? Ah! Lá era... a gente lavava roupa naquelas bicona d'água, a coisa mais linda! Lá tinha até "minjolo" tocado a água, limpava arroz, limpava café, tudo no monjolo e daí passava nos fundo da nossa casa, tinha um riozinho e lá eles montaram aquele minjolão grande e daí ficava socando lá, até... até limpar.<sup>430</sup>

Sua irmã Maria complementa a recordação sobre a fartura de água em Minas: “aqueles pingo, é a coisa mais linda, lá tinha água na onde cê queria, você nunca passava sede, não precisava sair de casa e carregar água não, tudo quanto era beira de estrada tinha mina, bica d'água, tinha mina, era a coisa mais linda!”. Dona Maria conta que a água era tão abundante que o banho acontecia na própria bica d'água.

A casa que a mãe morava era daqui na beira do muro, tinha uma bica d'água lá que a gente não precisava nem levar água pra tomar dentro de casa, a gente catava a canequinha e ia tomar na bica, aquela água geladinha! A coisa mais gostosa do mundo! A água aonde você passava na estrada, lá tinha uma mina lá, a gente tomava água lá naquelas folha de... como que chamava aquilo? De inhame, e a água ficava até brilhando naquela folha de inhame! Era uma coisa linda!<sup>431</sup>

A fartura de água em Minas também foi lembrada pelo senhor Sebastião, que se recorda de que a água que vinha de uma serra era represada no terreiro, donde caía uma bica, e quando chovia trazia fartura de peixes:

Chovia muito aquela época [...], aí recolhia a água pra não sujar, quando vinha chuva, às vezes vinha até traíra rodando [...] na água, sabe? E caía no terreiro de casa e nois gritava “mãe do céu, corre aqui, tem uma cobra aqui [risos]” e era a traíra grande, bem bonito, nossa... nunca esqueço daquilo [risos]. A mãe pegava aquela traíra, limpava, [...] era represa, [...] era lindo, a coisa mais linda do mundo. De repente, no fundo de casa tinha um ribeirãozinho, um ribeirãozinho de uns 2 metros de largura, 1 metro de fundura, sabe? mas lotadinho de peixe lambari. Nunca esqueço daquilo. Às vezes quando matava um porco, pegava o jacá, dava aquele... o estrume do

<sup>429</sup> LIMA, Tereza Isaura de. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 25 jul. 2021, vídeo MP4, 1h40m22s.

<sup>430</sup> LIMA, Tereza Isaura de.

<sup>431</sup> BONARDI, Maria das Dores da Silva. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 25 jul. 2021, vídeo MP4, 1h40m22s.

porco, né? Ia lavar lá a barrigada, ponhava [na água] e saía branqueando de lambari, era a coisa mais linda que nós vimos lá... muita coisa.<sup>432</sup>

Pode-se notar que a percepção desses trabalhadores rurais sobre a água é muito mais íntima do que o caráter de mera mercadoria, que, de modo geral, tem sido atribuído a esse recurso atualmente. Os entrevistados referem-se a ela com sentidos muito mais profundos, como sua força para movimentar o moinho, a higiene pessoal, a limpeza das roupas e dos alimentos, sua beleza, frescor e pureza, os peixes que, por ela, serviam de alimento etc. Extraem-se das entrevistas os sentidos diversos que permeiam as lembranças sobre a água, que acabam formando uma subjetividade avessa àquela que a concebe como mero produto ou instrumento para geração de riqueza.

Das narrativas de fartura, há um indicativo de passagem, de um mundo de fartura que não existe mais. Transparece um diálogo entre passado e presente em que aquele, apesar das muitas dificuldades enfrentadas pelos entrevistados, foi capaz de mobilizar esse sentido de fartura, enquanto este remete às coisas poucas, embora mais acessíveis. São impressões de quem viu o campo ir perdendo seus recursos: rios mais secos, solos menos férteis, famílias que não se reúnem mais para plantar o milho nem comer a polenta.

### 3.4 O CAMPO NÃO É O MESMO

O sujeito é resultado do tempo, assim como as coisas e os lugares, não sendo nenhum deles estático, portanto. A percepção do mundo pelo corpo envolve um entrelace entre passado, presente e expectativa de futuro. Assim, as percepções atuais dos indivíduos bebem da sua memória para se saciar.<sup>433</sup> Dentro dessa dinâmica, os entrevistados foram abordados sobre as mudanças que perceberam no meio rural do Paraná, já que esse é o ambiente com o qual se relacionaram por mais tempo e, por conta da permanência nele, na maior parte dos casos. São dois os

<sup>432</sup> GONÇALVES FILHO, Sebastião. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 13 ago. 2021, vídeo MP4, 01h02m03s.

<sup>433</sup> TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 24-62, 2014. DOI: <https://doi.org/10.31239/vtg.v8i1.10599>.

aspectos que mais se destacaram das entrevistas, ambos igualmente sérios: o vazio demográfico no campo e a sua destruição.

O senhor José Pitarelo viu as festas e os jogos de futebol se acabarem no Ribeirão Bonito, da mesma forma que viu a comunidade se desfazer em direção à cidade de Quatiguá. No dia de sua entrevista, pôde-se reparar o vazio do domingo, que não era ocupado nem pela grande família, nem pela vizinhança reunida para o futebol que costumava jogar, cujo campo agora correspondia a uma plantação do outro lado da estrada, de frente para a varanda da sua casa. A casa que fora do seu pai jazia em ruínas ao lado da sua, e do terreirão de café só sobrou o espaço há tempos inutilizado. Então ele desabafa sobre a solidão que o campo impôs aos que permaneceram nele, embora esclareça que, atualmente, a situação tenha em partes melhorado:

Nós vivimos uns sete, oito anos aqui que o vizinho mais perto nosso era lá em cima lá [...]. Era o mais perto nosso. Nós ficamos seis, sete anos aqui isolado, completamente. O Rubens mesmo e a Nena [dona Centilina] não morava ali, morava lá embaixo... Ali [...] [na] granja, só tinha, só tinha [...] aqueles que cuidava da granja ali, mas ficava só de dia, de tarde ele ia embora, aqui onde é que o Mingoti comprou, não tinha nenhuma casa, não tinha nada. Nós passemos uns seis, sete anos que foi difícil também. Tinha dia que dava uma vontade que vinha lá de cima do serviço, dava vontade de ir embora, porque todo mundo que morava por aqui, os conhecidos, venderam e foram em Quatiguá. E nós sofrimos aqui também uns par de ano. Aí graças a Deus foram a molecada foram casando, fazendo as casa. O cumpadi João polaco comprou ali, o Donizete comprou lá em cima onde tem outra casa lá, tem um camarada lá também. Então foi povoano aos poquinho de novo.<sup>434</sup>

Essa melhora nem de longe se compara aos tempos da infância ou mocidade, quando “tinha um monte de gente aqui, Deus o livre! Tinha bastante gente, nossa vida!”.<sup>435</sup>

Porque foi dentro de pouco tempo acabou todo mundo. A fazenda Angelim, que tinha umas duzentas famílias lá, hoje acho que não tem nenhum. Aqui nesse bairro nosso aqui, subia pra cima ali do Ambrósio pra cima ali, hoje você vai até o Luis Spina, né? Do Luis Spina pra cima ali vivia acho que umas cem, cento e pouca família ali. Hoje só tem um capataz do Bordignon lá. Toma conta lá, não tem mais ninguém. E lá pra baixo lá, do lado do João Rua lá, do teu tio lá, quem que tem lá também? Ali tinha alguma pessoa também, não tem mais ninguém.<sup>436</sup>

---

<sup>434</sup> PITARELO, José. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 30 jun. 2021, vídeo MP4, 47m42s.

<sup>435</sup> PITARELO, José.

<sup>436</sup> PITARELO, José.

A esse vazio, o senhor José atribui alguns fatores, tais como o enfraquecimento da terra, associado à dificuldade de produzir, porque, segundo ele, a produção não tem preço no mercado. Isso fez com que a agricultura familiar fosse, em grande parte, substituída pela pastagem e criação de gado. “Maior parte é só pra gado. Porque não adianta você teimar na plantação também, não produz. E quando produz não tem preço”. Além disso, o campo altamente tecnicista impõe uma barreira econômica para a produção, diferente dos tempos de trabalho do entrevistado, quando: “nóis não, nóis não pensava em trator, em maquinário, em nada dessas coisa. Nóis fazia tudo no braço, conforme dava. Agora hoje todo mundo que planta é só no maquinário né?”.<sup>437</sup>

O Sr. José revela como uma nova realidade do campo se apresentou para ele: baixos preços e dependência técnica, o que inviabiliza que pequenos produtores possam sobreviver do meio rural e impõe o êxodo para o espaço urbano. Juliane Moreira e Alessandra Isabel de Carvalho,<sup>438</sup> ao analisarem a retração da cultura de café no norte do Paraná entre 1960 e 1975, lançam um olhar crítico às fontes históricas e à historiografia que atribuíram esse fenômeno a um único evento: a geada de julho de 1975. Segundo constataram, a geada foi um aspecto aliado a vários outros, dentre os quais o esforço do governo militar em incorporar a produção cafeeira à agroindústria, modernização que não pôde ser suportada pelos pequenos produtores,<sup>439</sup> além de “medidas governamentais de racionalização da produção, os baixos preços, o surgimento de organismos prejudiciais às lavouras e as geadas”.<sup>440</sup>

Assim, a vontade governamental não correspondia à manutenção da agricultura camponesa nos moldes em que se estruturava, já que não tinha aderência no modo capitalista de produção em escala, o que era sustentado por um discurso de que o campo tradicional era um óbice à modernização da nação, revelando uma opção de desenvolvimento em que a agricultura familiar não se mostrava interessante.<sup>441</sup>

---

<sup>437</sup> PITARELO, José. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 30 jun. 2021, vídeo MP4, 47m42s.

<sup>438</sup> MOREIRA, Juliane R. Santos; CARVALHO, Alessandra Isabel de. Transformações na paisagem agrícola no Norte do Paraná: perspectivas sobre o processo de retração da cafeicultura (1960-1975). **Anais SNCMA**, v. 8, n. 1, 2017.

<sup>439</sup> *Ibid.*

<sup>440</sup> *Ibid.*, p. 2.

<sup>441</sup> LOHN, Reinaldo Lindolfo. Mitologias do desenvolvimento: extensão rural e modernização: o caso de Santa Catarina (décadas de 1950 e 1960). **Espaço Plural**, v. 9, n. 18, p. 9-17, jan./jun. 2008.

Nesse contexto de modernização onde o imperativo foi a integração do setor primário à indústria, os incentivos para a produção cafeeira no Paraná foram retraídos, enquanto se ampliavam para gêneros agrícolas que atendiam melhor ao princípio da agroindustrialização.

Desse modo, era preciso acentuar o desestímulo do cafeicultor, já delineado pela baixa de preços e outros agentes, enquanto encorajava sua inclinação à diversificação. Em 1975, com a ocorrência de geadas, principalmente da geada de 18 de julho, as mudanças que ocorriam no campo se intensificaram com a erradicação abrupta da lavoura cafeeira, enfatizada naquele momento como emblema da fragilidade da dependência do cultivo de uma única espécie.<sup>442</sup>

Tais aspectos coincidem com a narrativa dos entrevistados, como a do senhor Luis Toniette, que terminou seus dias na cidade de Quatiguá enquanto este último capítulo se desenvolvia. Para o entrevistado, os trabalhadores do campo “desacorçoaram com a lavoura”, o que remete a todas as dificuldades que a vida no campo infligia ao camponês. Era um trabalho duro, braçal, ao sol, sujeito às intempéries da natureza. Sem chances de aderir à agroindústria, a produção perdia o preço, e o trabalho duro não poderia resultar em sustento.

Foi, foi formando pasto, cada um formava pasto, foi acabando com a lavoura, né? Tudo, aonde que acabou, que aqui não tem mais lavoura, né? Acabou tudo por causa disso. Reforma de pasto, por causa de ir formando pasto por causa do gado, já nem terra de planta não tem mais, né? É só pasto, né? Foi acabando. O povo foi desacorçoando com a lavoura e foi... acabando.<sup>443</sup>

Não há consenso, entre os entrevistados, a respeito do modo de produção agrícola, pois ao mesmo tempo que ressaltam a prioridade das lavouras de café, relatam a produção de itens diversos em menor quantidade. Essa constatação é importante para se poder traçar as modificações do perfil do camponês e da produção a partir dos seus relatos. Cancian, em análise do Paraná até a década de 1930, supõe a coexistência de uma baixa diversificação agrícola e de uma alta concentração de café e outros poucos gêneros, porém sem que se permita falar em monocultura do café.<sup>444</sup> É também essa a constatação entre os entrevistados: remetem-se às

---

<sup>442</sup> MOREIRA, Juliane R. Santos; CARVALHO, Alessandra Isabel de. Transformações na paisagem agrícola no Norte do Paraná: perspectivas sobre o processo de retração da cafeicultura (1960-1975). **Anais SNCMA**, v. 8, n. 1, 2017.

<sup>443</sup> TONIETE, Luis. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 17 jun. 2021, vídeo MP4, 48min31s.

<sup>444</sup> CANCIAN, Nadir Aparecida. **Cafeicultura paranaense: 1900/1970**. Curitiba: Grafipar, 1981.

fazendas cafeeiras e à produção de gêneros diversos para subsistência e venda ou troca do excedente.

As combinações apresentaram sempre as culturas de cereais ao lado do café. Em alguns casos elas podiam ser consideradas como resultantes de culturas intercalares. Há contudo que se observar que, em apenas três municípios (Tomazina, Jacarezinho e Ribeirão Claro), o café aparecia em primeiro lugar. Nesse caso, é possível que o café predominasse nas grandes propriedades, mas naquelas em que os sítiantes não tinham como produzi-lo dados os altos investimentos, predominassem outras culturas, consideradas de subsistência ou ainda para suprir as necessidades do consumo local.<sup>445</sup>

Embora a geada de 1975 não tenha aparecido nas entrevistas, um episódio traumático no campo paranaense foi lembrado pelo Sr. Sebastião, que, ao se deslocar com a família de Monte Sião/MG para o Paraná, em 1963, foi interpelado na cidade de Pedreira/SP, sobre a situação pela qual este estado estava passando:

Nós passava no estado de São Paulo, como em Pedreira mesmo, nós passemo lá pra tordar o caminhão e ficamos parado lá, até as mulher levaram muita coisa pra gente comer lá e ela falava: “cês são louco, vocês são doido! Ir pro Paraná? O Paraná tá pegando fogo!” e na verdade quando nós chegamos aqui tinha pegado fogo no pinhal do Matarazzo ali no Rio Jaguariaíva, Tomazina aqui é difícil até você ver a cidade, era uma fumaça só! Eu mesmo ajudei a apagar fogo aqui, dava aquele redimunho e cê via tudo queimando a ponta das peroba lá, porque era... era coisa incrível!<sup>446</sup>

De acordo com Leticia Paixão,<sup>447</sup> em 1963, 128 municípios paranaenses foram atingidos por incêndios, considerados calamidade pública. De acordo com o governo e a imprensa paranaenses, eram provenientes da estiagem, combinada com o ressecamento dos pastos e lavouras pelas geadas do mês de agosto e com as queimadas no campo, que permitiram a propagação do incêndio em um cenário de fácil combustão.

Contudo, Paixão<sup>448</sup> ressalta que não foi apenas essa combinação que deu causa ao fenômeno, mas também “um processo de erradicação liberando espaço para outras culturas, sobretudo para a pastagem, e a região central do estado, onde

<sup>445</sup> CANCIAN, Nadir Aparecida. **Cafeicultura paranaense: 1900/1970**. Curitiba: Grafipar, 1981

<sup>446</sup> FREITAS, Benedito Aparecido de. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Tomazina, PR, 5 ago. 2021, vídeo MP4, 63min24s.

<sup>447</sup> PAIXÃO, Leticia Aparecida da. **“Seca, geada e fogo”**: considerações sobre um desastre ambiental (Paraná, 1963). 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

<sup>448</sup> *Ibid.*

estavam localizados os remanescentes de florestas nativas e o reflorestamento implantado da Indústria Klabin”.<sup>449</sup>

Trata-se do processo de erradicação de cafezais, que evidencia uma opção política da década de 1960, resultado das geadas, dos baixos preços do café, da baixa produtividade nas áreas de cafezais mais antigos, bem como daqueles plantados em áreas menos adequadas ao cultivo.<sup>450</sup> Aliado a isso, estava o “programa de diversificação econômica das regiões cafeeiras do Estado do Paraná pelo GERCA”<sup>451</sup> (Grupo de Erradicação e Racionalização da Cafeicultura), relacionado ao Instituto Brasileiro do Café (IBC).

A política de erradicação de cafezais tinha como pano de fundo obrigações assumidas no âmbito do Acordo Internacional do Café, pelo qual se fixaram quotas para exportação, que, para o Brasil, foram de 40%, época em que o Norte do Paraná detinha 60% de toda a produção brasileira. Pela iniciativa, houve seleção de áreas apropriadas para a cafeicultura simultaneamente ao rejuvenescimento das plantações. Naquele caso, o Norte Novo figurava como a área ideal, muito em função de sua altitude.<sup>452</sup>

De acordo com Cancian, o GERCA alegava que a dependência do café era um ponto negativo para a renda interna paranaense e promoveu uma redução da produção cafeeira em 14% entre 1962 e agosto de 1967 no Norte Velho (nomenclatura usada por Cancian), cuja área deu espaço tanto a pastagens artificiais quanto a lavouras temporárias.<sup>453</sup> No norte do Paraná, seriam 250 milhões de cafeeiros erradicados por contrato, ao passo que uma quantidade semelhante deixaria a produção não oficialmente, de acordo com Kohlhepp.<sup>454</sup> “No Norte Velho, 23,5% da área foi destinada a pastagens, 21,9% ao milho, 17,3% para o feijão, 16,1% para o algodão, seguindo-se a mamona, a cana-de-açúcar, rami e outras.”<sup>455</sup>

---

<sup>449</sup> PAIXÃO, Letícia Aparecida da. “**Seca, geada e fogo**”: considerações sobre um desastre ambiental (Paraná, 1963). 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015, p. 57.

<sup>450</sup> CANCIAN, Nadir Aparecida. **Cafeicultura paranaense: 1900/1970**. Curitiba: Grafipar, 1981.

<sup>451</sup> *Ibid.*, p. 131.

<sup>452</sup> KOHLHEPP, Gerd. Mudanças estruturais na agropecuária e mobilidade da população rural no norte do Paraná (Brasil). **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 53, n. 2, p. 79-94, abr./jun. 1991.

<sup>453</sup> CANCIAN, Nadir Aparecida. **Cafeicultura paranaense: 1900/1970**. Curitiba: Grafipar, 1981.

<sup>454</sup> KOHLHEPP, *op. cit.*

<sup>455</sup> CANCIAN, *op. cit.*, p. 132.

Um dos problemas sociais decorrentes dessa dinâmica foi o êxodo rural, provocado pelo desemprego dos trabalhadores que se ocupavam com as plantações de café, os quais correspondiam a quase um terço da população do estado.<sup>456</sup> Embora houvesse um plano de diversificação agrícola para que essas pessoas trabalhassem nas mesmas propriedades, mas agora no cultivo de outros gêneros, não havia ocupação para todos, sobretudo na atividade, causando um intenso fluxo de migração para as cidades.<sup>457</sup> Na área rural, isso resultou no trabalho rural precarizado, com a redução de trabalhadores rurais com contratos permanentes, a separação entre o local de trabalho e de moradia, a predominância de boias-frias sem proteção social.<sup>458</sup> De acordo com Anibelli, a modernização da agricultura no Paraná não rompeu com o modelo de concentração fundiária, mas expoliou do campo milhares de camponeses.<sup>459</sup>

Apesar desse contexto de substituição das áreas destinadas aos cafezais, a longo prazo não se pode dizer que houve uma diversificação da produção para o interesse interno. Pelo contrário, as terras paranaenses tenderam à concentração e à monocultura à medida que o camponês deixava o campo. Segundo dados do IPARDES de 2020,<sup>460</sup> a produção agropecuária da região do Norte Pioneiro tem seus índices impulsionados pela pecuária bovina e galinácea e pela produção de soja, milho e cana-de-açúcar, itens que correspondem aos interesses do mercado internacional de *commodities*. Essa dinâmica do desenvolvimento regional do Norte do Paraná entre os anos 1930-1980 foi objeto de estudo de Kohlhepp, que a descreveu como:

De uma zona pioneira no limite sul da região tropical, amplamente desmatada com pequenos e médios estabelecimentos para uma região no auge da cafeicultura, orientada para o mercado mundial e finalmente para uma paisagem agrária diversificada e uma agricultura modernizada controlada pelo agrobusiness.<sup>461</sup>

---

<sup>456</sup> KOHLHEPP, Gerd. Mudanças estruturais na agropecuária e mobilidade da população rural no norte do Paraná (Brasil). **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 53, n. 2, p. 79-94, abr./jun. 1991.

<sup>457</sup> *Ibid.*

<sup>458</sup> *Ibid.*

<sup>459</sup> ANNIBELLI, Mariana Baggio. Impacto dos agrotóxicos sobre o meio ambiente no Estado do Paraná – Brasil. **Polígonos. Revista de Geografia**, n. 14, p. 169-181, 2004.

<sup>460</sup> Disponível em: [http://www.ipardes.gov.br/perfil\\_municipal/MontaPerfil.php?codlocal=704&btOk=ok](http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/MontaPerfil.php?codlocal=704&btOk=ok). Acesso em: 17 jul. 2022.

<sup>461</sup> KOHLHEPP, Gerd, *op cit*, p. 2.



Esse modelo produz um impacto socioambiental que não escapa à percepção dos entrevistados, incluindo desde a insegurança alimentar até os danos relacionados à perda da vegetação nativa, diminuição da qualidade do solo, da qualidade e disponibilidade de água, entre outros desdobramentos do modelo agropecuário capitalista.

A senhora Leia, ao noticiar as mudanças que constatou no campo, faz referência ao rio que passava pela fazenda onde morava: o rio bem largo, onde era possível pescar com a peneira, hoje é uma “coisinha”, como afirmou. Para ela, isso é a pior coisa. Em sua fala, ela também registra a sua preocupação com a disponibilidade de água para as próximas gerações:

Então, lá na fazenda era o rio, era bem largo, né, tudo foi secando. Isso é a pior coisa que tá, é a água nossa, tá diminuindo a cada dia, né. E lá na fazenda a gente pescava nesse rio, com peneira, eu e meu irmão, e hoje é uma coisinha, sabe? Uma gotinha assim correndo lá um pouquinho de água né, bem pouca água. E, mas está assim geral... [...] Ele me falou que fez mais de duzentos [poços] agora em pouco tempo. Artesiano. Quer dizer, por falta da água estão fazendo artesiano, mas quanto mais artesiano fizer, mais vai... imagina a situação que vai ficar a nossa, né. Futuramente, não sei o que vai ser a falta da água.<sup>462</sup>

Em seguida, dona Leia externa como notou a diminuição das plantações e como, nas culturas que subsistem à utilização de agrotóxicos, tende a diminuir a qualidade da água.

E a plantação... plantação de café diminuiu bastante, teve uma época que acabou mesmo, mas agora já tem muita gente plantando novamente. E outra coisa que veio também que eu acho que judiou muito do meio ambiente foi o eucalipto, e aí começaram a plantar também soja, trigo, aqui na nossa região todinha, daí vai muito veneno, né. Veneno na água, porque daí vem a chuva, leva esse veneno pra água, então houve essa mudança que...<sup>463</sup>

A entrada dos agrotóxicos na vida do campo e, com isso, os seus efeitos colaterais aparecem também quando dona Guiomar, no distrito do Alecrim, explica que “não produz, tá morrendo tudo!”, o que a faz desistir da plantação de frutas e a leva a comprá-las para o consumo.

Eles fala que é o veneno da soja. Tem por ali, pra cá, pra lá, ali. Tem. É, porque a laranjeira daqui não tá dando mais nada, secou, tá secando limão

---

<sup>462</sup> TEIXEIRA, Leia Goulart. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Tomazina, PR, 12 ago. 2021, vídeo MP4, 46m50s.

<sup>463</sup> TEIXEIRA, Leia Goulart.

galego, mexerica. É, e não adianta plantar mais. Eu já comprei vários pé de limão galego pra ver se produz, limão Taiti, produz um tamaninho assim, cai tudo amarelo... fica assim, laranjeira secou tudo, não tem como mais fazer, tem mais fruta pra baixo ali, mas não sei se vai vingar, pêssego, a uva, a gente tem que cuidar, né? Mas não adianta passar veneno porque tem o veneno, né? Então daí a gente compra.<sup>464</sup>

Esse cenário descrito pela senhora Guiomar desperta a curiosidade: o que restou para o homem do campo trabalhar? Ela e o esposo são idosos, então explica que, nas suas terras, “não tem planta mais, só pasto, mas plantava café e era bom, né, tinha o secador pra secar o café e tudo, era bastante pé de café, agora fez tudo em pasto que ele não pode trabalhar mais. [...] É só o pasto e as vaquinha que tira leite, né? [...]”.<sup>465</sup> Sobre a sua percepção a respeito das demais propriedades na redondeza, interpela:

Ah, ninguém planta também. Ninguém planta. E a maioria é pequena propriedade, então... mais é aposentado que mora aqui, mais são aposentados, casal aposentado, outro aposentado, então não trabalha. Depois não tem como ganhar, né? Não tem, você vai plantar um feijão você vê, quase não dá nada, o arroz não dá mais nada por aqui, não tem plantio de arroz. Milho deu bem milho, né, agora esse da safrinha já arrematou, né? Não tem quem plantou. Eu não conheço lavoura por aqui não, aqui em volta não que tem lavoura.<sup>466</sup>

Sua fala esclarece que quem permaneceu no campo são os idosos aposentados, sem pretensão de trabalhar com a terra. De toda forma, segundo dona Guiomar, ainda que se trabalhasse com ela, não se colheria, pois no local “não dá mais nada”.

Ainda sobre o Paraná, o senhor Waldemar aponta como os agrotóxicos interferiram decisivamente no modo de produção:

Naquela época, quando nós viemos pra cá, às vezes, algum tinha um... uma invernada aí pra roçar, que roçava uma vez por ano, falava de fazer um mutirão, aí juntava trinta ou quarenta pessoas... agora hoje acabou isso, né, hoje não tem mais, hoje não existe mais pasto pra roçar, hoje é tudo na base do veneno, o veneno... o herbicida tomou conta.<sup>467</sup>

---

<sup>464</sup> SOUZA, Guiomar Aparecida Delcol. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Salto do Itararé, PR, 8 ago. 2021, 01h5m35s.

<sup>465</sup> SOUZA, Guiomar Aparecida Delcol.

<sup>466</sup> SOUZA, Guiomar Aparecida Delcol.

<sup>467</sup> PITARELO, Waldemar. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 24 jun. 2021, vídeo MP4, 57m52s.

Os entrevistados relacionam aspectos que verificam no seu cotidiano com a chegada dos agrotóxicos: a inviabilidade de culturas que não sejam resistentes a eles e a sua dominação na produção agrícola, embora seus efeitos sejam sentidos não apenas sobre os cultivos, englobando também o transporte dos resíduos para rios e lagos, que acabam contaminados; o comprometimento da saúde por doenças relacionadas ao seu uso, seja pelo manejo direto, seja indiretamente, via cadeia alimentar; a diminuição da qualidade dos alimentos e da água;<sup>468</sup> a imposição de uma dependência da agricultura à indústria desses produtos, que abrangem todo o complexo produtivo dominado por transnacionais do ramo;<sup>469</sup> o aparecimento de pragas cada vez mais resistentes; entre outros.

Entre as mudanças ambientais percebidas pelo senhor Waldemar, encontra-se a diminuição do rio e das áreas de matas, e o aumento de áreas dedicadas a pastagens.

Mudou muito, mudou porque... naquela época tinha bastante café, tinha mata, esses rio nosso aqui, o Ribeirão Bonito, era um rio até... não era pequeno, tinha um rio que tinha bastante nascente, tinha bastante água... era até o... clima aqui era outro, agora mudou muito, tá acabando tudo, acabou os mato, acabou os café, virou tudo em pasto. E... tá assim.<sup>470</sup>

Uma das razões apontadas pelo senhor Waldemar para a mudança que percebe relaciona-se à quantidade de chuvas, que, segundo ele, diminuiu. Essa dificuldade impõe a barreira técnica e econômica de um sistema de irrigação.

Antigamente produzia de tudo... uma que o tempo também ajudava, né, agora o tempo... a chuva tá pouca, o tempo tá seco... naquele tempo chovia mais. E agora, como o tempo também que vai ficando seco, não tá produzindo... só quem tem uma irrigação que... que pode colher alguma coisa, então... vai mudando.<sup>471</sup>

---

<sup>468</sup> VIANA, Pedro C. Guedes; FOWLER, Rossana B.; ZAPPIA, Vania Regina S.; MEDEIROS, Maria Lucia M. B. de. Poluição das águas internas do Paraná por agrotóxicos. *Terra Livre*, n. 2, 1987.

<sup>469</sup> MARTINS, Geraldo B.; PIMENTA, Paulo Sergio P.; MARTINS, Victor Hugo T.; PAULINO, Eliane Tomiasi. Impactos da utilização dos agrotóxicos na região Norte do Paraná. *In: Encontro de Geógrafos da América Latina*, 10., 2005, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 20-26 mar. 2005.

<sup>470</sup> PITARELO, Waldemar. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 24 jun. 2021, vídeo MP4, 57m52s.

<sup>471</sup> PITARELO, Waldemar.

Ele lembra, ressentido, o que se plantava há tempos, rememorando a sua infância e início da vida adulta.

Tudo quem tinha propriedade produzia de tudo na propriedade, ali ele tinha o arroz, ele tinha o feijão, ele tinha milho, ele tinha cebola, ele plantava alho, ele colhia... e ele tinha um... galinha caipira, tinha porco... naquele tempo o que predominava era o porco caipira, agora hoje já quase que não tem mais... Não tem porque... as plantações de milho pra consumo acabou, o mais é só pra fazer silagem pra tratar de gado...<sup>472</sup>

Na paisagem do local para o qual se voltou o estudo, observa-se, em consonância com o que as entrevistas apresentaram, um predomínio das monoculturas de soja e milho, além de imensas pastagens para gado bovino. Particularmente com relação à pecuária bovina, há uma preocupação relacionada, entre tantos impactos, em geral, à remoção da cobertura vegetal para formação das pastagens, além da erosão e compactação dos solos, diminuindo a infiltração da água nos lençóis freáticos e liberando gás carbônico na atmosfera.<sup>473</sup>

Ao ser perguntada sobre mudanças ambientais, a senhora Maura exclamou: “ah, meu Deus! pra falar nisso, dá vontade de chorar!”.<sup>474</sup> Ela também se lembrou de como encontrou, há aproximadamente cinco anos, o bairro onde nasceu, chamado Cafundó, em Minas Gerais, emendando, emocionada, que:

Lá no Cafundó, onde eu nasci, tinha um rio enorme, coisa mais linda do mundo... e agora, quando a gente foi lá, faz uns cinco anos, quatro, cinco anos, não sei [...] esse rio que era a coisa mais linda lá tá um pouquinho só de água. Passamos no, no Grotão, que tinha... a minha casa, a casa do meu pai, que era na beira da estrada assim, um Morrão que subia e... do lado de lá da casa, menina, tinha um rio, muita pedra, aquele barulhão, quando chovia, que... caía bastante água, era um barulhão... nós entramos lá, pedimos pra mulher que mora lá, pra gente ver... que tristeza! Ficamos todos decepcionados de ver, porquê... como diminuiu esse... esse tempo seco assim, acho que tá acabando com tudo mesmo, né? Isso eu fiquei muito triste, porque isso deu uma diferença, Nossa Senhora!<sup>475</sup>

<sup>472</sup> PITARELO, Waldemar. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 24 jun. 2021, vídeo MP4, 57m52s.

<sup>473</sup> WÜST, Caroline; TAGLIANE, Naiara; CONCATO, Ani Carla. A pecuária e sua influência impactante ao meio ambiente. *In*: Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental, 6., 2015, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: Instituto Brasileiro de Estudos Ambientais, 23-26 nov. 2015.

<sup>474</sup> MARIO, Maura Martins. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 10 jul. 2021, vídeo MP4, 01h40s.

<sup>475</sup> MARIO, Maura Martins.

O sentimento de tristeza que a senhora Maura externou é uma expressão da relação de despojo desses camponeses para com os referenciais ambientais por eles significados. O rio não tem mais água, as matas caíram, o campo não tem mais gente, a água e o alimento não têm mais qualidade. A natureza local passou a “obedecer a uma lógica extra local, com uma quebra às vezes profunda dos nexos locais”,<sup>476</sup> tal como a perda do referencial produtivo dos camponeses com a terra, bem como dos laços subjetivos e sentimentais que os sujeitos experimentaram com esses locais.

---

<sup>476</sup> SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 4. ed., 10. reimpr. São Paulo: Edusp, 2020, p. 254.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas primeiras páginas desta dissertação, convidei o leitor a conhecer mais sobre outras versões da migração mineira em Siqueira Campos e no Norte Pioneiro, que procurei conduzir por meio das entrevistas e da bibliografia, como possibilidade de ampliar uma perspectiva já muito conhecida, principalmente entre os que habitam essa região, que romantiza tal migração a ponto de considerá-la única e heroizá-la. Antes de poder formular tal convite, no entanto, eu tive que fazê-lo a mim mesma, que num primeiro momento escrevi meu projeto de pesquisa partindo dessas premissas muito simplificadoras.

O início da pesquisa foi um processo de tomada de consciência e um exercício de busca que permitisse expandir essas ideias que permeavam o passado da região do Norte Pioneiro paranaense. Um primeiro passo foi a ideia de ampliação das fontes e a opção definitiva pela metodologia da história oral, que envolveria a produção, de fato, dessas fontes. A respeito dessa produção, vem a calhar o contexto histórico das entrevistas, ainda mais pertinente em se tratando de uma dissertação em História.

Assim, para falar da produção desse corpo de fontes, preciso passar pela decisão em desenvolvê-lo, que passou por algumas contradições que acabaram por se resolver ao final. O início das entrevistas aconteceu no mês de junho de 2021, quando as primeiras doses da vacina contra o coronavírus ainda estavam sendo – tardiamente – aplicadas, em que pesem a falta de empenho e o atraso do governo federal em levar a cabo a vacinação dos brasileiros. Havia o temor de que a realização das entrevistas – com pessoas idosas – pudesse contribuir para a transmissão do vírus. A submissão do projeto ao Conselho de Ética e a aprovação dos protocolos de segurança apontados para a realização das entrevistas foram determinantes para que elas se realizarem.

Um aspecto que julgo essencial nas entrevistas foi a capacidade de mobilização. Primeiro, da entrevistadora, que saiu do conforto de sua casa e andou por estradas rurais em busca de histórias que os próprios narradores não julgavam que pudessem me interessar, sendo surpreendidos positivamente pela abordagem. Depois, dos entrevistados, que eram convidados a fazer esse movimento de vaivém entre o passado e o presente, cujos significados eles também mobilizaram no momento da entrevista, para consolidar, ao menos por ora, a sua versão. Por fim, a

mobilidade provocada na história única, que precisa dar espaço para que outras versões se movimentem por onde antes não cabiam.

A mobilização da entrevistadora, devo dizer, não foi só de sair a campo, mas também de escutar, de saber silenciar, de saber compreender, de interpretar e sentir a vida do outro. Por várias vezes, senti como se estivesse no Ribeirão Bonito dos anos 1950 e andei por ele imaginando os meus entrevistados na sua juventude, a minha família, que também morou ali, os cafezais, as lavouras de subsistência, os bailes e jogos de futebol, então também posso dizer que foi um exercício de movimentação temporal que me instigou a repensar aquele ambiente que já teve mais vida e exuberância e hoje experimenta um clima de solidão sob as pastagens cortadas por traços de córregos que não correm mais.

O entrevistado não estava apenas no que relatou durante a entrevista, mas também na casa em que me recebeu, na sua hospitalidade, no silêncio do campo, no sol da tarde na varanda, no cheiro do café que passou, e tudo isso foi compondo as tramas que resultaram na entrevista. Esse olhar ampliado ao entrevistado foi essencial para se trabalhar da forma como se buscou neste trabalho: com centralidade para o sujeito migrante, e não para a migração.

Outro desafio foi o de selecionar os sentidos comuns das entrevistas, pois a seleção envolve uma escolha difícil, já que cada elemento referido pelo entrevistado tem a sua importância, mas cabe ao intérprete pinçar os trechos capazes de melhor dialogar com a problemática do trabalho, bem como com as demais entrevistas. Assim, procurei ser equânime, na medida do possível, na distribuição das falas dos entrevistados durante o trabalho, conforme houvesse relevância e pertinência.

A pesquisa logrou demonstrar o mundo real da migração e encontrou a confirmação de certas hipóteses desde logo colocadas: a de que a historiografia tradicional, que conclama uma história única sobre a ocupação do Norte Pioneiro do Paraná, e particularmente de Siqueira Campos, por mineiros, liga-se mais a uma escolha sobre quais indivíduos a protagonizariam do que ao modo como, efetivamente, essa ocupação se deu. Na realidade, houve uma heterogeneidade de sujeitos que compuseram e compõem a região, desde o nativo até os migrantes e imigrantes de diferentes origens.

A outra circunstância confirmada é a de que as trajetórias dos migrantes mineiros das décadas de 1940-1960 nem de longe se simplificariam pelos discursos

heroicos de desbravamento. Ao contrário, as entrevistas demonstraram como esse processo foi perpassado por dificuldades, arrependimentos, pobreza, separações, inconclusões, entre outras frustrações. Alcançar essa profundidade nas histórias só foi possível graças às entrevistas, sem as quais a compreensão sobre a migração não passaria da superfície.

O migrante mineiro no Norte Pioneiro foi construído e reconstruído. O da memória coletiva, sob a égide de uma região que precisava de uma imagem heroica para se apoiar. O das entrevistas, nas dinâmicas sociais em que se viu e se vê imerso. Este, porém, é vivo, se move e se refaz.

A mim, enquanto pesquisadora, entre os muitos ensinamentos que a pesquisa suscitou e tantos desafios que me provocou, guardo o convite à mobilidade e expansão, dos quais pretendo me valer para as futuras produções acadêmicas, inseparáveis da influência provocada por esta parte da minha trajetória. Da história enquadrada à ampliada. Do sujeito com origem e destino aos sujeitos em trânsito. Do migrante conquistador ao pobre lavrador. Não há uma única história, mas tantas quantas nos dispomos a conhecer.



## REFERÊNCIAS

- 1 SOUZA, Joaquim Vicente de. **Minha Terra & Minha Gente**: história do município da Colônia Mineira e de Siqueira Campos. Curitiba: SEEC, 1988.
- 2 SOUZA, Joaquim Vicente de. **Norte Pioneiro Norte Velho**: Siqueira Campos no cenário do norte do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial, 2007.
- 3 EL-KHATIB, Faissal. **Municípios do Paraná**: história do Paraná. Curitiba: Grafipar, 1969.
- 4 WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2010.
- 5 WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Norte Velho, Norte Pioneiro**. Curitiba: Vicentina, 1987.
- 6 STECA, Lucineia Cunha; FLORES, Marileia Dias. **História do Paraná**: do século XVI à década de 1950. Londrina: Ed. da UEL, 2002.
- 7 NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná**: ocupação do território, população e migrações. Curitiba: SEED, 2001. (Coleção História do Paraná: textos introdutórios).
- 8 BALHANA, Altiva Pilatti; MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Cecília Maria. **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969.
- 9 FERREIRA, João Carlos Vicente. **O Paraná e seus municípios**. Cuiabá: J.C.V. Ferreira, 1999.
- 10 HASS JUNIOR, Arnaldo. **Horizontes da escrita**: historiografia, uma ideia de região e a monumentalização do passado. Alto Vale do Itajaí – SC (1985-2007), 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- 11 LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas**: trajetórias itinerantes de trabalhadores no extremo-oeste do Paraná. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2005.
- 12 THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002.
- 13 THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. **História Oral**, [S. l.], v. 5, p. 9-28, 2009. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/47>. Acesso em: 4 out. 2021.
- 14 ALBERTI, Verena. Histórias dentro da história. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155-202.

- 15 PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, v. 14, fev. 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/viewFile/11233/8240>. Acesso em: 4 nov. 2021.
- 16 POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 3 out. 2021.
- 17 PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro: UFF, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996. Disponível em: <https://1drv.ms/b/s!ArbwoQjLPHNIhYop3p18JCCcRRFB9A?e=7tOfHQ>. Acesso em: 4. out. 2021.
- 18 TOMAZI, Nelson Dacio. “**Norte do Paraná**”: história e fantasmagorias. 1997. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/31883/T%20%20NELSON%20DACIO%20TOMAZI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 set. 2021.
- 19 POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/1941/1080>. Acesso em: 18 set. 2021.
- 20 ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n. 61, p. 53-59, jan./mar. 1994.
- 21 CANCIAN, Nadir Aparecida. **Cafeicultura paranaense: 1900/1970**. Curitiba: Grafipar, 1981.
- 22 ARRUDA, Gilmar. Cidades e sertões: o historiador entre a História e a memória. **Projeto História**, São Paulo, v. 19, p. 121-143, nov. 1999.
- 23 HARACENKO, Adélia Aparecida de Souza. **O processo de transformação do território no noroeste do Paraná e a construção das novas territorialidades camponesas**. 2007. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2007.
- 24 ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.). **Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. Campinas: Pontes, 2001.
- 25 IPARDES. **Diagnóstico socioeconômico do Território Norte Pioneiro: 1.<sup>a</sup> fase: caracterização global**. Curitiba: IPARDES, 2007. Disponível em: [http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base\\_fisica/regioes\\_geograficas\\_base\\_2010.jpg](http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/regioes_geograficas_base_2010.jpg). Acesso em: 11 dez. 2021.

- 26 MOTA, Lúcio Tadeu. As populações indígenas Kaiowá, Kaingang e as populações brasileiras na bacia dos rios Paranapanema/Tibagi no século XIX: conquista e relações interculturais. **Fronteiras**, [S. l.], v. 9, n. 16, p. 47-72, nov. 2007. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/40/51>. Acesso em: 18 set. 2021.
- 27 LE GOFF, Jacques. Memória. *In*: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2003. p. 419-476.
- 28 NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Prof. História**, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- 29 CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2019.
- 30 CARSTEN, Aluizio Alfredo. **Ocupação Humana da Bacia do Rio das Cinzas: uma história de povos sem história**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.
- 31 PAIVA, Paulo José de. **Norte Pioneiro e Salto do Itararé: história regional e local em sala de aula**. 2022. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2022.
- 32 ADUM, Sonia Maria Sperandio Lopes. Historiografia Norte Paranaense: alguns apontamentos. *In*: ALEGRO, Regina Célia; MOLINA, Ana Heloísa; CUNHA, Maria de Fátima da; SILVA, Lúcia Helena Oliveira (org.). **Temas e questões para o ensino de História do Paraná**. Londrina: Eduel, 2008. p. 3-26.
- 33 RAMOS, Igor Guedes; ALVES, Samira Ignacio. **Índios: um silêncio ao Norte do Paraná**. *In*: ALEGRO, Regina Célia; MOLINA, Ana Heloísa; CUNHA, Maria de Fátima da; SILVA, Lúcia Helena Oliveira (Org.). **Temas e questões para o ensino de história do Paraná**. 2. ed. Londrina: Eduel, 2013. v. 1, p. 173-196.
- 34 ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., João Pessoa, PB. **Anais eletrônicos [...]**. João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simpósios/pdf/2019-01/1548177541\\_8d5c06dc86a7c8604dcac1b4244014e8.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simpósios/pdf/2019-01/1548177541_8d5c06dc86a7c8604dcac1b4244014e8.pdf). Acesso em: 21 dez. 2021.
- 35 LANGARO, Jiani Fernando. **Para além de pioneiros e forasteiros: outras histórias do oeste do Paraná**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16539/1/JFLangaro1DISSPRT.pdf>. Acesso em: 21 set. 2021.
- 36 TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem: indagações sobre o século XX**. São Paulo: Arx, 2002.

- 37 RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- 38 ALMEIDA, Paulo Roberto; KOURY, Yara Aun. História oral e memórias: entrevista com Alessandro Portelli. **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 50, p. 197-226, jan./jun. 2014.
- 39 ELIAS, Norbert, SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder em uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000.
- 40 ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. Tradução de Méri Frotscher Kramer. **História Oral**, v. 19, n. 1, p. 115-128, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/642>. Acesso em: 27 dez. 2021.
- 41 FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e História oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, p. 314-332, dez. 2002.
- 42 ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**: seis ensaios da história das ideias. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Editora da Unesp, 2010.
- 43 FILETTO, Ferdinando. **Trajetória história do café na região Sul de Minas Gerais**. 2000. Dissertação (Mestrado em Administração Rural) – Universidade Federal de Lavras, Uberlândia, 2000.
- 44 SILVA, Marcel Pereira da. **De gado a café**: as ferrovias no sul de Minas Gerais (1874-1910). 2012. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- 45 SOUZA FILHO, Enéas Cordeiro de. **Epidemiologia da malária no Estado do Paraná, Brasil, 2002 a 2008**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- 46 BÉRTOLI, Marta, MOITINHO, Maria da L. Ribeiro. Malária no Estado do Paraná, Brasil. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 34, n. 1, p. 43-47, jan./fev. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbmt/a/F9RS73bchJRxqLyD6mFGQSh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 7 jan. 2021.
- 47 MATTOS, Hebe. **Das cores do silêncio**: os significados da liberdade no Sudeste escravista, Brasil século XIX. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- 48 CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- 49 AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira**: gramática, vocabulário. Prefácio de Paulo Duarte. São Paulo: Anhembi, 1955.

- 50 ALVES, Antonio Tadeu de Miranda. **Retratos de caipira**: construção de um estereótipo em Ângelo Agostini: (1866-1872). 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- 51 PAULA, Maria Helena de. Nomes e significados do trabalho rural solidário. **Polifonia**, Cuiabá, MT, v. 20, n. 27, p. 251-268, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1455#:~:text=Rela%C3%A7%C3%B5es%20sociais%20do%20trabalho%20na,de%20um%20saber%20lingu%C3%ADstico%2Dcultural>. Acesso em: 13 fev. 2022.
- 52 WILLIAMS, Raymond. A cultura é algo comum. *In*: WILLIAMS, Raymond. **Recursos da esperança**. São Paulo: Editora da Unesp, 2015.
- 53 BARROS, José D'Assunção de. A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/41422>. Acesso em: 5 fev. 2022.
- 54 LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e de inventar (re)lembranças de migrantes**. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.
- 55 BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz – Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- 56 CALDEIRA, Clóvis. **Mutirão**: formas de ajuda mútua no meio rural. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1956.
- 57 ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus**: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1983.
- 58 MOTA, Dalva Maria da. **Trabalho e sociabilidades em espaços rurais**: os trabalhadores da fruticultura do platô de Neópolis. 2003. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.
- 59 HERRERA, Karolyna Marin. **Da invisibilidade ao reconhecimento**: uma análise do papel da mulher rural a partir da perspectiva da multifuncionalidade agrícola. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- 60 DURHAN, Eunice. **A caminho da cidade**: a vida rural e a migração para São Paulo. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- 61 OLIVEIRA, Dalva. **Mulher, trabalho e vida no campo**: um estudo junto às mulheres da comunidade rural do Ligeiro-Cariri Paraibano. 1996. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1996.
- 62 PANZUTTI, Nilce da Penha Migueles. Mulher rural: eminência oculta. **Cadernos CERU**, v. 8, p. 59-79, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2595-2536.v8i0p59-79>. Acesso em: 14 fev. 2022.

- 63 MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 34, p. 9-23, 1992.
- 64 TANNO, Janete Leiko. Sociabilidade e lazer na Festa do Senhor Bom Jesus da Cana Verde em Siqueira Campos/PR. (1934 -2012). *In*: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais [...]**. Natal, 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364471824\\_ARQUIVO\\_textocompletoJaneteLeikoTanno.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364471824_ARQUIVO_textocompletoJaneteLeikoTanno.pdf). Acesso em: 13 fev. 2022.
- 65 LINO, Anderson. **A história do senhor Bom Jesus da Cana Verde**: conflitos e celebrações em torno de uma imagem religiosa (Siqueira Campos- PR, 1933). 2009. Dissertação (Mestrado em História das Religiões) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1949>. Acesso em: 12 fev. 2022.
- 66 AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 109-120, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10027>. Acesso em: 12 fev. 2022.
- 67 ESQUIVEL, Juan Cruz. Da sociedade política à sociedade civil: a presença pública da Igreja Católica brasileira num período de instabilidade política (1952-2004). **Proj. História**, São Paulo, tomo 1, n. 29, p. 197-221, dez. 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/9952/7392>. Acesso em: 13 fev. 2022.
- 68 BAECHLER, Jean. Grupos e sociabilidade. *In*: **Tratado de Sociologia**. Sob a direção de Raymond Boudon. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. p. 65-106.
- 69 PIMENTA, Rosangela Duarte. O jogo no sertão: conhecendo o futebol amador na zona rural. **Espaço Plural**, v. 14, n. 29, p. 90-113, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/10421/7519>. Acesso em: 12 fev. 2022.
- 70 CUCHE, Dennys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 1999.
- 71 SANTANA, Charles D'Almeida. **Fatura e ventura camponesas**: trabalho, cotidiano e migrações: Bahia 1950-1980. São Paulo: Annablume, 1998.
- 72 TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2015.
- 73 TILLEY, Chris. Do corpo ao lugar à paisagem: uma perspectiva fenomenológica. **Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 24-62, 2014. DOI: <https://doi.org/10.31239/vtg.v8i1.10599>. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/11838>. Acesso em: 16 jul. 2022.

- 74 BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**: infância berlinense: 1900. Edição e tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- 75 OLIVEIRA, Beatriz, STELMASTCHUK, Ulisses. Territórios da memória: Walter Benjamin e sua infância berlinense. *In*: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA: PORTUGAL, TERRITÓRIO DE TERRITÓRIOS, 9., Faro, 2016. **Anais [...]**. Faro: Faculdade de Economia da Universidade do Algarve, 2016. Disponível em: [https://associacaoportuguesasociologia.pt/ix\\_congresso/docs/final/COM0366.pdf](https://associacaoportuguesasociologia.pt/ix_congresso/docs/final/COM0366.pdf). Acesso em: 17 jul. 2022.
- 76 TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2015.
- 77 GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. **Rio de Janeiro: Editora**, v. 34, 2006.
- 78 SEEMANN, Jörn. O espaço da memória e a memória do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, v. 4, n. 1, p. 43-53, 2002. Disponível em: <https://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/77>. Acesso em: 17 jul. 2022.
- 79 BAENINGER, Rosana. Migração, migrações. **Ideias**, Campinas, SP, v. 2, n. 1, p. 31-41, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649329>. Acesso em: 16 jan. 2022.
- 80 SOARES, Weber. **Da metáfora à substância**: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga. 2002. Tese (Doutorado em Demografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.
- 81 PROUST, Marcel. **No caminho de Swann**. São Paulo: Globo, 2006. (Em busca do tempo perdido, v. 1).
- 82 SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. A alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa. **História: Questões & Debates**, Curitiba: Editora da UFPR, n. 42, p. 11-31, 2005.
- 83 MOREIRA, Juliane R. Santos; CARVALHO, Alessandra Isabel de. Transformações na paisagem agrícola no Norte do Paraná: perspectivas sobre o processo de retração da cafeicultura (1960-1975). **Anais SNCMA**, v. 8, n. 1, 2017. Disponível em: <http://anais.unievangelica.edu.br/index.php/sncma/article/view/182/163>. Acesso em: 18 jul. 2022.
- 84 LOHN, Reinaldo Lindolfo. Mitologias do desenvolvimento: extensão rural e modernização: o caso de Santa Catarina (décadas de 1950 e 1960). **Espaço**

- Plural**, v. 9, n. 18, p. 9-17, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/1630>. Acesso em: 17 jul. 2022.
- 85 PAIXÃO, Letícia Aparecida da. “**Seca, geada e fogo**”: considerações sobre um desastre ambiental (Paraná, 1963). 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.
- 86 KOHLHEPP, Gerd. Mudanças estruturais na agropecuária e mobilidade da população rural no norte do Paraná (Brasil). **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 53, n. 2, p. 79-94, abr./jun. 1991. Disponível em: <https://www.rbg.ibge.gov.br/index.php/rbg/article/view/811>. Acesso em: 17 jul. 2022.
- 87 ANNIBELLI, Mariana Baggio. Impacto dos agrotóxicos sobre o meio ambiente no Estado do Paraná – Brasil. **Polígonos. Revista de Geografia**, n. 14, p. 169-181, 2004. Disponível em: <https://buleria.unileon.es/bitstream/handle/10612/8396/Impacto.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 jul. 2022.
- 88 VIANA, Pedro C. Guedes; FOWLER, Rossana B.; ZAPPIA, Vania Regina S.; MEDEIROS, Maria Lucia M. B. de. Poluição das águas internas do Paraná por agrotóxicos. **Terra Livre**, n. 2, 1987. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/download/48/41>. Acesso em: 17 jul. 2022.
- 89 MARTINS, Geraldo B.; PIMENTA, Paulo Sergio P.; MARTINS, Victor Hugo T.; PAULINO, Eliane Tomiasi. Impactos da utilização dos agrotóxicos na região Norte do Paraná. *In*: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 20-26 mar. 2005. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Procesosambientales/Impactoambiental/09.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2022.
- 90 WÜST, Caroline; TAGLIANE, Naiara; CONCATO, Ani Carla. A pecuária e sua influência impactante ao meio ambiente. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO AMBIENTAL, 6., 2015, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Instituto Brasileiro de Estudos Ambientais, 23-26 nov. 2015. Disponível em: <https://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2015/V-025.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2022.
- 91 SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 4. ed., 10. reimpr. São Paulo: Edusp, 2020.



## APÊNDICE A – FONTES

AMARAL, Antonio Barbosa do. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 15 jan. 2022, vídeo MP4, 31m13s.

BARBOSA, Centilina Gonçalves. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 15 jan. 2021, vídeo MP4, 51m20s.

BONARDI, Maria das Dores da Silva. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 25 jul. 2021, vídeo MP4, 1h40m22s.

CÉSAR, Maria da Graça Montanha. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 7 jan. 2022, vídeo MP4, 37m32s.

FREITAS, Benedito Aparecido de. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Tomazina, PR, 5 ago. 2021, vídeo MP4, 63min24s.

GARAGNANI, Edinir Aparecida. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Salto do Itararé, PR, 18 jul. 2021, vídeo MP4, 43m07s.

GONÇALVES, Genir Salvi. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 13 jun. 2021, vídeo MP4, 01h08m03s.

GONÇALVES FILHO, Sebastião. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Siqueira Campos, PR, 13 ago. 2021, vídeo MP4, 01h02m03s.

LIMA, Tereza Isaura de. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 25 jul. 2021, vídeo MP4, 1h40m22s.

MARIO, Maura Martins. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira**

**Campos/PR: por outras memórias e histórias**". Quatiguá, PR, 10 jul. 2021, vídeo MP4, 01h40s.

MIGUEL, Noemia Angelo. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto "A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias"**. Siqueira Campos, PR, 26 jun. 2021, vídeo MP4, 47m20s.

PAIXÃO, José Domingos da. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto "A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias"**. Quatiguá, PR, 1 jul. 2021, vídeo MP4, 52m03s.

PITARELO, José. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto "A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias"**. Quatiguá, PR, 30 jun. 2021, vídeo MP4, 47m42s.

PITARELO, Maurílio. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto "A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias"**. Quatiguá, PR, 27 jun. 2021, vídeo MP4, 01h18m47s.

PITARELO, Waldemar. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto "A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias"**. Quatiguá, PR, 24 jun. 2021, vídeo MP4, 57m52s.

SANTOS, Antonio Leite dos. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto "A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias"**. Siqueira Campos, PR, 15 jul. 2021, vídeo MP4, 01h4m22s.

SILVA JUNIOR, Antonio Ramos da. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto "A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias"**. Siqueira Campos, PR, 23 jul. 2021, vídeo MP4, 48min31s.

SOUZA FILHO, José Salvador de. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto "A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias"**. Siqueira Campos, PR, 8 ago. 2021, vídeo MP4, 46m26s.

SOUZA, Guiomar Aparecida Delcol. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto "A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias"**. Salto do Itararé, PR, 8 ago. 2021, 01h5m35s.

SOUZA, Joaquim Vicente de; CARAMORE, Gabrielângelo. **Hino Municipal de Siqueira Campos**. Disponível em: <https://www.siqueiracampos.pr.gov.br/cidade/hino>. Acesso em: 5 out. 2021.

VALLE, Maria Aparecida da Paixão. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 1 jul. 2021, vídeo MP4, 40m57s.

TEIXEIRA, Leia Goulart. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Tomazina, PR, 12 ago. 2021, vídeo MP4, 46m50s.

TONIETE, Luis. **Entrevista concedida a Isabelle Muraro Gonçalves para o projeto “A constituição da memória social da migração mineira em Siqueira Campos/PR: por outras memórias e histórias”**. Quatiguá, PR, 17 jun. 2021, vídeo MP4, 48min31s.